

Brasil Colonial: Literatura de (in)formação, Barroco e Arcadismo

ITA 2021

Professora Celina Gil

Sumário

Sumário

<i>Apresentação</i>	3
<i>Quem sou eu?</i>	4
<i>Metodologia</i>	5
1 – O que é literatura?	6
1.1 - <i>Questão de estilo?</i>	10
1.2 - <i>Literatura brasileira</i>	10
2 – Literatura de (in)formação ou Quinhentismo	12
2.1 - <i>Textos de informação</i>	13
2.2 – <i>Jesuítas</i>	16
3 - Barroco	19
3.1 - <i>Características do Barroco na literatura</i>	20
3.2 - <i>Barroco no Brasil</i>	24
4 - Arcadismo	34
4.1 – <i>Características do Arcadismo na Literatura</i>	35
4.2 – <i>Arcadismo no Brasil</i>	37
5 – Exercícios	44
5.1 – <i>Lista de exercícios</i>	44
4.2 - <i>Gabarito</i>	75
5.3 - <i>Questões comentadas</i>	76
6 – Referências	116
<i>Considerações finais</i>	116



APRESENTAÇÃO

Caro aluno,

O ITA é (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) é uma instituição universitária ligada ao Comando da Aeronáutica (COMAER). Ele está localizado na cidade de São José dos Campos e é especializado nas áreas de ciência e tecnologia no Setor Aeroespacial.

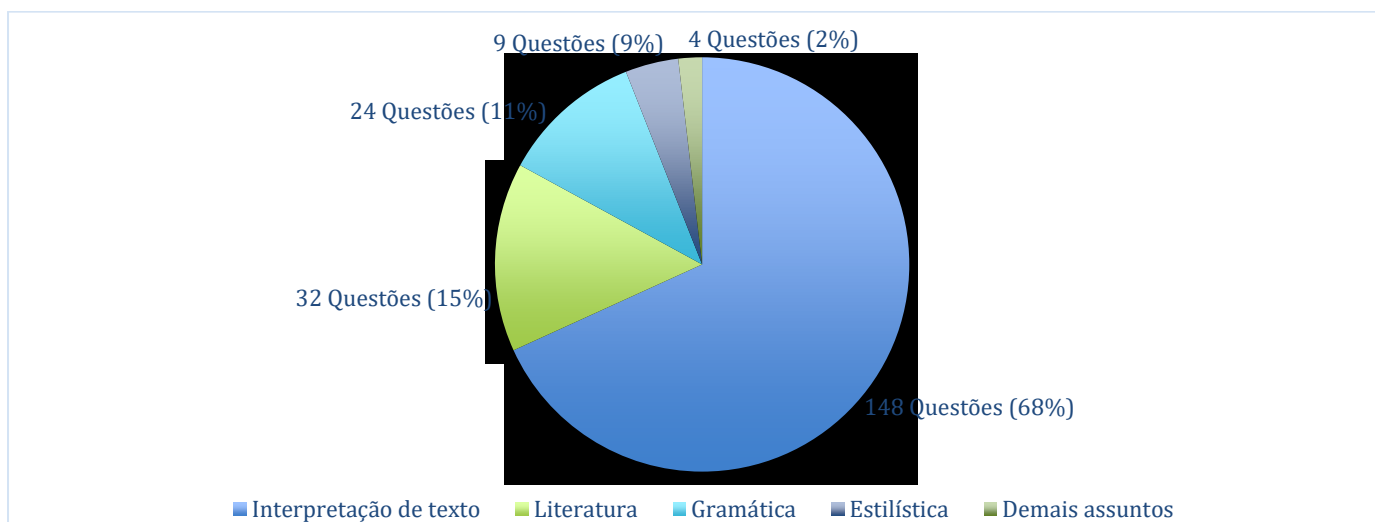
Nos últimos anos, em média **12.000 candidatos** prestaram o vestibular o ITA por ano, optando por uma das seis opções de graduação oferecidas pelo Instituto:

Engenharia Aeronáutica, com 18 vagas e 2157 inscritos no último vestibular;
Engenharia Eletrônica, com 18 vagas e 972 inscritos no último vestibular;
Engenharia Mecânica-Aeronáutica, com 18 vagas e 1618 inscritos no último vestibular;
Engenharia Civil-Aeronáutica, com 18 vagas e 2157 inscritos no último vestibular;
Engenharia de Computação, com 18 vagas e 863 inscritos no último vestibular; e
Engenharia Aeroespacial, com 18 vagas e 3021 inscritos no último vestibular.

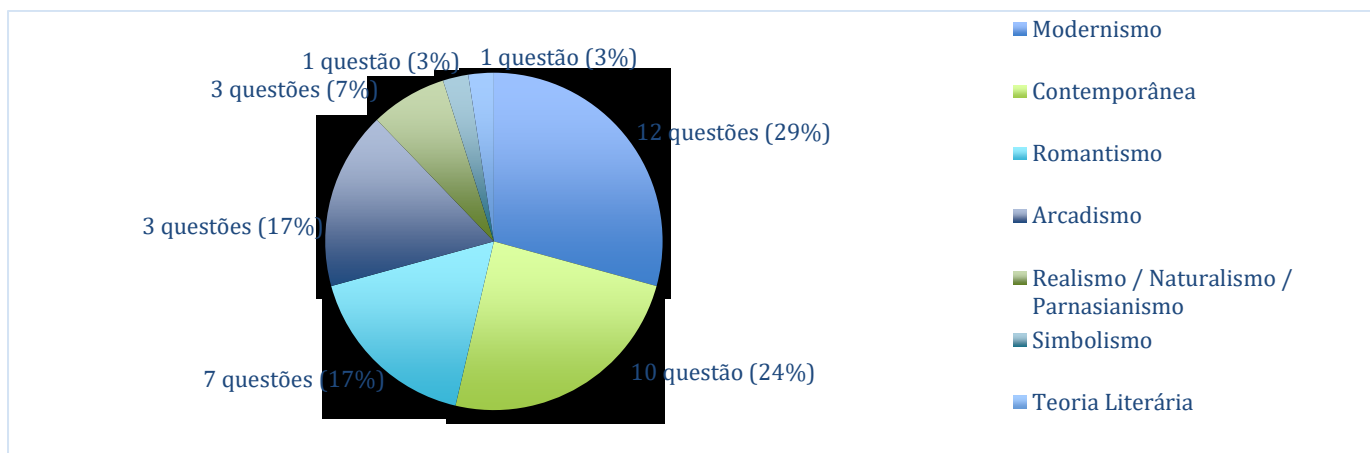
Claro que para todos estes cursos você precisa mandar **muito** bem em exatas! Mas o que às vezes muitos candidatos esquecem é que o **Português** é uma matéria obrigatória deste vestibular. Ter bom conhecimento em Português (gramática, interpretação de texto, literatura e redação) é um diferencial diante dos outros candidatos.

Lembre-se que desde o vestibular 2019 o ITA conta com português nas duas fases: na primeira, como parte da prova de múltipla escolha; e na segunda, a redação.

O setor de português do vestibular do ITA nos últimos 10 anos se dividiu em:



Dentro de **literatura**, estes são os temas mais cobrados:



Lembre-se de que, desde o vestibular de 2019, o ITA conta com português nas duas fases: na primeira, como parte da prova de múltipla escolha; e, na segunda, a redação.

A lista para o vestibular de 2020 foi:

O alienista, Machado de Assis
A hora e a vez de Augusto Matraga, Guimarães Rosa
São Bernardo, Graciliano Ramos

Quando a lista do vestibular de 2021 for divulgada, atualizaremos a informação caso seja necessário!

Ao longo deste material, vamos cobrir as principais escolas literárias do Brasil e seus autores de destaque. Nesta primeira aula, além de entrar na análise das escolas em si, vamos pensar um pouco sobre **o que é literatura**.

Vamos juntos?

QUEM SOU EU?

Olá!

Meu nome é Maria Celina Gil e fui a responsável por esse material que você está vendo. Em 2019, eu completo 10 anos de USP. Ingressei na USP em 2009, no curso de Letras, onde me formei em Português e Latim. Hoje em dia, faço doutorado em História do Teatro também pela USP. Ou seja, pode contar comigo tanto para gramática e redação quanto para literatura.

Também sou formada em Cinema, pela FAAP. Por isso, muitas vezes ao longo dos meus materiais você pode encontrar dicas de filmes, games e séries ajudar deixar o estudo mais divertido.



Já dei aula para crianças, mas especializei-me em trabalhar com jovens e adolescentes, principalmente em cursos preparatórios para provas e vestibulares. Montei esse curso de modo que você possa ter contato com a teoria e sua aplicação prática. A maioria dos exercícios que você encontra aqui veio de provas do ITA e outros grandes vestibulares semelhantes.

Espero que ajude você a passar por esse momento tão importante.

METODOLOGIA

Nosso curso funciona da seguinte maneira:

Estudo dos mais importantes tópicos da **TEORIA** de gramática

Resolução e comentários de **QUESTÕES** de vestibulares dos últimos 10 anos ou inéditas

VIDEOAULAS para entender melhor o conteúdo

Realização de **SIMULADOS**

FÓRUM DE DÚVIDAS para conversar com o professor

Para ser aprovado você precisa, portanto, se dedicar em três frentes:

- Estudar o livro digital;
- Assistir às videoaulas; e
- Praticar questões.



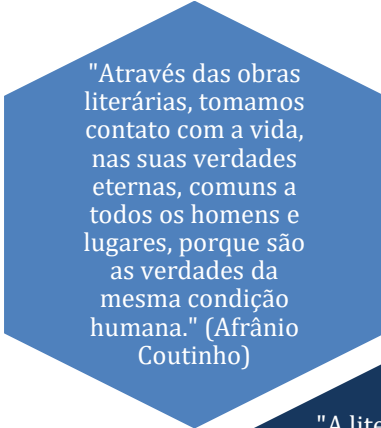
Nosso material tem **MUITAS questões!** Não se preocupe em fazer todas de uma vez. Você pode voltar à aula sempre que precisar! O importante é chegar ao dia do vestibular tendo praticado muito e tirado todas as dúvidas.

1 – O QUE É LITERATURA?


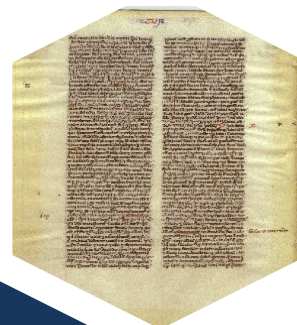
A literatura é uma arte. Como uma expressão artística, todas as culturas em diversos momentos e locais produziram obras literárias. Por muito tempo, as obras não podiam ser fixadas e pertenciam à oralidade, ou seja, eram passadas de geração em geração. Com a invenção da escrita, os homens passaram a poder registrar em forma de texto escrito suas produções. No início, não havia a **consciência da literatura**: escrevia-se para registrar feitos ou comunicar-se com o divino. É somente no século XVIII, com o Iluminismo (lembra das aulas de História?), que surgem autores produzindo **conscientemente** obras literárias.

A palavra **literatura** vem de *littera*, do Latim, “letra”. É, portanto, uma expressão artística ligada à escrita, ou seja, que cria arte a partir das palavras. A literatura pode nos ensinar sobre o momento em que foi escrita, nos ajudando a compreender a sociedade ao longo do tempo ou pode ser um canal para compreender a nós mesmos, falando sobre emoções, desejos, anseios e sensações que são comuns a todos os seres humanos. A literatura pode provocar a reflexão, pode dar asas à imaginação, divertir, denunciar, etc.

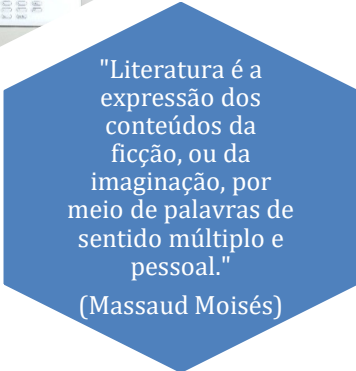
Veja o que dizem alguns pesquisadores e estudiosos de literatura!



"Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana." (Afrânio Coutinho)



"A literatura é uma transfiguração da realidade."
(Antônio Cândido)



"Literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal."
(Massaud Moisés)



Um texto literário é, portanto, uma obra escrita de **ficção** (como disse acima Massaud Moisés). Ainda que possam ser inspirados em acontecimentos reais, a literatura se dedica à reelaboração do real a partir do trabalho poético da linguagem.

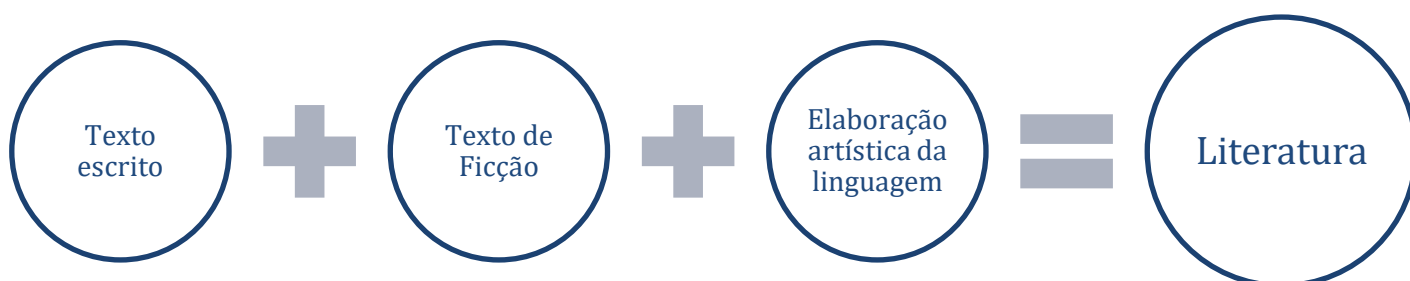
Não é porque um texto é de ficção, no entanto, que ele não deva fazer sentido!

Uma obra literária deve ser **coerente**, ou seja, deve estabelecer uma lógica interna e segui-la. Ainda que ela não tenha nenhum referencial fundado no mundo real, ela deve fazer sentido internamente. Estabelece-se um **pacto entre autor e leitor**, em que o autor elabora um mundo que faz sentido em si mesmo e o leitor aceita esse mundo como **verossímil**: o mundo criado é plausível, possível, provável e **passível de ser verdadeiro**. Um livro pode contar a história de um país fictício na Idade Média, mas para que o leitor acredite neste mundo, ele não pode ser incoerente: ele não poderia, por exemplo, ter carros andando pelas ruas.

Um texto não literário, portanto, tem compromisso com o real, enquanto um texto literário tem compromisso com a verossimilhança, ou seja, com o que pode parecer real.



Grosso modo, se a literatura pudesse ser uma formulazinha, ela seria:



Uma obra de literatura pode ser, essencialmente, de três gêneros: lírico, épico e dramático.

Gênero lírico

São textos que expressam emoções, ou seja, texto voltados para o **eu**. Há foco nos **sentimentos** do autor do texto. Grande parte da poesia está neste gênero, pois muito da produção poética é voltada para os sentimentos. A musicalidade, ou seja, preocupação com o **som** das palavras, também é característica do gênero lírico. **Sonetos, odes e elegias** são bons exemplos de obras que costumam aparecer no gênero lírico.

AMIGA

Deixa-me ser a tua amiga, Amor,
A tua amiga só, já que não queres
Que pelo teu amor seja a melhor,
A mais triste de todas as mulheres.

Que só, de ti, me venha mágoa e dor
O que me importa a mim?! O que quiseres
É sempre um sonho bom! Seja o que for,
Bendito sejas tu por mo dizeres!

Beija-me as mãos, Amor, devagarinho ...
Como se os dois nascêssemos irmãos,
Aves cantando, ao sol, no mesmo ninho ...

Beija-mas bem! ... Que fantasia louca
Guardar assim, fechados, nestas mãos
Os beijos que sonhei pra minha boca! ...

Florbela Espanca, **Livro das Mágoas**, 1978.

Gênero épico

São textos narrativos, em que um narrador conta uma história, em que personagens se envolvem em conflitos. Normalmente de dimensões grandiosas, podem aparecer na forma de poemas longos, como **epopeias, romances, novelas** e outras formas narrativas.

Canto I (fragmento)

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana

Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Luís de Camões, **Os Lusíadas**, 1572

Gênero dramático

Os textos do gênero dramático são aqueles pensados para a **representação**, ou seja, para a encenação teatral – ou realização em outros meios, como cinema e televisão. A narração está na voz das personagens e é através do diálogo que a história acontece. O texto dramático conta ainda com indicações de cena (Ex.: “João sai de cena”; “Maria pega uma carta na mesa”). São exemplos do gênero dramático **autos, comédias, farsas e tragédias**.

O POETA E A INQUISIÇÃO (fragmento)

Gonçalves de Magalhães

PRIMEIRO ATO

CENA I

Vista de sala particular em casa de Mariana. De um lado uma cômoda, sobre a qual estará um oratório fechado, cujo destino se indicará no segundo ato. Do lado oposto uma mesa, e um candeeiro antigo. Mariana sentada, com um papel na mão, como que estuda sua parte teatral. Lúcia em pé, espevitando a luz.

MARIANA – Deixa-me, Lúcia; deixa-me tranquila; Vai-te, deixa-me só... Repousar quero. Esta cabeça de fadigas tantas. De mim terias pena, se soubesses Que turbilhão de fogo me devora Sente tu mesma, toca. (Levando a mão de Lúcia à cabeça.)

LÚCIA – Oh, como queima! Parece um forno!... Que terrível febre! Senhora, quer que eu faça alguma coisa? Quer que eu chame o doutor?

MARIANA – Não; nada quero. Somente que me deixes, eu te peço.

A análise de obras literárias fica a cargo da **crítica literária**. Apesar da palavra **crítica** normalmente nos remeter a “falar mal”, neste caso ela significa fazer uma leitura analítica. É a crítica literária que produz textos que falam sobre obras de literatura ou movimentos artísticos.

O papel da crítica é muito importante, pois é através da sua apreciação que as obras se tornam de entendimento mais claro. Muitos dos traços que falamos sobre estilos literários foram identificados pelo trabalho de interpretação dos críticos.

Por vezes, os vestibulares utilizam textos de críticos para elaborar questões de literatura. Os principais críticos literários brasileiros que figuram nos vestibulares são:

- ◆ Antônio Cândido;
- ◆ Alfredo Bosi; e
- ◆ Roberto Schwarz.

“A atividade literária, assim como toda obra de arte, ultrapassa toda especificidade individual e se torna um instrumento de enorme importância para a formação e a caracterização da cultura de um povo.”

Alfredo Bosi, em **Reflexões sobre a Arte** (1986)



1.1 - QUESTÃO DE ESTILO?

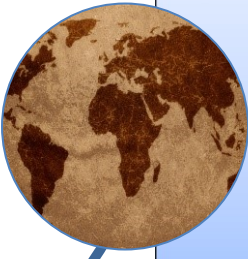
A palavra **estilo** aparece frequentemente em literatura. “Estilo característico”, “estilo do movimento”, “estilo do autor” e tantas outras expressões comuns na análise literária. Segundo Paschoalin & Spadoto (2009) pode-se pensar a noção de estilo em literatura a partir de dois aspectos: o **estilo individual** do autor e o **estilo da época** em que se insere.

Isso significa que quando for interpretar ou analisar um poema, romance, conto ou qualquer outra obra literária, você deve observar os traços característicos do **autor** e os traços característicos da **escola literária**, também chamada de **período literário** ou **movimento literário**.



Estilo individual

- É a maneira muito particular de cada escritor ver o mundo e de organizar sua linguagem para poder traduzir sua visão de mundo.
- Recursos **semânticos** (significado das palavras), **sintáticos** (organização gramatical das palavras) e **fonéticos** (som das palavras).
- Ex.: otimismo ou pessimismo em relação ao mundo; esperança ou melancolia; preferência por prosa ou poesia; linguagem objetiva ou figurada; apego à norma culta ou expressões coloquiais; etc.



Estilo da época

- É a maneira de ver e de expressar o mundo, refletindo características próprias de uma época histórica.
- Mundo **social**, **cultural** e **histórico** influenciam os autores e suas obras respondem artisticamente aos questionamentos da época.
- Ex.: relação com o místico e a religião; modo como o homem se posiciona frente à sociedade; visão acerca de teorias científicas, sociológicas e filosofia contemporâneas ou passadas; etc.

1.2 - LITERATURA BRASILEIRA

Chama-se escola literária um conjunto de obras produzidas num período histórico específico que compartilhem de traços comuns, tanto na confecção das obras quanto dos ideias e preocupações. A classificação das escolas literárias tem a ver, portanto, com sua relação com o **tempo**. Os artistas respondem, cada um a seu modo, às questões de seu tempo e espaço e, ao compartilhar esses traços entre si, são agrupados em uma escola literária.

Inserida, claro, na literatura ocidental, está a **literatura brasileira**. Pode-se dizer que a literatura brasileira tem início já na fase colonial, porém por muito tempo ela se inspira nos movimentos da literatura europeia para se constituir.



De modo resumido, estes são os estilos literários que constituíram a literatura brasileira desde o descobrimento:

	Estilo Literário	Principais autores	Descrição
Brasil Colônia	Literatura de formação ou informação ou Quinhentismo	Pero Vaz de Caminha, Padre José de Anchieta, Padre Manuel da Nóbrega.	- Literatura de viés informativo, com foco em documentar. - Textos de cunho religioso.
	Barroco	Bento Teixeira, Botelho de Oliveira, Gregório de Matos, Padre Antônio Vieira.	- Atenção às incertezas e paradoxos da vida, principalmente a dualidade sagrado X profano. - “Ornamentação” e exagero.
	Arcadismo	Basílio da Gama, Claudio Manuel da Costa, Santa Rita Durão, Tomás Antonio Gonzaga.	- Ideal bucólico: simplicidade e imersão na natureza. - Ideais Iluministas.
Brasil Império	Romantismo	Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Castro Alves, Gonçalves Dias, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida.	- 1ª geração: indianismo e naturalismo - 2ª geração: ultrarromantismo e individualismo. - 3ª geração: preocupação social e abolicionismo.
	Realismo e Naturalismo	Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Raul Pompeia	- Crítica à sociedade burguesa e temas contemporâneos. - Determinismo e análise biológica (Naturalismo).
	Parnasianismo	Olavo Bilac	- A arte pela arte.
Brasil República	Simbolismo	Cruz e Souza	- Musicalidade
	Pré-modernismo	Euclides da Cunha, Lima Barreto	- Conservadorismo e positivismo
	Modernismo (1ª geração)	Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade	- Linguagem coloquial e irreverência. - Maior liberdade formal.
	Modernismo (2ª geração)	Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Murilo Mendes, Rachel de Queiroz, Vinícius de Moraes.	- Prosa regionalista. - Poesia espiritualista.
	Modernismo (3ª geração)	Clarice Lispector, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Poetas concretos.	- Atenção à forma do texto. - Cotidiano.
	Literatura contemporânea	Tropicália, poesia marginal, Manoel de Barros, Adélia Prado, Rubem Fonseca, Alice Ruiz, etc.	

Nesta aula, o foco serão os estilos literários do Brasil Colônia.



2 – LITERATURA DE (IN)FORMAÇÃO OU QUINHENTISMO

Segundo Alfredo Bosi (2017), quando se trata de compreender os primeiros movimentos literários brasileiros, há que se considerar a condição de **colônia** do Brasil na época. Ser uma colônia significa ser o “outro”, aquele que não possui uma identidade própria. No caso do Brasil, por muitos anos foi lugar para ser **ocupado** e **explorado**. Até a independência, essa é a condição do país em relação a Portugal e a outras nações que por aqui passaram.

Os portugueses chegam ao Brasil em 1500. Num primeiro momento, o interesse é a exploração dos recursos naturais, especialmente do **pau-brasil**. No início do século XVI, diversas outras nações tentam explorar a costa brasileira, aproveitando a pouca ocupação por parte dos portugueses. Diante dessas incursões, os portugueses instituem o sistema de capitanias para tentar evitar potenciais invasões.

Com o objetivo de fortalecer o catolicismo e impedir que os protestantes ocupassem as terras brasileiras, chega ao Brasil na metade do século XVI a **Companhia de Jesus**, ou simplesmente, os **jesuítas**. Aqui, a ordem religiosa realizou um processo de evangelização – ou catequização – dos indígenas. Para realizar seu objetivo, os padres jesuítas também promoveram o ensino da língua portuguesa aos nativos, já que assim eles poderiam compreender a Bíblia. Os jesuítas também fundaram escolas, com o objetivo de ensinar uma educação formal aos filhos dos colonos que começavam a ocupar o território brasileiro.

Esse período da literatura brasileira é muitas vezes referido como **Quinhentismo**. Em vista dois movimentos – colonizadores/viajantes e jesuítas – dividimos esse primeiro momento em **textos de formação ou informação** e **textos jesuítas**.



Victor Meirelles, *Primeira Missa no Brasil, 1860*, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

2.1 - TEXTOS DE INFORMAÇÃO

Segundo Gilberto Freyre (2003), “para o conhecimento da história social do Brasil não há talvez fonte de informação mais segura que os livros de viagem de estrangeiros”. É importante notar, portanto, que os primeiros textos brasileiros não são literatura especificamente, mas sim documentos. São muitas vezes considerados **crônicas históricas**. Ainda que não sejam considerados textos literários, são muito importantes, pois são os documentos que dão conta de descrever como seria o Brasil da época. A partir deles, pode-se saber sobre as paisagens naturais, os grupos indígenas, as batalhas entre nações e outros elementos que compuseram a história do surgimento do Brasil.

Além disso, os textos informativos foram fonte de inspiração para artistas que, futuramente, viriam a buscar as raízes do Brasil: escritores do romantismo naturalista, como José de Alencar, ou do modernismo, como Oswald e Mário de Andrade, bebem da fonte desses documentos para se inspirar.

Os primeiros textos brasileiros, portanto, têm caráter **epistolar**, ou seja, são formados por cartas.

A **Carta de Pero Vaz de Caminha** é considerada um dos primeiros documentos escritos no Brasil. A carta foi redigida pelo escrivão da expedição do descobrimento para o rei, a fim de lhe comunicar sobre o que ele chama de “achamento” de novas terras. Lá se encontram as primeiras impressões sobre as terras recém-descobertas, além de relatos sobre o primeiro contato com os indígenas e sobre intenções da expedição. A Carta é de fácil leitura e escrita preocupada em despertar o interesse do leitor. Há passagens tanto no gênero narrativo quanto no gênero descritivo.

Veja alguns dos trechos mais importantes da Carta:

Primeira visão dos indígenas:

“Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. (...)”

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber.

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confeição branda como, de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguia mais lavagem para a levantar.”

Esse trecho é bastante descritivo: enumera aquilo que mais chamou a atenção dos portugueses no primeiro contato com os nativos. O modo como se vestiam, o tom de sua pele e a maneira com que cortavam os cabelos ganharam descrição particularmente detalhada. Pelo que está escrito na carta, esse primeiro contato foi pacífico.

Sobre a primeira missa:

Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão ir ouvir missa e sermão naquele ilhéu. E mandou a todos os capitães que se arrandassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou armar um pavilhão naquele ilhéu, e dentro levantar um altar mui bem arranjado. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual disse o padre frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes que todos assistiram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção.

(...)

E pregou uma solene e proveitosa pregação, da história evangélica; e no fim tratou da nossa vida, e do achamento desta terra, referindo-se à Cruz, sob cuja obediência viemos, que veio muito a propósito, e fez muita devoção. Enquanto assistimos à missa e ao sermão, estaria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos, como a de ontem, com seus arcos e setas, e andava folgando. E olhando-nos, sentaram. E depois de acabada a missa, quando nós sentados atendíamos a pregação, levantaram-se muitos deles e tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e dançar um pedaço.

Esse trecho mostra que a religião católica era muito importante para os portugueses na época, visto que não se descuidaram do calendário religioso e rezaram a missa de Páscoa mesmo longe de sua terra natal. Isso será importante para entender as missões de cunho catequizador que se seguirão no Brasil.

Sobre os ideais mercantilistas:

Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata! (...)

Falou, enquanto o Capitão estava com ele, na presença de todos nós; mas ninguém o entendia, nem ele a nós, por mais coisas que a gente lhe perguntava com respeito a ouro, porque desejávamos saber se o havia na terra. (...)

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Fica claro nesses trechos da carta que a busca por riquezas era um dos objetivos das explorações marítimas. Os metais, como ouro e prata, parecem ser de particular interesse, a tal



ponto que os portugueses chegam a interpretar uma possível curiosidade dos indígenas para com os adornos dos navegadores como indicativo da presença desses metais na terra recém-descoberta. Para além do interesse em ouro e prata, há o interesse também na possibilidade de aproveitamento das terras para plantio e cultivo.

Veja como isso já apareceu em vestibulares:

(UFAM – 2015)

Leia os trechos abaixo, pertencentes à “Carta”, de Pero Vaz de Caminha:

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado. Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correa e nós outros que aqui na nau com ele vamos, sentados no chão, pela alcatifa. Acenderam-se tochas. Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo que o capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali.

Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela; não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados.

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo.

Sobre o texto acima, fazem-se as seguintes afirmativas:

- I. O cronista procura valorizar o cristianismo, ideologia que seria um dos braços da colonização, mediante referência ao interesse do gentio pelo rosário.
- II. Caminha registra pormenores em ritmo sincopado (“Acenderam-se tochas. Entraram”), o que mostra o literato latente que havia nele.
- III. Com as referências à existência de ouro e prata em terra, Caminha procura despertar o interesse do rei de Portugal, D. Manuel.
- IV. O carneiro e a galinha eram animais que os portugueses traziam para a sua alimentação a bordo e que não existiam no Brasil.
- V. Como escrivão da frota de Cabral, a quem chama de Capitão, Caminha procurou ser fiel à realidade, a fim de bem informar a Coroa Portuguesa.

Assinale a alternativa correta:

- a) Somente as afirmativas I, II e V estão corretas
- b) Somente as afirmativas I, III e IV estão corretas



- c) Somente as afirmativas II, III e IV estão corretas
- d) Somente as afirmativas II, III e V estão corretas
- e) Todas as afirmativas estão corretas

Comentários: O item I. está correto, pois a vinda dos jesuítas, com o objetivo de expandir e fortalecer o catolicismo, foi parte essencial do processo de colonização.

O item II. está correto, pois apesar do caráter informativo da carta, há muito cuidado com a forma do texto, visando despertar o interesse do leitor.

O item III. está correto, pois, alinhado aos ideais mercantilistas da época, a existência de ouro prata poderia significar maior interesse pelas terras recém-descobertas.

O item IV está correto, pois, tanto esses animais não eram conhecidos no Brasil, que os indígenas se mostraram resistentes a eles à primeira vista.

O item V. está correto, pois o texto é de caráter informativo, buscando fazer uma descrição do que a expedição encontrou nas terras brasileiras.

Gabarito: E

2.2 – JESUÍTAS

Além dos relatos dos viajantes e colonizadores, há ainda a crônica histórica feita pelos jesuítas. Esses textos, escritos por religiosos que vinham ao Brasil, tinham intenção pedagógica e moralizante. Seus objetivos não eram apenas informar sobre a colônia, mas sim educar e ensinar o catolicismo. Eram parte de um esforço da Igreja Católica de responder à Reforma Protestante (ver no item 2 desta aula) que ficou conhecido como **Contrarreforma**.

O principal autor jesuíta, conhecido até hoje, foi o **Padre José de Anchieta**. Anchieta veio para o Brasil ainda noviço, como parte do reforço solicitado pelo Padre Manuel da Nóbrega, para auxiliar nas atividades de evangelização dos indígenas. Os dois foram responsáveis, também, pela primeira construção da atual cidade de São Paulo: o Pátio do Colégio, local pensado para ser um núcleo de ensino e evangelização indígena.

Anchieta escrevia peças teatrais. No Brasil dos tempos coloniais, o teatro foi utilizado como instrumento na catequização dos indígenas. Ensinar um novo idioma e toda a mitologia cristã levava tempo. Aprender a escrever e se comunicar oralmente em uma língua totalmente diferente era um desafio para os indígenas. Por isso, os padres jesuítas muitas vezes investiam na criação de peças que misturavam passagens da vida de Jesus com características de ritos dos povos indígenas. Os autos eram grandes miscelâneas de referências que ajudavam a aproximar os indígenas dos ideais cristãos.

Veja, por exemplo, o tema a peça “Auto de São Lourenço” (1583):

“Após a cena do martírio de São Lourenço, Guaixará chama Aimbirê e Saravaia para ajudarem a perverter a aldeia. São Lourenço a defende, São Sebastião prende os demônios. Um anjo manda-os sufocarem Décio e Valeriano. Quatro companheiros acorrem para auxiliar os demônios. Os imperadores recordam façanhas, quando Aimbirê se aproxima. O



calor que se desprende dele abrasa os imperadores, que suplicam a morte. O Anjo, o Temor de Deus, e o Amor de Deus aconselham a caridade, contrição e confiança em São Lourenço. Faz-se o enterro do santo. Meninos índios dançam.”

A peça é dividida em cinco atos:

Primeiro Ato	Cena do martírio de São Lourenço
Segundo Ato	Três demônios, com nomes indígenas, querem destruir a aldeia com pecados. São Lourenço, São Sebastião e o Anjo da Guarda salvam a aldeia.
Terceiro Ato	Os servos do demônio torturam os responsáveis pela morte de São Lourenço.
Quarto Ato	O Temor de Deus e o Amor de Deus, personagens alegóricas*, sepultam São Lourenço e ensinam aos indígenas que eles devem temer e amar a Deus.
Quinto Ato	Dança de meninos indígenas em procissão a São Lourenço.

* uma personagem alegórica representa uma ideia abstrata: neste caso, as personagens encarnam conceitos religiosos (temor e amor de Deus).

As obras dramáticas de Anchieta têm função didática, sem grande pretensão estética. Seu objetivo é ensinar os ideais do catolicismo aos indígenas, chegando mesmo a serem escritas ora em português ora em tupi. São obras cujas personagens são alegorias e cujas ações se confundem com ritos religiosos, como procissões, por exemplo.

Também ligada ao louvor a Deus é a produção poética de Anchieta. Veja este trecho do poema “Em Deus, meu Criador”:

“Em Deus, meu criador,
está todo meu bem
e esperança,
meu gosto e meu amor
e bem-aventurança.
Quem serve a tal Senhor
não faz mudança.
Contente assim, minha alma,
do doce amor de Deus
toda ferida,
o mundo deixa em calma,
buscando a outra vida,
na qual deseja ser
toda absorvida.”

Além dos trabalhos poéticos e dramáticos, Anchieta foi responsável pela escrita da primeira gramática sobre uma língua indígena do Brasil: Arte da Gramática da Língua Mais Falada na Costa do Brasil (1595), que se debruça sobre o tupi.





Outros autores de relatos de viagem:

Hans Staden – Viagem ao Brasil (1557)

Jean de Léry – Viagem à terra do Brasil (1574)

Outros autores jesuítas:

Manuel da Nóbrega – Diálogo sobre a Conversão do Gentio (aproximadamente 1558)

Fernão Cardim – Tratado da Terra e da Gente do Brasil (entre 1583 e 1601).



DO FILME

Filmes sobre o Brasil Colônia:

Caramuru, a Invenção do Brasil (Dir.: Guel Arraes, 2001)



Esta comédia conta a história de uma das lendas brasileiras: a história de Caramuru, antes chamado Diogo Álvares Correia. O português sobrevive a um naufrágio e vai parar em terras brasileiras, onde conhece os tupinambás. Vive com eles sua vida toda, chegando a casar-se com a filha do chefe tupinambá, Paraguaçu.

Desmundo (Dir.: Alain Fresnot, 2003)



O filme é ambientado em 1570 e conta a história de mulheres órfãs de Portugal que eram enviadas ao Brasil para se casar com os colonizadores. Essa prática visava construir núcleos familiares cristãos e de ascendência europeia, coibindo os relacionamentos entre homens brancos e mulheres indígenas.

Uma história de amor e fúria (Dir.: Luiz Bolognesi, 2013)



Esta animação se passa em quatro momentos da história do Brasil. O primeiro deles se dedica ao conflito entre portugueses e franceses no início da colonização do Brasil. O herói da história é Abeguar, um índio tupinambá que vê sua tribo ser dizimada.



3 - BARROCO

Até então, a produção literária brasileira tinha sido predominantemente informativa, de cunho documental. Isso se devia, em grande medida, ao fato de que o Brasil recém-descoberto ainda era objeto de curiosidade. No início de 1500 não havia uma organização mínima social nas terras brasileiras. As pessoas que produziam obras literárias estavam, em sua maioria, ou de passagem pelo Brasil, ou em algum tipo de missão civilizatória. Porém mudanças em Portugal e o surgimento da arte **Barroca** na Europa, acabam por, no século XVII e XVIII, reverberar no Brasil, dando início a esta escola literária.

A literatura barroca representa um homem em crise, dividido. Alguns de fatos históricos provocam uma crise no homem europeu da época:

- O rei de Portugal, Dom Sebastião, desaparece na Batalha de Alcácer-Quibir, no Marrocos. Isso causa uma crise sucessória em Portugal, pois ele desaparece sem deixar herdeiros. A Espanha acaba por tomar o trono de Portugal, dando origem à chamada **União Ibérica** (1580 – 1640). Dom Sebastião se torna uma lenda e ao longo do tempo será muitas vezes referido na literatura como o rei português que reaparecerá para devolver a Portugal seus tempos gloriosos. A esse movimento, dá-se o nome de **Sebastianismo**.
- No século XVII, a Era dos Descobrimentos, das Grandes Navegações, chega a seu fim. Os países que se haviam lançado ao mar com o objetivo de encontrar novas terras agora se dedicam a explorar economicamente suas colônias. Portugal, porém, sofre com as **invasões holandesas** no nordeste do Brasil, o que diminui seu poder econômico sobre a colônia.
- O movimento da **Reforma Protestante**, liderado por Martinho Lutero em 1517, critica práticas da Igreja Católica e ganha muitos adeptos dando início ao protestantismo. Lutero também promove uma ação importante: traduz a Bíblia para o alemão, o que tornou o texto mais acessível. Com isso, os homens chegam ao século XVII criando uma nova relação com a religião e o divino.

Abaixo, você vê uma obra de um dos artistas Barrocos mais importantes, Caravaggio. Veja como sua representação de cenas religiosas é bem mais sombria.



Caravaggio, *A negação de São Pedro*, 1610, Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque.

3.1 - CARACTERÍSTICAS DO BARROCO NA LITERATURA

Neste material, o foco principal é entender como esse sentimento de crise se manifesta na literatura. Antes de mais nada, é preciso lembrar que nessa época, as artes eram muito restritas a poucos círculos, principalmente as cortes e as universidades. Começam a surgir, então, espaços conhecidos como **Academias**: lugares onde os artistas se encontram para trocar textos, realizar competições literárias e avaliar seus trabalhos escritos. Este ambiente será responsável por características importantes do Barroco: o uso rebuscado das palavras, fruto de um grupo de artistas com alto nível de cultura e conhecimento da língua portuguesa.

Algumas questões são temas marcantes nesse movimento literário:

Dualidade Sagrado X Profano

- O homem barroco é fruto de uma religiosidade medieval e uma racionalidade renascentista. Sua angústia vem dessa sua divisão entre o teocentrismo e o antropocentrismo.
- Principais dualidades: fé X razão; vida X morte; corpo X alma; erotismo X espiritualidade, luz X sombra (também presente nas artes plásticas, basta ver o quadro de Caravaggio na página anterior).

Contraste

- Como consequência dessa dualidade em que os artistas se encontram, suas obras tentam aproximar mundos opostos e extremos, conciliando-os ao mesmo tempo que expõem os contrastes.
- Imagens como a **aurora** e o **crepúsculo** podem aparecer como expressão dos contrastes.

Fugacidade do tempo

- Há uma consciência da transitoriedade da vida humana neste momento. A vida é frágil e a beleza é efêmera. As pessoas, as coisas e o mundo estão sujeitos a mudanças.

Pessimismo e feísmo

- A noção de efemeridade da vida leva a uma proximidade com a ideia de morte.
- Olhar mais pessimista sobre o mundo, visto como um lugar de sofrimento, em comparação com a vida celestial, que seria repleta de felicidade.
- Por isso também, muitas obras barrocas exploram o lado mais doloroso e cruel da vida humana. Há atração por cenas trágicas e aspectos grotescos do cotidiano.

Esses eixos são os que guiam as temáticas da literatura barroca. Observe como isso pode aparecer nos vestibulares:



(IBMEC – 2017)

I – Obra de Caravaggio (1571 – 1610)



(www.caravaggio-foundation.org)

II – Soneto de Gregório de Matos

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém se acaba o Sol, por que nascia?
Se formosa a Luz é, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sinta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

(Gregório de Matos, Poemas escolhidos (seleção e organização José Miguel Wisnik).

São Paulo: Companhia das Letras, 2010)

A leitura comparativa da obra e do poema permite identificar como característica comum a ambos o

- reconhecimento da efemeridade da vida, o que abranda os dilemas existenciais.
- apego ao transcendental, como forma de escapar aos sofrimentos do mundo real.
- jogo dos contrastes, expressando os conflitos dualistas do homem seiscentista.
- equilíbrio na representação, com a descrição concisa dos desejos humanos.

e) desencanto do homem seiscentista pela vida, com o declínio do Renascimento.

Comentários: Realizar uma leitura comparativa significa ler cada um dos textos e cruzar as referências e características entre eles. A principal característica que une ambos é o uso de contrastes: no quadro, através da presença de luz e sombra (também chamado por vezes de “*chiaroscuro*”); no poema, pelo uso de termos e expressões opostas (ex.: luz e noite escura; tristezas e alegrias; firmeza inconstância)

A alternativa A está incorreta, pois não é possível auferir esta afirmação somente com a observação do quadro. Sem outras informações, por exemplo o nome da obra, não se pode afirmar que ela fale sobre a efemeridade da vida.

A alternativa B está incorreta, pois apesar de ser este um traço do barroco, ele não está presente especificamente nestas obras.

A alternativa D está incorreta, pois não há descrição dos desejos humanos, mas sim seus questionamentos.

A alternativa E está incorreta, pois o desencanto do homem está neste caso, ligado à passagem do tempo e efemeridade da vida, não ao fim de um período histórico.

Gabarito: C



PEGADINHA

Cuidado! Não é porque a questão apresenta características do movimento literário estudado que ela está correta! Em questões de literatura, você precisa dar atenção ao texto pedido no enunciado. Lembre-se da diferença entre estilo individual e estilo da época. Pode ser que nas questões haja respostas corretas quanto ao **movimento literário**, mas não quanto ao **texto específico** que se analisa.

Quanto à forma no Barroco, ou seja, o modo com que as obras são escritas, há duas correntes que se destacam: o **cultismo** e o **conceptismo**.

Cultismo	Conceptismo
<ul style="list-style-type: none">- Predominante na poesia.- Envolve o leitor por meio dos sentidos.- Caracterizado pela elaboração da linguagem, muito rebuscada e trabalhada.- Uso da norma culta da língua de maneira poética.- Jogos de palavras (ex.: trocadilhos)- Jogos de imagem (ex.: figuras de linguagem)- Jogos de construção (ex.: inversão da ordem)	<ul style="list-style-type: none">- Predominante na prosa.- Envolve o leitor por meio da argumentação, da construção de raciocínio lógico.- Apelo à retórica, ou seja, à eloquência.- Organização sintática rigorosa dos textos, visando ser didático, educativo.- Jogos de ideias (ex.: paradoxos)- Jogos de conceitos (ex.: analogias)

Portanto, independente da corrente a que se filiam, os autores barrocos fazem grande uso de **figuras de linguagem**, principalmente **antítese**, **comparação**, **hipérbole**, **hipérbato**, **metáfora**, **paradoxo** e **prosopopeia**. Vamos lembrar o significado de cada uma delas?



LEMBRANDO!

Antítese

Junção na oração de uma ideia a outra contrária.

Ex.: “Depois da Luz se segue a noite escura” (Gregório de Matos)

Perceba que as palavras não se negam necessariamente na oração, apenas possuem sentidos opostos e estão na mesma construção.

Comparação

Se confrontam dois termos de uma oração a fim de ressaltar aquilo que tem em comum.

Ex.: “oh nunca foram tantos
nem tão fortes meus males
como as ondas.” (Gregório de Matos)

DICA: comparações costumam vir acompanhadas dos conectivos **como**, **tal qual**, **que nem**, etc.

Hipérbole

Exagero de uma expressão ou ideia.

Ex.: “E eu também me resisto,
há mais de mil auroras
aos vaivéns da fortuna” (Gregório de Matos)

Hipérbato

Termo genérico para designar inversão na ordem normal das palavras de uma frase ou das orações de um período.

Ex.: “Se formosa a Luz é, por que não dura?” (Gregório de Matos)

Na ordem direta, esse período seria “Se a Luz é formosa, porque não dura?”

Metáfora

Modificação do sentido de um termo pelo acréscimo de outro. Estabelece relação de semelhança.

Ex.: “Se és fogo (...) se és neve” (Gregório de Matos)

CUIDADO: Metáfora e Comparação são diferentes. Uma construção de comparação seria “Se és **como** fogo”. Na metáfora um elemento ganha o significado de outro, não apenas compartilha característica.



Paradoxo

Aparente falta de lógica; encadeamento de pensamentos que seriam excludentes, mas que poeticamente são colocados na mesma construção.

Ex.: “E na alegria sintia-se tristeza”

CUIDADO: para não confundir com antítese. Na antítese há apenas a presença de palavras com significados opostos, mas eles não constroem um mesmo pensamento. Aqui, duas ideias opostas estão **unidas**.

Prosopopeia ou personificação

Atribuir características humanas a outros animais ou seres inanimados.

Ex.: “E quando o mar vomita, o mundo arrasa.” (Gregório de Matos)

3.2 - BARROCO NO BRASIL

No Brasil, mais do que um estilo literário, o Barroco é um **movimento artístico**, uma **constituição de pensamento**. Alguns dados do Brasil da época ajudam a entender a constituição do Barroco:

- Na segunda metade do século XVII, após o fim da União Ibérica, Portugal volta a dedicar sua atenção para a colônia, passando a explorar o ouro no interior do Brasil. Aliada às missões exploratórias dos Bandeirantes, essa incursão para o interior inicia o **ciclo do ouro** no Brasil.
- As cidades, ainda que poucas e espalhadas no território, começam a constituir-se como espaços onde é possível a troca de conhecimentos entre escritores, possibilitando a criação de **academias** em moldes semelhantes – ainda que menores – às europeias, que eram então o centro de criação da literatura barroca.

Para Alfredo Bosi, é possível distinguir o Barroco no Brasil em dois movimentos:

Os ecos da literatura barroca no Brasil Colônia, representado principalmente pelos autores Bento Teixeira, Manuel Botelho de Oliveira, Gregório de Matos, Padre Antônio Vieira.

Um estilo colonial-barroco nas artes plásticas e na música, que se tornam palpáveis no período de exploração de Minas Gerais e surgimento de núcleos como Vila Rica, Ouro Preto, Mariana, Diamantina, São João d’El Rei e outras.

Literatura

Os dois maiores escritores do barroco brasileiro – Gregório de Matos e Padre Antônio Vieira – são da Bahia. Isso se explica facilmente quando se recorda que, nesta época, o Brasil ainda vivia o ciclo da cana de açúcar e, portanto, as elites intelectuais e os artistas se encontravam nos grandes centros urbanos. Na época, o Nordeste era um grande exportador de cana de açúcar.

Os principais autores brasileiros do Barroco são, na poesia, Bento Teixeira, Botelho de Oliveira e Gregório de Matos; e, na prosa, Padre Antônio Vieira.



Vamos observar, resumidamente, quais as suas principais obras e características.

Bento Teixeira

O poeta Bento Teixeira (Porto, 1561 – Pernambuco ou Lisboa, 1600) possui biografia nebulosa. O que se sabe sobre sua história é que veio para o Brasil com a família em 1567. Sua família era de cristãos-novos (judeus convertidos). Conta-se que matou sua esposa e, quando refugiado do crime em Portugal, escreveu a única obra considerada de fato de sua autoria: *Prosopopeia*.

Prosopopeia (1601) marca o início da literatura barroca no Brasil. Ainda que tenha sido publicada em Portugal, por ter Bento Teixeira vivido a vida toda no Brasil, considera-se que ele seria um autor brasileiro. *Prosopopeia* é um poema épico inspirado em “*Os Lusíadas*” que conta a história de Jorge de Albuquerque Coelho, donatário da Capitania de Pernambuco. Apesar de imitar muitas vezes a obra de Camões, o poema conta com um aspecto nativista que viria a se tornar marca de outras escolas literárias no futuro.

Manuel Botelho de Oliveira



Manuel Botelho de Oliveira (Salvador, 1636 – 1711) foi o primeiro escritor de fato nascido no Brasil. Atuou como advogado e vereador, além de escritor. Suas principais obras são:

➤ **Música do Parnaso** (1705) – obra que conta com poemas em castelhano, espanhol, italiano, latim e português. Além dos diversos idiomas, o livro também conta com diversas formas textuais (sonetos, oitavas, décimas, entre outras). O principal poema da obra é o “*Á Ilha da Maré*”: poema que descreve as frutas, vegetais e legumes do Brasil. É a primeira vez que a natureza é louvada em uma obra escrita no Brasil.

Sua obra é fortemente marcada pelo uso de **analogias**, principalmente remetendo à instabilidade do mundo. Ele também faz uso de construções acentuando contrastes e paradoxos.

Trechos:

“Ardem chamas n’água, e como
vivem das chamas, que apura,
são ditosas Salamandras
as que são nadantes turbas.”

(In.: Anarda passando o Tejo em uma barca)

As laranjas da terra
poucas azedas são, antes se encerra
tal doce nestes pomos,
que o tem clarificado nos seus gomos;
mas as de Portugal entre alamedas
são primas dos limões, todas azedas.

(In.: A ilha de Maré)



Gregório de Matos

Gregório de Matos (Salvador, 1636 – Recife, 1696) é o poeta barroco cuja produção possui maior destaque. Gregório teve sua formação em um colégio jesuíta na Bahia e se formou advogado em Portugal. Ele cumpriu diversas funções públicas e foi destituído de muitas delas por insubordinação. Tinha, desde cedo, a fama de satírico, que lhe rendeu o apelido de **Boca do inferno**.

Escreveu poesias de diversas naturezas:

- **Poesia satírica:** aquela que o tornou mais conhecido. Criticava os padres e a Igreja Católica; a nobreza da cidade da Bahia; e as classes sociais estabelecidas.



O poeta descreva a Bahia

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana e vinha¹;
Não sabem governar sua cozinha
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem frequente olheiro,
Que a vida do vizinho e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha²,
Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
Trazidos sob os pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia³,

Estupendas usuras⁴ nos mercados,
Todos os que não furtam muito pobres:
E eis aqui a cidade da Bahia.

¹vinha: terreno plantado com videiras.

²esquadrinha: examina minuciosamente.

³picardia: falha de caráter.

⁴usuras: agiotagem, empréstimo a juros superiores ao que é legal.

Nesse poema, Gregório descreve com ironia o cotidiano do estado em que vivia. Na primeira estrofe, fala sobre as pessoas que querem cuidar da vida dos outros, dar-lhes ordens, mas não são capazes nem de cuidar de si mesmos.

Na segunda estrofe, aponta para os fofoqueiros, que ficam de ouvidos abertos ao que acontece à sua volta, apenas para depois contar a todos.



Na terceira estrofe, compara os nobres aos escravos, deixando implícito que nenhum possui mais nobreza que o outro (já que o nobre tem a falta de caráter nas mãos).

Na última estrofe, descreve os comerciantes e agiotas, classes que começavam a se formar na época, que só conseguem enriquecer se roubam o próximo. Assim, Gregório critica todas as classes que detinham algum poder na Bahia na época.

- **Poesia lírica:** na lírica está principalmente a característica da dualidade sagrado X profano / corpo X espírito típica do Barroco. Quando se refere à mulher amada, há muitas metáforas envolvendo a natureza.

Declara-se temendo perder por ousado

Anjo no nome, Angélica na cara!
Isso é flor e Anjo juntamente:
Ser Angélica flor, e Anjo florente*,
Em quem, senão em vós, se uniformara**.

Quem vira uma tal flor, que a não cortara,
De verde pé, da rama florescente,
E quem um Anjo vira tão luzente,
Que por seu Deus o não idolatrara?

Se pois como Anjo sois dos meus altares,
Fôreis o meu Custódio*** e a minha guarda,
Livrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que por bela e por galharda****,
Posto que os Anjos nunca dão pesares,
Sois Anjo, que me tenta e não me guarda.

*florente: florido.

**uniformara: uniformizara, tornou um só.

***Custódio: guardião.

****galharda: generosa, magnânima.

A dualidade entre o sagrado e o profano já se expressa no nome da amada: Angélica, nome que remete a “anjo”, ser sagrado, mas por quem sente atração. Na última estrofe, ele chega a dizer que Angélica é um anjo que ao invés de guardá-lo, o faz passar por tentações.

Além disso, ele a trata metaforicamente como uma flor. Primeiro, diz que ela é ao mesmo tempo uma flor e um anjo (1ª estrofe). Depois, se pergunta quem seria capaz de ver tão bela flor sem cortá-la do pé (2ª estrofe), numa metáfora para “quem seria capaz de ver tão bela mulher sem desejá-la?”.



- **Poesia sacra:** neste gênero poético de Gregório fica latente a ideia de pecado, principalmente a noção de que, diante da efemeridade da vida, uma vida de pecados poderia condená-lo à condenação divina após a morte. Estes são poemas escritos já no fim da vida de Gregório de Matos, momento em que, talvez, tenha se arrependido das críticas à religião que fazia.

O poeta na última hora da sua vida

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro*,
Em cuja lei protesto de viver,
Em cuja santa lei hei de morrer
Animoso**, constante, firme e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura*** de um Pai manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor, e meu delito,
Porém, pode ter fim todo o pecar,
E não o vosso amor que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
Que por mais que pequei, neste conflito
Espero em vosso amor de me salvar.

*pendente em um madeiro: equivalente a pendurado na cruz.
**Animoso: corajoso, forte.
***brandura: ternura, carinho.

Na primeira estrofe desse poema, Gregório já demonstra a postura do pecador arrependido. Ainda que tenha relutado, protestado, em seguir as leis de Deus durante a vida, afirma que na hora da morte seguirá as leis divinas.

Há também a presença de ideias antitéticas: o pecado tem fim, o amor divino não; pecar e se salvar. Além da antítese, é possível identificar metáforas (“minha vida anoitecer”: morte) e metonímias (“madero”: cruz de madeira em que Jesus foi pregado).

Esta poesia tem ainda traços argumentativos: o poeta busca convencer a Deus que ele merece ser perdoado.

Padre António Vieira

Na prosa, o grande expoente do Barroco brasileiro foi o Padre António Vieira (1608, Lisboa – 1697, Salvador). Veio para o Brasil ainda jovem, atuando na Companhia de Jesus.



O principal destaque em sua obra são seus **sermões**. Os sermões são textos de cunho religioso, que se dedicam a discorrer sobre algum preceito da religião, moral ou acerca do comportamento humano. Vieira foi um pregador com obra muito extensa, produzindo cerca de 200 sermões.

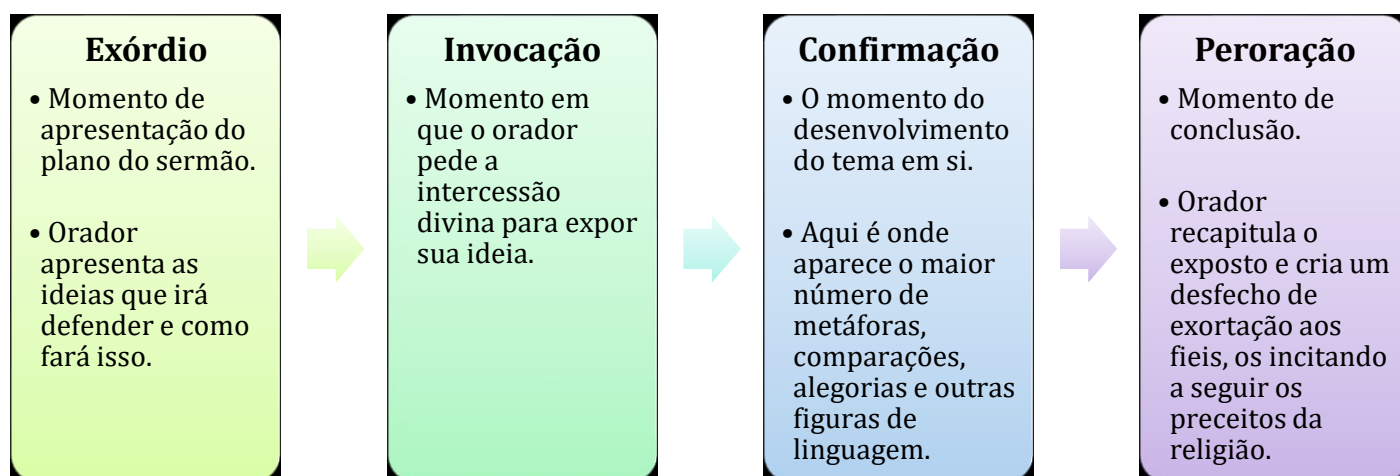


Além dos sermões, Vieira ainda escreve um grande número de cartas, principalmente versando sobre a relação entre Portugal e Holanda e a Inquisição.

Para que o sermão cumprisse sua função, ele precisava ser de linguagem acessível. Apesar de haver o registro escrito dessas obras, seu objetivo era que fossem lidas e absorvidas pelos ouvintes. Por isso, o sermão deve ser marcante e de construção lógica que permita o entendimento. Dois elementos são muito importantes para atingir esse objetivo:

- Uso de figuras de linguagem, como metáforas, analogias e alegorias. Exemplos diretos da realidade ou históricos, por exemplo, não são tão capazes de explicar ideias abstratas a um público leigo. Por isso, Vieira preferia criar **imagens** para explicar conceitos religiosos.
- Combinar trecho mais formais com outros mais descontraídos. Assim, os ouvintes não se entediavam, mas sim, percebiam a importância de prestar a atenção nos momentos mais carregados de conceitos. Além disso, um discurso mais informal era mais facilmente compreendido.

Os sermões de Vieira possuem uma estrutura argumentativa fixa, consagrada no século XVII, visando trabalhar bem as ideias. Essa estrutura conta com 4 passos:



Vamos ver exemplos dessa estrutura em trechos de um de seus sermões mais famosos, Sermão de Santo António aos Peixes, que é dividido em seis capítulos:

<p>Capítulo I</p>	<p>Exórdio:</p> <p>“(…) quero hoje, à imitação de Santo António, voltar-me da terra ao mar, e já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o sermão, pois não é para eles.”</p> <p>Aqui, Vieira, após contar brevemente a história do dia em que Santo António pregou na cidade de Arimino (Rimini hoje em dia) e, estando próximo ao rio, os peixes vieram lhe ouvir, afirma que, como ele, pregará aos peixes. Vieira deixa claro que os homens não aproveitam os ensinamentos e, portanto, é melhor pregar aos peixes. Isso é um recurso para despertar o interesse no público ouvinte.</p> <p>Invocação:</p> <p>“Maria, quer dizer, <i>Domina maris</i>: Senhora do mar; e posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça. Ave Maria.”</p> <p>Aqui Vieira pede a intercessão da Virgem Maria na sua pregação.</p>
<p>Capítulo II</p>	<p>Confirmação:</p> <p>“Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam. Uma só cousa pudera desconsolar ao pregador, que é serem gente os peixes que se não há-de converter. Mas esta dor é tão ordinária, que já pelo costume quase se não sente. Por esta causa não falarei hoje em Céu nem Inferno; e assim será menos triste este sermão, do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar sempre à lembrança destes dois fins.”</p> <p>Os peixes são, para Vieira, uma alegoria dos homens, principalmente de seus vícios e virtudes: são capazes de ouvir o sermão, mas não de aplicar seus ensinamentos na vida cotidiana. Ele ainda usa de ironia ao afirmar que já está acostumado aos homens não se converterem após seus sermões.</p> <p>Neste capítulo, ele exorta as virtudes dos peixes: são as primeiras criadas por Deus e seguem seus desígnios sem reclamar; salvaram Jonas que, após ser lançado ao mar pelos homens, foi engolido por um grande peixe (história bíblica que ficou mais conhecida como “Jonas e a Baleia”), mostrando respeito com os pregadores de Deus; etc.</p>
<p>Capítulo III</p>	<p>Confirmação:</p> <p>Vieira continua a exortação das virtudes dos peixes, citando uma série de passagens bíblicas ou da mitologia cristã em que peixes foram responsáveis por salvar homens ou realizar os desígnios divinos.</p> <p>Além disso, a partir das características de algumas espécies de peixes, estabelece relação com comportamentos louváveis.</p> <p>Ex.: o peixe de quatro olhos, que enxerga para cima e para baixo, representando a capacidade de reconhecer o “céu” e o “inferno” ao mesmo tempo, distinguindo bem e mal.</p>



	<p>“Esta é a pregação que me fez aquele peixinho, ensinando-me que, se tenho fé e uso da razão, só devo olhar diretamente para cima, e só diretamente para baixo: para cima, considerando que há Céu, e para baixo, lembrando-me que há Inferno”</p>
Capítulo IV	<p>Confirmação:</p> <p>“A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande.”</p> <p>Aqui Vieira começa a descrição dos vícios, repreensões: os peixes comem uns aos outros e, pior, os grandes comem os pequenos. Se os peixes são entendidos como uma alegoria para os homens, o que Vieira apresenta aqui é que os homens, ainda que não se alimentem literalmente uns dos outros, metaforicamente os homens destroem uns aos outros. Ele ainda critica como os peixes facilmente são tentados pelas iscas nos anzóis. Os homens, de igual maneira, se deixam tentar por coisas fúteis e acabam se perdendo.</p>
Capítulo V	<p>Confirmação:</p> <p>Continuando a descrição dos vícios dos peixes, Vieira cita algumas espécies de peixes cujos comportamentos são reprováveis. Esses comportamentos são, por associação, reprováveis também nos homens.</p> <p>Ex.: Peixes voadores, que por arrogância ou vaidade, querem escapar aos desígnios de Deus e não se contentam com o mar. Também os homens devem seguir os planos de Deus.</p> <p>“Com os voadores tenho também uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizei-me, voadores, não vos fez Deus para peixes? Pois porque vos meteis a ser aves? O mar fê-lo Deus para vós, e o ar para elas. Contentai-vos com o mar e com nadar, e não queirais voar, pois sois peixes.”</p>
Capítulo VI	<p>Peroração:</p> <p>“Louvai a Deus, que vos distinguiu em tantas espécies; louvai a Deus, que vos vestiu de tanta variedade e formosura; louvai a Deus, que vos habilitou de todos os instrumentos necessários à vida; louvai a Deus, que vos deu um elemento tão largo e tão puro; louvai a Deus, que, vindo a este Mundo, viveu entre vós, e chamou para si aqueles que convosco e de vós viviam; louvai a Deus, que vos sustenta; louvai a Deus, que vos conserva; louvai a Deus, que vos multiplica; louvai a Deus, enfim, servindo e sustentando ao homem, que é o fim para que vos criou; e assim como no princípio vos deu sua bênção, vo-la dê também agora. Amen. Como não sois capazes de Glória, nem de Graça, não acaba o vosso Sermão em Graça e Glória.”</p> <p>Vieira finaliza seu sermão enumerando o que Deus fez pelos peixes e pedindo que, por isso, eles louvem a Deus. Termina sua pregação com uma frase de efeito, dizendo que não pode nem dar Glória nem Graça a Deus neste sermão, pois aqueles que os ouvem</p>



não as possuem, ou seja, como os homens se recusam a seguir os preceitos divinos e a se converter, o sermão não pode terminar como o usual.

Perceba, que além da construção argumentativa, Vieira ainda cria um **paralelismo** nos capítulos: o II e o IV trabalham metáforas das ações boas e más dos peixes; o III e o V, trabalham com análises das características das espécies, relacionando-as com os vícios e virtudes humanas. Há também momentos em que o interlocutor se confunde: não se sabe se ele se direciona diretamente aos peixes ou aos homens (como no trecho exposto da conclusão por exemplo).

Essa é a maneira de realizar uma análise um pouco mais detalhada de um sermão. Vamos ver como isso pode aparecer nos vestibulares:

(UNIFESP - 2016)

Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes” de Antônio Vieira (1608-1697)

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comeres, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comeres é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. Essencial, 2011.)

No sermão, Vieira critica

- a) a preguiça desmesurada dos miseráveis.
- b) a falta de ambição dos miseráveis.
- c) a ganância excessiva dos poderosos.
- d) o excesso de humildade dos miseráveis.
- e) o excesso de vaidade dos poderosos.

Comentários: A resposta está principalmente na passagem “Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros”, em que fica clara a crítica de que os poderosos são excessivamente ambiciosos, engolindo os pequenos com volume e rapidez.

A alternativa A está incorreta, pois esse trecho versa sobre a ambição e as desigualdades, não sobre a preguiça.

A alternativa B está incorreta, pois a crítica não é aos miseráveis, mas sim aos poderosos, que são excessivamente ambiciosos.

A alternativa D está incorreta pelo mesmo motivo da B: a crítica não é aos miseráveis, mas sim aos poderosos, que são excessivamente ambiciosos.

A alternativa E está incorreta, pois Vieira não critica a vaidade neste trecho, mas sim a ambição.

Gabarito: C



Outros sermões importantes de Padre Antônio Vieira:

- **Sermão da sexagésima** (1655): pregado em Lisboa, é de caráter metalinguístico, pois trata de como um sermão deve ser proferido para atingir seu objetivo.

- **Sermão da primeira domingo da Quaresma** (1653): pregado no Maranhão, tem o objetivo de convencer os colonos que ocupavam o Brasil a libertar os indígenas escravizados.

Barroco nas artes

No Brasil, com a constituição do **ciclo do ouro** e a ocupação da região de **Minas Gerais**, surgem expressões em outras artes do Barroco:

Arquitetura



- Igrejas construídas a partir da ideia de **rebuscamento**.
- Extravagância nas formas; curvas, como abóbadas e arcos, mistura de pintura e escultura; presença massiva do ouro nas construções, principalmente no interior das igrejas.
- Influencia no próprio planejamento urbano das cidades (ruas, avenidas, etc.)

Escultura



- A estatuária barroca é dinâmica, de formas intensas.
- Carga dramática exacerbada.
- Combinação das esculturas com a arquitetura, principalmente no interior das Igrejas.
- Principal artista plástico do Barroco Brasileiro: Aleijadinho

Pintura



- **Religiosidade** é um tema essencial.
- Pinturas realistas e em grandes formatos.
- Conteúdos sensíveis e emocionais, muitas vezes com aspectos sensuais.
- Teatralidade e dinamismo na composição das obras.
- Principal pintor barroco brasileiro: Manoel da Costa Ataíde.

4 - ARCADISMO

O **Arcadismo** é o último movimento literário do Brasil Colônia. Ele se desenvolve no Brasil na segunda metade do século XVIII, sendo particularmente frutífero em Minas Gerais. O mundo se encontra, no século XVIII, numa mudança de paradigma de pensamento: os ideais Iluministas começam a ganhar cada vez mais espaço na Europa e no mundo, influenciando diretamente mudanças sociais profundas, como por exemplo:

- Independência dos Estados Unidos (1776)
- Revolução Francesa (1789)
- Revolução Industrial (1760)



LEBRANDO!

O **Iluminismo** foi um movimento cultural e filosófico nascido na Europa. É diretamente ligado à burguesia crescente na época. Suas principais características são:

- valorização da razão e do estudo.
- crítica ao sistema político monárquico absolutista.
- defesa dos direitos naturais e humanos, principalmente o direito à vida, liberdade e propriedade privada; crença na igualdade entre os homens.
- crença nas leis da natureza mais do que nas religiões.

Além disso, os artistas árcades se inspiram na **Antiguidade Clássica**, que entendiam ser um momento de valorização do homem e da natureza, em contraponto à força e presença das religiões ainda vigente no século XVIII. Por isso, muitas vezes é possível encontrar o Arcadismo denominado também de **Neoclassicismo**. Veja essa escultura de Antonio Canova, um dos principais artistas do período a se inspirar na antiguidade clássica:



Antonio Canova, *Psyche Revived by Cupid's Kiss*, 1793, Museu do Louvre, Paris.

Segundo Alfredo Bosi (2017), pode-se dizer que duas questões coexistem no Arcadismo:

- **Momento poético:** o encontro do homem com a natureza através da antiguidade clássica.
- **Momento ideológico:** influência iluminista, crítica aos abusos da nobreza e do clero.

4.1 – CARACTERÍSTICAS DO ARCADISMO NA LITERATURA

Por ser uma literatura que se volta ao passado clássico, os lemas dos árcades são resumidos em expressões em latim. No quadro, você as encontrará relacionadas ao ideal árcade a que melhor se referem. Ao fim do quadro de características, encontram-se os significados e cada uma delas.



Bucolismo e pastoralismo

- Há idealização da natureza e da vida no campo.
- Personagens pastores, vivendo no campo ao invés das cidades.
- A Natureza como lugar de acolhimento, tranquilidade e harmonia X A cidade como lugar de sofrimento.
- *fugere urbem e locus amoenus*.

Retorno ao clássico

- Aparecimento de personagens da mitologia grego-latina na literatura.
- Temas que retomem ideais clássicos, representados principalmente pelos lemas em latim.

Aproveitar o presente

- O amanhã é incerto, portanto, deve-se viver o hoje como se não houvesse amanhã.
- Deve-se viver o amor no presente, pois a velhice é um momento incerto.
- *carpe diem*.

Equilíbrio e simplicidade

- O equilíbrio da vida está em ter o suficiente: nem menos, nem mais do que é preciso. Há um desprezo por tudo o que é extremo e causa o desequilíbrio.
- Os luxos e a riqueza não devem ser valorizados acima de tudo.
- Opção pela simplicidade se refere na escolha da linguagem das obras literárias, negando a sofisticação e rebuscamento dos barrocos.
- *aurea mediocritas e inutilia truncat*.

Lemas latinos:

- *fugere urbem*: “fuga da cidade”, um modo de reafirmar as qualidades do campo sobre a cidade.
- *locus amoenus*: “lugar ameno”, a natureza como um lugar de equilíbrio e tranquilidade, propício também aos encontros amorosos.
- *carpe diem*: “aproveite o dia”, uma frase do filósofo latino Horácio, pensando sobre a efemeridade da vida e a necessidade de viver os momentos.
- *aurea mediocritas*: “mediocridade de ouro”, tendo em vista que, aqui, “mediocridade” não tem significado pejorativo, querendo dizer “aquilo que está no meio”. Significa que a virtude das coisas está no meio, não em nenhum extremo.
- *inutilia truncat*: “cortar o inútil”, ou seja, se valer apenas do necessário, sem excessos. Isso vale para a vida e para a escrita literária.

Veja como isso pode cair numa prova de vestibular:



(UFPR – 2016)

Sobre o Arcadismo, é correto afirmar que:

- a) expressa a sociedade medieval, teocêntrica, de caráter servil e fortemente religioso. Ao mesmo tempo, é marcado pelo surgimento de formas de expressões artísticas de caráter popular, vinculadas a classes sociais consideradas “inferiores” à época;
- b) é marcado pelo rebuscamento das formas, pela riqueza de detalhes e pelos contrastes. Influenciado pela Contrarreforma, foi concebido como uma reação ao Renascimento;
- c) é também chamado de Neoclassicismo, surge como uma releitura do Renascimento (ou Classicismo), preconizando uma arte pautada pela observância das formas clássicas e dos ideais humanistas. O bucolismo e o pastoralismo podem ser citados como características do Estilo no Brasil;
- d) surge como reação direta à arte e às concepções de mundo medievais, valorizando o passado greco-latino e a explicação científica do mundo; é teocêntrico, em contraponto ao antropocentrismo difundido pela Igreja;
- e) é marcado pelo rebuscamento das formas, pela riqueza de detalhes e pelos contrastes. Expressa a sociedade medieval, teocêntrica, de caráter servil e fortemente religioso. Surge como reação direta à arte e às concepções de mundo medievais e é marcado pelo surgimento de formas de expressões artísticas de caráter popular, vinculadas a classes sociais consideradas “inferiores” à época.

Comentários: O Arcadismo, por se inspirar nos ideais e temas clássicos, também é conhecido como Neoclassicismo. Além disso, o bucolismo e o pastoralismo são suas principais características. Portanto, a alternativa correta é a C.

A alternativa A está incorreta, pois o Arcadismo não pertence à época medieval, tampouco apresenta traços de religiosidade forte.

A alternativa B está incorreta, pois o Arcadismo é marcado pela simplicidade nas formas.

A alternativa D está incorreta, pois o Arcadismo não é teocêntrico.

Alternativa E está incorreta, pois o Arcadismo é marcado pela simplicidade, não pelo rebuscamento.

Gabarito: C

4.2 – ARCADISMO NO BRASIL

Até então, as influências para a literatura brasileira vinham de Portugal, no Arcadismo, as principais referências para os artistas vinham da França. Os membros de uma burguesia intelectualizada que vinham para o Brasil, traziam consigo as ideias iluministas. O contato com essa filosofia provoca uma revolta que será muito importante para a literatura árcade brasileira: **A Inconfidência mineira.**

A Inconfidência Mineira (1789) foi uma revolta da classe mais abastada de Minas Gerais, que se insurgiu contra a “derrama”, prática de contribuição em ouro coletiva cujo objetivo era manter as finanças do rei de Portugal. Os inconfidentes pretendiam libertar Minas Gerais da condição de colônia, fundando uma república – inspirados também pela independência dos Estados Unidos. Os poetas árcades Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga foram alguns dos insurgentes.

Além das características da literatura árcade citadas no item anterior, no Brasil especificamente, o Arcadismo também possui outras características:

Nativismo

- A presença do indígena na literatura, principalmente tomando a expressão do filósofo iluminista Rousseau "o bom selvagem" como guia. Rousseau fala sobre a pureza os nativos e sua relação com a natureza.
- Inspira a literatura indianista que será uma das frentes do Romantismo no Brasil posteriormente.

Natureza do Brasil

- Cenários e espaços que não existem na Europa ou na literatura clássica, pois se referem a paisagens naturais tropicais.
- Elementos da natureza brasileira coexistem com elementos da colônia, como a mineração.

História do Brasil

- Momentos da história do Brasil que merecem destaque, por seu caráter heróico ou simbólico.
- Construção de poesias com cunho épico, heróico.

Os principais autores árcades brasileiros podem ser divididos a partir do tipo de poesia a que se dedicaram majoritariamente:

- **Poesia lírica:** Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga.
- **Poesia épica:** Basílio da Gama e Santa Rita Durão

Vamos ver com mais detalhes cada um deles:

Autores árcades no Brasil

Claudio Manuel da Costa

Claudio Manuel da Costa (1729, Vila do Ribeirão do Carmo – 1789, Vila Rica) foi advogado e minerador. Foi um dos líderes da Inconfidência Mineira, fato que culminou com sua prisão. Ele morreu na cadeia, suscitando dúvidas se teria morrido de causas naturais, suicídio ou se teria sido assassinado.



Ele escrevia suas poesias sob o pseudônimo *Glauceste Satúrnio*. A sua obra lírica mais conhecida é “Obras Poéticas de Glauceste Satúrnio”, posteriormente editada já com o nome do próprio Claudio Manuel da Costa (ver imagem ao lado).

Nesta obra, encontram-se sonetos amorosos, muitos deles denotando influência de Camões, e sonetos de louvor à natureza. Este é um exemplo de soneto de louvor bucólico:

V

Se sou pobre pastor, se não governo
Reinos, nações, províncias, mundo, e gentes;
Se em frio, calma, e chuvas inclementes
Passo o verão, outono, estio, inverno;

Nem por isso trocara o abrigo terno
Desta choça*, em que vivo, coas enchentes
Dessa grande fortuna: assaz** presentes
Tenho as paixões desse tormento eterno.

Adorar as traições, amar o engano,
Ouvir dos lastimosos o gemido,
Passar aflito o dia, o mês, e o ano;

Seja embora prazer; que a meu ouvido
Soa melhor a voz do desengano***,
Que da torpe lisonja o infame ruído.

*choça: cabana rústica, pobre.

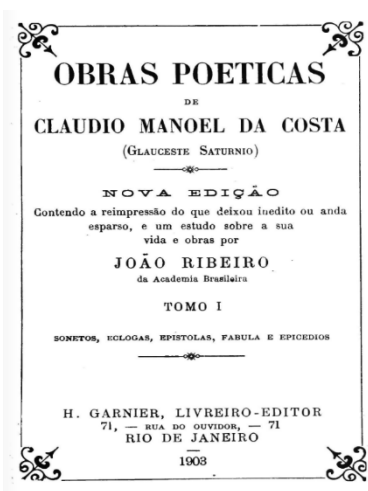
**assaz: bastante

***desengano: (neste caso) ato de sair do engano, de tomar consciência

Nesse soneto, há uma comparação **campo X cidade**. Nessa dualidade expressa no poema, o campo é um lugar de virtudes, ao passo que a cidade de um lugar de vícios. Na primeira estrofe, vê-se a descrição da vida simples no campo, de um homem tão simples quanto: ele não detém posses ou possui importância social/política.

Na segunda estrofe, há a continuação desse raciocínio: o poeta afirma que não troca o campo pela cidade, independente das dificuldades que encontra lá (ex.: viver numa choça, enfrentar enchentes).

Nas terceiras e quarta estrofe, fica ainda mais evidente a oposição: a cidade é um lugar de “traições”, “engano” onde ele iria “passar aflito o dia, o mês, e o ano”. Os elogios (lisonja) são torpes (falsos), ruídos. Por isso o poeta, mesmo diante das dificuldades, prefere o campo à cidade.





Claudio Manuel da Costa escreveu ainda um poema épico, **Vila Rica** (1773), em que descreve dados sobre o surgimento da cidade (o início da exploração do minério, a formação da cidade, as revoltas populares). Não costuma ser muito estudado na literatura, mas tem grande valor histórico por suas descrições.

Tomás Antônio Gonzaga

Tomás Antônio Gonzaga (1744, Porto – 1810, Ilha de Moçambique), assim como Claudio Manuel da Costa, participou ativamente da Inconfidência Mineira. Por conta disso, passou três anos preso na fortaleza da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro. Posteriormente, foi exilado por dez anos em Moçambique, onde refaz sua vida: casa-se com a filha de um senhor de escravos e vive o resto da vida no continente africano.

Sua obra mais famosa, indiscutivelmente, é o livro **Marília de Dirceu**, uma coleção de poesias líricas, divididas em duas partes: a primeira parte, de tom mais otimista, em que Dirceu (nome poético de Gonzaga) fala sobre as perspectivas de futuro com a amada; na segunda parte, um tom mais melancólico, com sentimentos de saudade. Esta segunda parte foi escrita na prisão.



Os temas árcades são muito presentes nessa obra. Há uma construção da natureza como um lugar ameno, onde o amor pode se construir. Além disso, há também muitas referências à fauna e flora. Nesta lira, vamos ver como o poeta trabalha a ideia do *carpe diem*:

Lira XIV

Minha bela Marília, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos Deuses
Sujeitos ao poder ímpio* Fado**:
Apolo já fugiu do Céu brilhante,
Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
Acaba de roubar o bem, que temos;
Até na triste campa não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte.
Qual fica no sepulcro,

Que seus avós ergueram, descansado;
Qual no campo, e lhe arranca os brancos ossos
Ferro do torto arado.

(...)

*ímpio: sem piedade.

**Fado: destino; entidade da mitologia grega que representa a predestinação do homem.

Nessa lira, Marília é conclamada pelo poeta a aproveitar a vida. A morte é o fim iminente e ela chegará mesmo no lugar idílico que é o campo. Isso fica claro quando ele afirma que “até na triste campa não podemos zombar do braço da inconstante sorte”.

Além dos desdobramentos do *carpe diem*, nessa lira há referências à mitologia Grego-latina: além de Fado, há uma referência a uma passagem da lenda de Apolo. Quando Apolo mata os Ciclopes – monstros gigantes de um olho só – Zeus o condena a viver como pastor por um ano. Por isso, o poeta afirma que é impossível fugir a seu destino: nem um deus foi capaz de fugir àquilo que foi determinado para ele.



Tomás Antônio da Costa escreveu, ainda, um livro de poesias satíricas, **Cartas chilenas** (1789), em que denuncia os desmandos do governador da Capitania de Minas. De maneira metafórica, o Chile representa Minas e Santiago representa Vila Rica.

Neste livro, o nome poético de Gonzaga é Critilo.

Basílio da Gama



Basílio da Gama (São José do Rio das Mortes, 1741 – Lisboa, 1795) nasceu na cidade que viria a se tornar Tiradentes, mas teve sua educação no Rio de Janeiro, junto aos jesuítas. Na época, o Marquês de Pombal iniciou uma perseguição à Companhia de Jesus e, por isso, Basílio da Gama também sofreu perseguições, tanto no Brasil quanto em Portugal. Para evitar o exílio e o degredo, produz obras de apoio a Pombal e suas medidas. A mais conhecida delas é **Uruguai** (1769).

Uruguai é um poema épico que narra a história dos povos indígenas que viviam no sul do país, na região do Sete Povos, que faz fronteira com o Uruguai. Esta região é hoje conhecida como Região das Missões.



Nesse poema, os portugueses são tratados como heróis guerreiros; os índios também são retratados de maneira positiva. Em contrapartida, os jesuítas são tratados como vilões, cujo interesse maior é enganar os indígenas.

Esta é uma obra que já conta com traços indianistas, apresentando uma visão idealizada do indígena brasileiro, seguindo a ideia de Rousseau do “bom selvagem”: o homem em seu estado natural é bom, mas a sociedade o corrompe.

Santa Rita Durão

Frei José de Santa Rita Durão (Cata Preta, 1722 – Lisboa, 1784) é considerado, verdadeiramente, um dos precursores do **indianismo** no Brasil. O religioso, que teve boa parte de sua educação na Europa, foi perseguido durante o domínio do Marquês de Pombal em Portugal e passou muito tempo viajando por outros países. Depois da queda de Pombal, voltou às terras portuguesas, onde passou a escrever sua principal obra: o poema épico **Caramuru** (1781).

Caramuru é um poema fortemente influenciado por Camões e é elaborado na forma clássica de uma epopeia. Além de contar a história de Diogo Álvares Correia, o Caramuru, e sua vida com os indígenas no Brasil, traz uma descrição elaborada da fauna e da flora brasileira. A natureza do país e a vida dos indígenas retratada de maneira exortativa são elementos que indicam o traço precursor do indianismo e do naturalismo em sua obra.



Vamos ver como o Arcadismo Brasileiro pode aparecer nos vestibulares:

(ENEM - 2008)

Torno a ver-vos, ó montes; o destino
Aqui me torna a pôr nestes outeiros,
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
Pelo traje da Corte, rico e fino.

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
Os meus fiéis, meus doces companheiros,
Vendo correr os míseros vaqueiros
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço, e mais valia
Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto,

Aqui descanse a louca fantasia,
E o que até agora se tornava em pranto
Se converta em afetos de alegria.

Cláudio Manoel da Costa. In: Domício Proença Filho. A poesia dos inconfidentes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 78-9.

Considerando o soneto de Cláudio Manoel da Costa e os elementos constitutivos do Arcadismo brasileiro, assinale a opção correta acerca da relação entre o poema e o momento histórico de sua produção.

- a) Os “montes” e “outeiros”, mencionados na primeira estrofe, são imagens relacionadas à Metrópole, ou seja, ao lugar onde o poeta se vestiu com traje “rico e fino”.
- b) A oposição entre a Colônia e a Metrópole, como núcleo do poema, revela uma contradição vivenciada pelo poeta, dividido entre a civilidade do mundo urbano da Metrópole e a rusticidade da terra da Colônia.
- c) O bucolismo presente nas imagens do poema é elemento estético do Arcadismo que evidencia a preocupação do poeta árcade em realizar uma representação literária realista da vida nacional.
- d) A relação de vantagem da “choupana” sobre a “Cidade”, na terceira estrofe, é formulação literária que reproduz a condição histórica paradoxalmente vantajosa da Colônia sobre a Metrópole.
- e) A realidade de atraso social, político e econômico do Brasil Colônia está representada esteticamente no poema pela referência, na última estrofe, à transformação do pranto em alegria.

Comentários: A oposição entre campo e cidade é um dos temas essenciais do Arcadismo no Brasil. Ao mesmo tempo que o Brasil na época desenvolvia centros urbanos mais robustos, principalmente devido ao ciclo do ouro, grande parte do território permanecia rural. Portanto, a alternativa certa é a B.

A alternativa A está incorreta, pois essas palavras fazem referência ao campo, não à cidade.

A alternativa C está incorreta, pois não há representação necessariamente realista na literatura árcade, que se permite trabalhar com idealizações.

A alternativa D está incorreta, pois neste período a Colônia ainda estava muito defasada em relação à Portugal, quadro que só começa a se alterar com a vinda da família real para o Brasil.

A alternativa E está incorreta, pois “o pranto em alegria” se refere à oposição cidade e campo, não à condição da colônia na época.

Gabarito: B



5 – EXERCÍCIOS

Você perceberá, ao longo desta lista de exercícios, que há poucos exercícios do ITA sobre o assunto. De fato, a literatura do Brasil Colônia não tem sido um tema de destaque nesse vestibular.

Isso pode significar que:

- A banca não dá tanta importância a esse tema; ou
- Como há muito tempo não aparece esse tema na prova, ele pode voltar a aparecer logo!

Em literatura, não podemos pular movimentos artísticos, pois eles todos acabam se relacionando. Por isso, mesmo que essa assunto não pareça importante, é essencial que você saiba bem o Brasil Colônia para compreender bem os próximos assuntos. Com os exercícios dessa lista você poderá praticar o conteúdo e ficar pronto para um eventual aparecimento desse assunto no ITA!

5.1 – LISTA DE EXERCÍCIOS

1. (ITA – 2018)

O texto abaixo é uma das liras que integram *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.

1. Em uma frondosa
Roseira se abria
Um negro botão!
Marília adorada
O pé lhe torcia
Com a branca mão.

2. Nas folhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondeu.
Tocou-lhe Marília,
Na mão descuidada
A fera mordeu.

3. Apenas lhe morde,
Marília, gritando,
Co dedo fugiu.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudiu.

4. Mal viu a rotura,
E o sangue espargido,
Que a Deusa mostrou,
Risonho beijando
O dedo ofendido,
Assim lhe falou:

5. Se tu por tão pouco
O pranto desatas,
Ah! dá-me atenção:
E como daquele,
Que feres e matas,
Não tens compaixão?

(GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu & Cartas Chilenas*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2011.)

Neste poema,

I. há o relato de um episódio vivido por Marília: após ser ferida por uma abelha, ela é socorrida pelo Amor.

II. o Amor é personificado em uma deidade que dirige a Marília uma pequena censura amorosa.

III. a censura que o Amor faz a Marília é um artifício por meio do qual o sujeito lírico, indiretamente, dirige a ela uma queixa amorosa.

IV. o propósito maior do poema surge, no final, no lamento que o sujeito lírico dirige à amada, que parece fazê-lo sofrer.

Estão corretas:



- a) I, II e III apenas.
- b) I, II e IV apenas.
- c) I e III apenas.
- d) II, III e IV apenas.
- e) todas.

2. (ITA – 2018)

O poema abaixo dialoga com as líras de Marília de Dirceu.

Haicai tirado de uma falsa líra de Gonzaga

Quis gravar “Amor”

No tronco de um velho freixo:

“Marília” escrevi.

(BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.)

Dentre as marcas mais visíveis de intertextualidade, encontram-se as seguintes, EXCETO

- a) o título do poema menciona o autor de Marília de Dirceu.
- b) ambos os textos pertencem à mesma forma poética.
- c) no poema, Marília é, assim como em Gonzaga, o objeto amoroso.
- d) tal como nos textos árcades, no de Bandeira, a natureza é o cenário do amor.
- e) este poema de Bandeira possui, como os de Gonzaga, teor sentimental.

3. (UFPR - 2018)

Sobre o Sermão de Santo Antônio aos peixes (século XVII), do Padre Antônio Vieira, assinale a alternativa correta.

- a) Trata-se de um texto barroco, o que se nota pelo reaproveitamento intertextual que faz de um texto clássico, isto é, do sermão que três séculos antes o próprio Santo Antônio havia pregado.
- b) O sermão é dirigido aos outros pregadores, indicando o que devem fazer para ser o sal da terra, ou seja, para que sejam eficazes em sua ação.
- c) Na segunda metade do sermão, ao apontar os defeitos dos peixes, o Padre Antônio Vieira relaciona esses defeitos aos problemas das sociedades humanas.
- d) Os peixes voadores são louvados no sermão, já que superaram suas limitações de peixe para se levantarem o quanto possível na direção do céu, aproximando-se de Deus.
- e) Vieira se refere a peixes mencionados por santos, pela Bíblia e por autores clássicos, mas não a peixes da costa brasileira, o que denota seu desinteresse por temas locais.



4. (INSPER - 2017)

Texto 1

Os teus olhos espalham luz divina,
a quem a luz do sol em vão se atreve;
papoila ou rosa delicada e fina
te cobre as faces, que são cor da neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
teu lindo corpo bálsamo vapora.
Ah! não, não fez o céu, gentil pastora,
para a glória de amor igual tesouro!
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

(Tomás Antônio Gonzaga, Obras Completas)

Texto 2

Jerônimo levantou-se, quase que maquinalmente, e, seguido por Piedade, aproximou-se da grande roda que se formara em torno dos dois mulatos. Aí, de queixo grudado às costas das mãos contra uma cerca de jardim, permaneceu, sem tugar nem mugir, entregue de corpo e alma àquela cantiga sedutora e voluptuosa que o enleava e tolhia, como à robusta gameleira brava o cipó flexível, carinhoso e traiçoeiro.

E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua cama de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher.

(Aluísio Azevedo, O Cortiço, 1991)

Analisando-se os textos, conclui-se corretamente que a descrição da mulher destaca

- um ponto de vista objetivo, no Texto 1, expressão do Simbolismo, relacionando-se os atributos físicos e morais femininos; e um ponto de vista subjetivo, no Texto 2, expressão do Romantismo, ressaltando-se a graça feminina.
- uma perspectiva erotizante em ambos, expressão do Romantismo, ressaltando-se os atributos físicos femininos e a forma como os homens são seduzidos por ela, sobretudo por ser-lhes inacessível.
- a sensualidade em ambos os textos, expressão do Realismo, com forte apelo ao aspecto instintivo por meio do qual ela cria uma relação de sedução e dominação do homem amado.
- sua idealização, expressão do Arcadismo, numa relação entre a beleza física e a natureza, no Texto 1; e sua sensualidade, expressão da prosa naturalista, enfatizando-se os instintos femininos, no Texto 2.



e) sua inacessibilidade, no Texto 1, expressão do Barroco, marcado por uma concepção divinizada da figura feminina; e sua idealização, no Texto 2, expressão do Parnasianismo, na qual se ressaltam os atributos morais femininos.

5. (FUVEST – 2017)



Fachada da igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto.



Perspectiva da nave da mesma igreja.

II / São Francisco de Assis*

*Senhor, não mereço isto.
Não creio em vós para vos amar.
Trouxestes-me a São Francisco
e me fazeis vosso escravo.*

*Não entrarei, senhor, no templo,
seu frontispício me basta.
Vossas flores e querubins
são matéria de muito amar.*

*Dai-me, senhor, a só beleza
destes ornatos. E não a alma.
Presente-se dor de homem,
paralela à das cinco chagas.*

*Mas entro e, senhor, me perco
na rósea nave triunfal.
Por que tanto baixar o céu?
por que esta nova cilada?*

*Senhor, os púlpitos mudos
entretanto me sorriem.
Mais que vossa igreja, esta
sabe a voz de me embalar.*

Perdão, senhor, por não amar-vos.

Carlos Drummond de Andrade

*O texto faz parte do conjunto de poemas “Estampas de Vila Rica”, que integra a edição crítica de **Claro enigma**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Analise as seguintes afirmações relativas à arquitetura das igrejas sob a estética do Barroco:

- I. Unem-se, no edifício, diferentes artes, para assaltar de uma vez os sentidos, de modo que o público não possa escapar.
- II. O arquiteto procurava surpreender o observador, suscitando nele uma reação forte de maravilhamento.
- III. A arquitetura e a ornamentação dos templos deviam encenar, entre outras coisas, a preeminência da Igreja.

A experiência que se expressa no poema de Drummond registra, em boa medida, as reações do eu lírico ao que se encontra registrado em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) I e III, apenas.
- e) I, II e III.

6. (UNESP – 2017)

Leia o soneto XLVI, de Cláudio Manuel da Costa (1729-1789).

Não vês, Lise, brincar esse menino
Com aquela avezinha? Estende o braço,
Deixa-a fugir, mas apertando o laço,

A condena outra vez ao seu destino.

Nessa mesma figura, eu imagino,
Tens minha liberdade, pois ao passo
Que cuido que estou livre do embaraço,
Então me prende mais meu desatino.

Em um contínuo giro o pensamento
Tanto a precipitar-me se encaminha,
Que não vejo onde pare o meu tormento.

Mas fora menos mal esta ânsia minha,
Se me faltasse a mim o entendimento,
Como falta a razão a esta avezinha.

(Domício Proença Filho (org.). *A poesia dos inconfidentes*, 1996.)

O tom predominante no soneto é de

- a) resignação.
- b) nostalgia.
- c) apatia.
- d) ingenuidade.
- e) inquietude.

7. (ENEM/2017)



CARAVAGGIO, M. M. **Judite e Holoferne**.
Óleo sobre tela, 144 x 195 cm, Galeria Nacional de
Arte Antiga, Roma, 1958. Disponível em: www.wga.hu. Acesso em: 31 jul. 2012.

A exploração dos contrastes entre o claro e o escuro é própria da arte barroca, como é o caso da obra *Judite e Holoferne*. O tratamento de luminosidade empregado por Caravaggio nessa obra

- a) cria uma atmosfera de sonho e imaginação, por deixar algumas regiões do quadro na obscuridade.

- b) oculta os corpos na penumbra, eliminando do quadro qualquer traço de sensualidade.
- c) produz um envolvimento místico e distanciado da experiência cotidiana.
- d) enfatiza o drama e o conflito, conjugando realismo e artificialidade.
- e) recorta as figuras contra o fundo escuro, negando a profundidade.

8. (UFPR - 2017)

Texto para as questões 7 e 8:

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

(Antônio Vieira, *Sermão de Santo Antônio*, em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000033.pdf>>.)

O excerto acima é o início do “Sermão de Santo Antônio aos Peixes” escrito por Antônio Vieira, que se imortalizou pela coerência lógica de seus textos, além de suas qualidades literárias.

O texto trabalha fundamentalmente com duas metáforas: o sal e a terra, que representam, respectivamente, os pregadores (aqueles que deveriam propagar a palavra de Cristo) e os ouvintes (aqueles que deveriam ser convertidos). O tema central do texto é a reflexão sobre as possíveis causas da ineficiência dos pregadores. Para tanto, o autor levanta algumas hipóteses. Tendo isso em vista, considere as seguintes afirmativas:

1. Os pregadores não pregam o que deveriam pregar.
2. Os ouvintes se recusam a aceitar o que os pregadores pregam.
3. Os pregadores não agem de acordo com os valores que pregam.
4. Os ouvintes agem como os pregadores em vez de agir de acordo com o que eles pregam.
5. Os pregadores promovem a si mesmos na pregação ao invés de promover as palavras de Cristo.

Constituem hipóteses levantadas pelo autor do texto:

- a) 1 e 3 apenas.
- b) 3 e 5 apenas.



- c) 1, 2 e 4 apenas.
- d) 2, 4 e 5 apenas.
- e) 1, 2, 3, 4 e 5.

9. (ENEM - 2016)

Soneto VII

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado:
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

COSTA, C. M. Poemas.

Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 7 jul. 2012

No soneto de Cláudio Manuel da Costa, a contemplação da paisagem permite ao eu lírico uma reflexão em que transparece uma

- a) angústia provocada pela sensação de solidão.
- b) resignação diante das mudanças do meio ambiente.
- c) dúvida existencial em face do espaço desconhecido.
- d) intenção de recriar o passado por meio da paisagem.
- e) empatia entre os sofrimentos do eu e a agonia da terra.

10. (FGV - 2016)

Texto para as questões 10 e 11:

[4]
Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,

que viva de guardar alheio gado,
de tosco trato, de expressões grosseiro,



dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal⁽¹⁾ e nele assisto⁽²⁾;
dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
das brancas ovelhinhas tiro o leite,
e mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!
(...)

[5]
Tu não verás, Marília, cem cativos
tirarem o cascalho e a rica terra,
ou dos cercos dos rios caudalosos,
ou da minada serra.

Não verás separar ao hábil negro
do pesado esmeril a grossa areia,

e já brilharem os granetes de oiro
no fundo da bateia⁽³⁾.
(...)
Não verás enrolar negros pacotes
das secas folhas do cheiroso fumo;
nem espremer entre as dentadas rodas
da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
altos volumes⁽⁴⁾ de enredados feitos;
ver-me-ás folhear os grandes livros,
e decidir os pleitos.

Enquanto revolver os meus consultos,
tu me farás gostosa companhia,
lendo os fastos da sábia, mestra História,
e os cantos da poesia.

Tomás A. Gonzaga, *Marília e Dirceu*.

Glossário:

(1) casal: pequena propriedade rural.

(2) assisto: resido, moro.

(3) bateia: utensílio empregado no garimpo; espécie de gamela.

(4) altos volumes: referência a processos judiciais, pois o poeta era magistrado.

Nesses excertos, Dirceu apresenta a Marília alguns dos argumentos com que pretende convencê-la a desposá-lo, bem como lhe sugere uma imagem de sua vida conjugal futura.

Considerando-se o teor dos argumentos e das imagens aí presentes, pode-se concluir corretamente que

- a) a relação amorosa proposta pelo poeta passa pelo crivo da racionalidade e do cálculo.
- b) as preocupações pecuniárias do eu lírico revelam que ele visa antes ao dote que à dama.
- c) o poeta trata de seduzir a dama interesseira, expondo-lhe o rol de seus bens.
- d) o poeta acena à amada com um futuro conjugal aventureiro e movimentado.
- e) as imagens idílicas que o eu lírico emprega remetem, de modo cifrado, a interesses eróticos inconfessáveis.

11. (FGV - 2016)

O excerto contém versos que atestam, de modo enfático, que, no Brasil, o Arcadismo, também chamado de Neoclassicismo,

- a) desenvolveu-se em meio rural, ao contrário do caráter citadino que tinha no Velho Mundo.



- b) procurou situar na realidade local os temas e formas de sua matriz europeia.
- c) tornou-se nacionalista, abandonando o internacionalismo que é inerente a sua filiação classicista.
- d) repudiou, em nome do maravilhoso cristão, as referências à mitologia pagã, greco-latina.
- e) imiscuiu-se na política, o que lhe prejudicou a integridade estética.

12. (UNIFESP - 2016)



*(Pedro Américo. Tiradentes esquartejado, 1893.
Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora.)*

A conhecida pintura de Pedro Américo (1840-1905) remete a um fato histórico relacionado à seguinte escola literária brasileira:

- a) Barroco.
- b) Arcadismo.
- c) Naturalismo.
- d) Realismo.
- e) Romantismo.

13. (UNESP – 2016)

Os autores deste movimento pregavam a simplicidade, quer nos temas de suas composições, quer como sistema de vida: aplaudindo os que, na Antiguidade e na Renascença, fugiam ao burburinho citadino para se isolar nas vilas, pregavam a “áurea mediocridade”, a dourada mediania existencial, transcorrida sem sobressaltos, sem paixões ou desejos. Regressar à Natureza, fundir-se nela, contemplar-lhe a quietude permanente, buscar as verdades que lhe são imanentes – em suma, perseguir a naturalidade como filosofia de vida. (Massaud Moisés. Dicionário de termos literários, 2004. Adaptado.)

O comentário do crítico Massaud Moisés refere-se ao seguinte movimento literário:

- a) Arcadismo.
- b) Simbolismo.
- c) Romantismo.
- d) Barroco.
- e) Naturalismo

14. (UERN- 2015)

Acerca da linguagem utilizada nos versos a seguir de Gregório de Matos, um dos principais nomes do Barroco, é correto afirmar que:

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

(Gregório de Matos. Poemas escolhidos (seleção, introdução e notas José Miguel Wisnik). São Paulo: Cultrix, 1981. Fragmento.)

- a) mostra-se predominantemente denotativa, evitando o uso de analogias.
- b) caracteriza-se pelo emprego de figuras de linguagem, classificando o trecho como cultista.
- c) é uma linguagem coloquial, buscando uma maior aproximação entre o eu lírico e o interlocutor.
- d) por meio da antítese – Depois da Luz se segue a noite escura – depreende-se que o eu lírico anula-se diante da passagem do tempo.

15. (UFAM- 2015)

Leia o poema “Buscando a Cristo”, de Gregório de Matos:

A vós, correndo vou, Braços sagrados,
Nessa Cruz sacrossanta descobertos;
Que, para receber-me, estais abertos
E, por não castigar-me, estais cravados.

A vós, divinos Olhos, eclipsados,
De tanto sangue e lágrimas cobertos,
Pois, para perdoar-me, estais despertos
E, por não condenar-me, estais fechados.

A Vós, pregados Pés por não deixar-me;
A Vós, Sangue vertido para ungir-me;



A Vós, Cabeça baixa por chamar-me;

A Vós, Lado patente, quero unir-me;
A Vós, Cravos preciosos, quero atar-me;
Para ficar unido, atado e firme.

Assinale a alternativa **INCORRETA**:

- a) O último verso exemplifica o desejo de união espiritual com Cristo, ou seja, da manifestação do desejo humano de ligar-se a Deus.
- b) O poema apresenta, de acordo com o estilo barroco, situações ambivalentes, o que se observa em relação aos braços e aos pés de Cristo.
- c) O sangue vertido adquire sentido simbólico, pois é através dele que o pecador será salvo.
- d) O texto é feito basicamente de metonímias, o que permite ao eu lírico não mencionar o nome de Cristo, deixando implícita, no entanto, a sua presença.
- e) O soneto é feito em versos decassílabos heroicos, com o seguinte esquema de rimas: ABBA / ABBA / CDC / DCD.

16. (UNIFESP - 2014)

Leia o soneto de Cláudio Manuel da Costa.

*Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.*

*Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!*

*Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.*

*Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!*

(Obras, 1996.)

No soneto, o eu lírico expressa-se de forma

- a) eufórica, reconhecendo a necessidade de mudança.



- b) contida, descortinando as impressões auspiciosas do cenário.
- c) introspectiva, valendo-se da idealização da natureza.
- d) racional, mostrando-se indiferente às mudanças.
- e) reflexiva, explorando ambiguidades existenciais.

17. (ENEM - 2014)

Quando Deus redimiu da tirania
Da mão do Faraó endurecido
O Povo Hebreu amado, e esclarecido,
Páscoa ficou da redenção o dia.

Páscoa de flores, dia de alegria
Àquele povo foi tão afligido
O dia, em que por Deus foi redimido;
Ergo sois vós, Senhor, Deus da Bahia.

Pois mandado pela alta Majestade
Nos remiu de tão triste cativo,
Nos livrou de tão vil calamidade.

Quem pode ser senão um verdadeiro
Deus, que veio estirpar desta cidade
O Faraó do povo brasileiro.

DAMASCENO, D. (Org.). **Melhores poemas: Gregório de Matos.**
São Paulo: Globo, 2006.

Com uma elaboração de linguagem e uma visão de mundo que apresentam princípios barrocos, o soneto de Gregório de Matos apresenta temática expressa por

- a) visão cética sobre as relações sociais.
- b) preocupação com a identidade brasileira.
- c) crítica velada à forma de governo vigente.
- d) reflexão sobre os dogmas do cristianismo.
- e) questionamento das práticas pagãs na Bahia.

18. (ENEM - 2014)

Sermão da Sexagésima

Nunca na Igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? Não há um homem que em um sermão entre em si e se resolva, não há um moço que se arrependa, não há um velho que

se desengane. Que é isto? Assim como Deus não é hoje menos onipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, por que não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta, tão grande e tão importante dúvida, será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós; a mim, para aprender a pregar; a vós, que aprendais a ouvir.

VIEIRA, A. *Sermões Escolhidos*, v. 2. São Paulo: Edameris, 1965.

No *Sermão da sexagésima*, padre Antônio Vieira questiona a eficácia das pregações. Para tanto, apresenta como estratégia discursiva sucessivas interrogações, as quais têm por objetivo principal

- a) provocar a necessidade e o interesse dos fiéis sobre o conteúdo que será abordado no sermão.
- b) conduzir o interlocutor à sua própria reflexão sobre os temas abordados nas pregações.
- c) apresentar questionamentos para os quais a Igreja não possui respostas.
- d) inserir argumentos à tese defendida pelo pregador sobre a eficácia das pregações.
- e) questionar a importância das pregações feitas pela Igreja durante os sermões.

19. (UEPA/2014)

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

(Gregório de Matos Guerra)

Assinale a alternativa que contém uma característica da comunicação poética, típica do estilo Barroco, existente no quarteto acima.

- a) Reflexão sobre o caráter humano da divindade.
- b) Associação da natureza com a permanência da realidade espiritual.
- c) Presença da irreverência satírica do poeta com base no paradoxo.
- d) Utilização do pleonasmo para reforçar a superioridade do cristianismo sobre o protestantismo.
- e) Uso de ideias contrastantes com base no recurso da antítese.

20. (UFPR - 2013)

Considere o soneto a seguir, de Gregório de Matos:



Descreve com galharda propriedade o labirinto confuso de suas desconfianças

Ó caos confuso, labirinto horrendo,
Onde não topo luz, nem fio achando;
Lugar de glória, aonde estou penando;
Casa da morte, aonde estou vivendo!

Oh voz sem distinção, Babel* tremendo;
Pesada fantasia, sono brando;
Onde o mesmo que toco, estou sonhando;
Onde o próprio que escuto, não o entendo;

Sempre és certeza, nunca desengano;
E a ambas pretensões com igualdade,
No bem te não penetro, nem no dano.

És ciúme martírio da vontade;
Verdadeiro tormento para engano;
E cega presunção para verdade.

*Babel: bíblico, torre inacabada por castigo divino; quando de sua construção os homens viram seus idiomas se confundirem, gerando o desentendimento que os obrigou a se dispersarem. Por extensão, desentendimento, confusão.

(MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos. Seleção e organização: José Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 219.*)

O soneto transcrito apresenta características recorrentes da poesia de Gregório de Matos e do período literário em que ele o escreveu, o Barroco. Acerca desse soneto, é correto afirmar:

- O poema descreve um labirinto e, de modo semelhante à imagem descrita, utiliza uma linguagem em que a ideia central só se apresenta no fim do texto.
- O poema se apropria de duas imagens, Babel e labirinto, com a intenção de tematizar um sentimento conturbado: a presunção.
- O poema se estrutura como um soneto típico, em que a ideia central está apresentada no primeiro quarteto.
- As figuras de linguagem utilizadas associam ideias contrárias, o que se contrapõe às imagens do labirinto e de Babel.
- O poema apresenta nos quartetos duas imagens concretas, dissociadas das abstrações apresentadas nos tercetos.

21. (FGV - 2013)



Leia a posteridade, ó pátrio Rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Por que vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês ninfa cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias
Nas porções do riquíssimo tesouro
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

Cláudio Manuel da Costa, **Obras**.

Considere as seguintes informações sobre o texto:

Nesse poema, manifestam-se as fusões entre

- I. o reconhecimento da matriz marcadamente europeia do imaginário arcádico e a tentativa de sua transplantação para o Novo Mundo;
- II. o propósito nativista de louvar a própria terra e a percepção do caráter coisificado de sua condição colonial;
- III. configurações formais de ordem cultista e a utilização de elementos composicionais já mais típicos da poesia neoclássica.

Está correto o que se afirma em

- a) I, somente.
- b) I e II, somente.
- c) I e III, somente.
- d) II e III, somente.
- e) I, II e III.

22. (UERN - 2013)

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia:



Enquanto com gentil descortesia
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança voadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trota a toda ligeireza,
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh, não aguardes, que a madura idade
Te converta em flor, essa beleza
Em terra, em cinza, em pó, em sobra, em nada.

(Matos, Gregório de. *Obra poética*. Vol. I. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1990. p. 507.)

Acerca das característica(s) barroca(s) presente(s) no texto de Gregório de Matos, destaca(m)-se.

- I. Uso de linguagem vulgar e tratamento impiedoso às pessoas de sua época.
- II. Uso das figuras de linguagem antítese e paradoxo, evidenciando a oposição de ideias.
- III. Desenvolvimento do tema clássico “locus amoenus” (lugar tranquilo, agradável, onde se encontram os amantes).

Pode(m) ser apontada(s) como característica(s) barroca(s) presente(s) no texto de Gregório de Matos apenas

- a) I.
- b) II.
- c) III.
- d) II e III.

23. (UNESP - 2012)

Considere o poema de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810) para as questões 18 e 19.

18

*Não vês aquele velho respeitável,
que à muleta encostado,
apenas mal se move e mal se arrasta?
Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo,
o tempo arrebatado,
que o mesmo bronze gasta!*

*Enrugaram-se as faces e perderam
seus olhos a viveza:
voltou-se o seu cabelo em branca neve;
já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo,
nem tem uma beleza
das belezas que teve.*



*Assim também serei, minha Marília,
daqui a poucos anos,
que o ímpio tempo para todos corre.
Os dentes cairão e os meus cabelos.
Ah! sentirei os danos,
que evita só quem morre.*

*Mas sempre passarei uma velhice
muito menos penosa.
Não trarei a muleta carregada,
descansarei o já vergado corpo
na tua mão piedosa,
na tua mão nevada.*

*As frias tardes, em que negra nuvem
os chuvaeiros não lance,
irei contigo ao prado florescente:
aqui me buscarás um sítio ameno,
onde os membros descanse,
e ao brando sol me aquente.*

*Apenas me sentar, então, movendo
os olhos por aquela
vistosa parte, que ficar fronteira,
apontando direi: — Ali falamos,
ali, ó minha bela,
te vi a vez primeira.*

*Verterão os meus olhos duas fontes,
nascidas de alegria;
farão teus olhos ternos outro tanto;
então darei, Marília, frios beijos
na mão formosa e pia,
que me limpar o pranto.*

*Assim irá, Marília, docemente
meu corpo suportando
do tempo desumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marília
quem, sentida, chorando
meus baços olhos cerra.*

(Tomás Antônio Gonzaga. *Marília de Dirceu e mais poesias*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1982.)

A leitura atenta deste poema do livro *Marília de Dirceu* revela que o eu lírico

- a) sente total desânimo perante a existência e os sentimentos.
- b) aceita com resignação a velhice e a morte amenizadas pelo amor.
- c) está em crise existencial e não acredita na durabilidade do amor.
- d) protesta ao Criador pela precariedade da existência humana.
- e) não aceita de nenhum modo o envelhecimento e prefere morrer ainda jovem.

24. (UNESP - 2012)

No conteúdo da quinta estrofe do poema encontramos uma das características mais marcantes do Arcadismo:

- a) paisagem bucólica.
- b) pessimismo irônico.
- c) conflito dos elementos naturais.
- d) filosofia moral.
- e) desencanto com o amor.



25. (UFPR - 2012)

Considerando a poesia de Gregório de Matos e o momento literário em que sua obra se insere, avalie as seguintes afirmativas:

1. Apresentando a luta do homem no embate entre a carne e o espírito, a terra e o céu, o presente e a eternidade, os poemas religiosos do autor correspondem à sensibilidade da época e encontram paralelo na obra de um seu contemporâneo, Padre Antônio Vieira.
2. Os poemas erótico-irônicos são um exemplo da versatilidade do poeta, mas não são representativos da melhor poesia do autor, por não apresentarem a mesma sofisticação e riqueza de recursos poéticos que os poemas líricos ou religiosos apresentam.
3. Como bom exemplo da poesia barroca, a poesia do autor incrementa e exagera alguns recursos poéticos, deixando sua linguagem mais rebuscada e enredada pelo uso de figuras de linguagem raras e de resultados tortuosos.
4. A presença do elemento mulato nessa poesia resgata para a literatura uma dimensão social problemática da sociedade baiana da época: num país de escravos, o mestiço é um ser em conflito, vítima e algoz em uma sociedade violentamente desigual.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 1, 3 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.
- e) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.

26. (UEL - 2011)

Triste Bahia! Oh quão dessemelhante
Estás, e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!

(MATOS, Gregório de. *Poesias selecionadas*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1998. p. 141.)

A partir da leitura do texto, considere as afirmativas a seguir.

- I. O poema faz parte da produção de Gregório de Matos caracterizada pelo cunho satírico, visto que ridiculariza vícios e imperfeições e assume um tom de censura.
- II. As figuras do desconsolado poeta, da triste Bahia e do sagaz Brichote são imagens poéticas utilizadas para expressar a existência de um triângulo amoroso.
- III. O poema apresenta a degradação da Bahia e do eu-lírico, em virtude do sistema de trocas imposto à Colônia, o qual privilegiava os comerciantes estrangeiros.
- IV. Os versos “Que em tua larga barra tem entrado” e “Deste em dar tanto açúcar excelente” conferem ao poema um tom erótico, pois, simbolicamente, sugerem a ideia de solicitação ao prazer.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e III são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

27. (FGV - 2010)

Vila Rica

O ouro fulvo* do ocaso as velhas casas cobre;
Sangram, em laivos* de ouro, as minas, que ambição
Na torturada entranha abriu da terra nobre:
E cada cicatriz brilha como um brasão.

O ângelus plange ao longe em doloroso dobre,
O último ouro de sol morre na cerração.
E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,
O crepúsculo cai como uma extrema-unção.

Agora, para além do cerro, o céu parece
Feito de um ouro ancião, que o tempo enegreceu...
A neblina, roçando o chão, cicia, em prece,



Como uma procissão espectral que se move...
Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...
Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

Olavo Bilac

***Glossário:**

“fulvo”: de cor alaranjada.

“laivos”: marcas; manchas; desenhos estreitos e coloridos nas pedras; restos ou vestígios.

No penúltimo verso, há uma referência ao pseudônimo árcade de um poeta ligado à cidade descrita no poema. Trata-se do autor da obra **Marília de Dirceu**, cujo nome é

- a) Gonçalves Dias.
- b) Silva Alvarenga.
- c) Basílio da Gama.
- d) Cláudio Manuel da Costa.
- e) Tomás Antônio Gonzaga.

28. (IBMEC - 2010)

Marília de Dirceu

Enquanto pasta, alegre, o manso
gado,
minha bela Marília, nos sentemos
À sombra deste cedro levantado.
Um pouco meditemos
Na regular beleza,
Que em tudo quanto vive nos
descobre
A sábia Natureza.

Atende como aquela vaca preta
O novilhinho seu dos mais separa,
E o lambe, enquanto chupa a lisa
teta.
Atende mais, ó cara,
Como a ruiva cadela
Suporta que lhe morda o filho o
corpo,
E salte em cima dela.

Repara, como cheia de ternura
Entre as asas ao filho essa ave
aquece,

Como aquela esgravata a terra dura,
E os seus assim sustenta;
Como se encoleriza,
E salta sem receio a todo o vulto,
Que junto deles pisa.

Que gosto não terá a esposa amante,
Quando der ao filhinho o peito
brando,
E refletir então no seu semblante!
Quando, Marília, quando
Disser consigo: "É esta
"De teu querido pai a mesma barba,
"A mesma boca, e testa."

Que gosto não terá a mãe, que toca,
Quando o tem nos seus braços, c'o
dedinho
Nas faces graciosas, e na boca
Do inocente filhinho!
Quando, Marília bela,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecê-la!

Que prazer não terão os pais ao



verem
Com as mães um dos filhos
abraçados;
Jogar outros luta, outros correrem

Nos cordeiros montados!
Que estado de ventura!
Que até naquilo, que de peso serve,
Inspira Amor, doçura.

(GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*.

In: *Proença Filho, Domício. Org. A poesia dos inconfidentes*.

Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996, p. 605.)

É correto afirmar sobre esses versos

- a) O cenário bucólico e pastoril, típico dos poemas árcades, contrasta com a seleção de palavras de baixo calão como “vaca”, “teta” e “cadela”.
- b) Inspirado nos clássicos greco-latinos e renascentistas, o poeta recorre a uma linguagem rebuscada e extravagante para valorizar a técnica barroca.
- c) Embora tenha a estrutura de um diálogo, os versos devem ser interpretados como um monólogo no qual o poeta reflete sobre a sabedoria da natureza, tomada como modelo de equilíbrio.
- d) O eu-lírico expressa seu ufanismo, pois idealiza a pátria e sua amada, Marília, de forma a antecipar os ideais do Romantismo.
- e) O poeta envolve sua amada numa atmosfera onírica para enfatizar a transfiguração do amor.

Texto para questões 29, 30 e 31.

Lira 83

Que diversas que são, Marília, as horas,
que passo na masmorra imunda e feia,
dessas horas felizes, já passadas
na tua pátria aldeia!

Então eu me ajuntava com Glauceste;
e à sombra de alto cedro na campina
eu versos te compunha, e ele os
compunha
à sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva;
de exceder um ao outro qualquer trata;
o eco agora diz: Marília terna;
e logo: Eulina ingrata.

Deixam os mesmos sátiros as grutas:
um para nós ligeiro move os passos,
ouve-nos de mais perto, e faz a flauta
cos pés em mil pedaços.

— Dirceu — clama um pastor — ah! bem
merece
da cândida Marília a formosura.
E aonde — clama o outro — quer Eulina
achar maior ventura?

Nenhum pastor cuidava do rebanho,
enquanto em nós durava esta porfia;
e ela, ó minha amada, só findava
depois de acabar-se o dia.

À noite te escrevia na cabana
os versos, que de tarde havia feito;
mal tos dava e os lia, os guardavas
no casto e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
banhados com as lágrimas do gosto,
jurava não cantar mais outras graças
que as graças do teu rosto.



Ainda não quebrei o juramento;
eu agora, Marília, não as canto;

mas inda vale mais que os doces versos
a voz do triste pranto.

(GONZAGA, T. A. *Marília de Dirceu & Cartas Chilenas*.
São Paulo: Ática, 1997. p. 126-127.)

29. (UEL - 2010)

Com base no poema de Tomás Antônio Gonzaga, considere as afirmativas a seguir:

- I. Na primeira estrofe do poema, o eu-lírico coloca lado a lado sua situação de prisioneiro político no presente da elaboração do poema e sua situação de estrangeiro no passado vivido em ambiente urbano.
- II. Na quinta estrofe do poema, há o registro da “porfia”, ou seja, da disputa obstinada efetivada por meio de palavras, de dois pastores: Dirceu (Tomás Antônio Gonzaga) e Glauceste (Cláudio Manuel da Costa).
- III. Nas estrofes de números 7 e 8, depara-se o leitor com ambiente distinto daquele compartilhado com Glauceste, pois agora o ambiente é fechado e restrito ao convívio com a mulher amada.
- IV. Na última estrofe do poema, o eu-lírico afirma continuar cantando as graças de outros rostos, embora só consiga sentir o ambiente fétido e repugnante da prisão.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- b) Somente as afirmativas II e III são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.

30. (UEL - 2010)

O ideal horaciano da “áurea mediocridade”, tão cultivado pelos poetas árcades, faz-se presente pelo registro

- a) de uma existência em contato com seres míticos, como é o caso dos sátiros.
- b) de uma vida raciocinante expressa por meio de linguagem elaborada metaforicamente.
- c) da aceitação obstinada dos reveses da vida impostos pela política.
- d) do prazer suscitado pelas situações difíceis a serem disciplinadamente encaradas.
- e) de uma vida tranquila e amorosa em contato com a natureza sempre amena.

31. (UEL - 2010)



Assinale a alternativa que enumera corretamente as características do Arcadismo brasileiro presentes no poema de Tomás Antônio Gonzaga.

- a) A presença do ambiente rústico; a transmissão da palavra poética ao autor; a celebração da vida familiar; a engenhosa elaboração pictórica do poema de maneira a dominarem as figuras de linguagem.
- b) A presença do ambiente nacional; a supressão da palavra poética; a celebração da vida familiar; a construção pictórica do poema de maneira a dominarem as figuras de linguagem.
- c) A presença do ambiente urbano; a transmissão da palavra poética ao autor; a celebração da vida rústica; a elaboração predominantemente hiperbólica do poema.
- d) A presença de ambiente bucólico; a delegação da palavra poética a um pastor; a celebração da vida simples; a clareza, a lógica e a simplicidade na construção do poema.
- e) A presença do ambiente nacional; a delegação da palavra poética a um pastor; a celebração da vida em sociedade; a construção racional do poema enfatizando o decoro e a discrição.

32. (UFSM - 2010)

Aportando na costa brasileira, Pero Vaz de Caminha depara-se com uma realidade paradisíaca, mas a descreve objetivamente, quase como antropólogo. No século seguinte, qual será a perspectiva de Gregório de Matos sobre a mesma terra?

SONETO

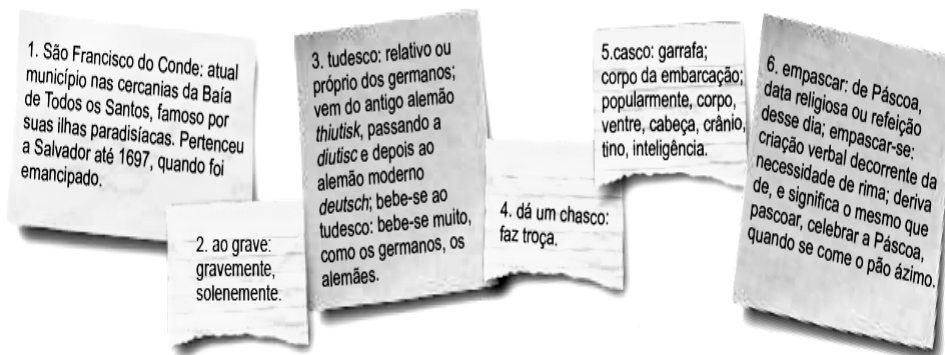
*Há cousa como estar em São Francisco¹
donde vamos ao pasto tomar fresco?
Passam as negras, fala-se burlesco,
fretam-se todas, todas caem no visco.*

*O peixe roda aqui, ferve o marisco,
come-se ao grave², bebe-se ao tudesco,³
vêm barcos da cidade com frescos,
há já tanto biscoito como cisco.*

*Chega o Faísca, fala, e dá um chasco⁴,
começa ao dia, acaba ao lusco-fusco,
não cansa o paladar, rompe-se o casco⁵.*

*Joga-se em casa em sendo o dia brusco;
vem-se chegando a Páscoa, e se eu me empasco⁶,
os lombos do tatu é o pão que busco.*





Considere as afirmativas:

- I. Ao poeta não impressiona, como a Pero Vaz de Caminha, a inocência tropical da mulher autóctone, mas a sensualidade buliçosa da africana; a ele não apraz a pureza das águas infindas que chamaram a atenção do escrivão, e sim a bebida (alcoólica) em abundância, além da mesa farta.
- II. A viagem do poeta a São Francisco parece coincidir com a data da chegada de Cabral à "Terra de Vera Cruz", isto é, por ocasião da Páscoa.
- III. O poema testemunha a licenciosidade que reinava na Colônia e que motivou a produção satírica de Gregório de Matos.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e III.
- e) I, II e III.

33. (UFSCar - 2009)

Lira III

Tu não verás, Marília, cem cativos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao hábil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeiras inda novas;
Servir de adubo à terra a fértil cinza,
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos;



Ver-me-ás folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Enquanto revolver os meus Consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os fastos da sábia, mestra História,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bela;

Eu, vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma beleza,
Marília, não lhes invejes a ventura,
Que tens quem leve à mais remota idade
A tua formosura.

(Tomás Antônio Gonzaga, Marília de Dirceu.)

Dentre os temas presentes na poesia de Gonzaga, destaca-se, nesse texto, a

- a) idealização da natureza pastoril grega.
- b) antecipação da felicidade conjugal.
- c) influência do poema Camões, de Garret.
- d) presença do medievalismo europeu.
- e) dominação de Portugal sobre o Brasil-Colônia.

34. (ENEM - 2009)

Lisongeia outra vez impaciente a retenção de sua mesma desgraça...

Gregório de Matos

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo claramente
Na vossa ardente vista o sol ardente,
E na rosada face a Aurora fria:

Enquanto pois produz, enquanto cria
Essa esfera gentil, mina excelente
No cabelo o metal mais reluzente,
E na boca a mais fina pedraria:

Gozai, gozai da flor da formosura,
Antes que o frio da madura idade
Tronco deixe despido, o que é verdura.

Que passado o Zenith da mocidade,
Sem a noite encontrar da sepultura,
É cada dia ocaso de beldade.

*CUNHA, H. P. Convivência maneirista e barroca na obra de Gregório de Matos.
In: Origens da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.p. 90.*



O Barroco é um movimento complexo, considerado como a arte dos contrastes. O poema de Gregório de Matos, que revela características do Barroco brasileiro, é uma espécie de livre-tradução de um poema de Luís de Góngora, importante poeta espanhol do século XVII.

Fruto de sua época, o poema de Gregório de Matos destaca

- a) a regular alternância temática entre versos pares e ímpares.
- b) o contraste entre a beleza física da mulher e a religiosidade do poeta.
- c) o pesar pela transitoriedade da juventude e a certeza da morte ou da velhice.
- d) o uso de antíteses para distinguir o que é terreno e o que é espiritual na mulher.
- e) a concepção de amor que se transforma em tormento da alma e do corpo do eu lírico.

Considere os versos de Gregório de Matos para as questões 35 e 36

Neste mundo é mais rico, o que mais rapa:
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa:
Com sua língua ao nobre o vil decepa:
O Velhaco maior sempre tem capa.

35. (UNIFESP - 2009)

Nos versos, o eu lírico deixa evidente que

- a) uma pessoa se torna desprezível pela ação do nobre.
- b) o honesto é quem mais aparenta ser desonesto.
- c) geralmente a riqueza decorre de ações ilícitas.
- d) as injúrias, em geral, eliminam as injustiças.
- e) o vil e o rico são vítimas de severas injustiças.

36. (UNIFESP - 2009)

Levando em consideração que, em sua produção literária, Gregório de Matos dedicou-se também à sátira irreverente, pode-se afirmar que os versos se marcam

- a) pelo sentimentalismo, fruto da sintonia do eu lírico com a sociedade.
- b) pela indiferença, decorrente da omissão do eu lírico com a sociedade.
- c) pelo negativismo, pois o eu lírico condena a sociedade pelo viés da religião.
- d) pela indignação, advinda de um ideal moralizante expresso pelo eu lírico.
- e) pela ironia, já que o eu lírico supõe que todas as pessoas são desonestas.

37. (ENEM - 2009)

Texto 1

José de Anchieta fazia parte da Companhia de Jesus, veio ao Brasil aos 19 anos para catequizar a população das primeiras cidades brasileiras e, como instrumento de trabalho, escreveu manuais, poemas e peças teatrais.

Texto 2

Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosque e não se vê em todo ano árvore nem erva seca. Os arvoredos se vão às nuvens de admirável altura e grossura e variedade de espécies. Muitos dão bons frutos e o que lhes dá graça é que há neles muitos passarinhos de grande formosura e variedades e em seu canto não dão vantagem aos rouxinóis, pintassilgos, colorinos e canários de Portugal e fazem uma harmonia quando um homem vai por este caminho, que é para louvar o Senhor, e os bosques são tão frescos que os lindos e artificiais de Portugal ficam muito abaixo.

ANCHIETA, José de. Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta. Rio de Janeiro: S.J., 1933, 430-31 p.

A leitura dos textos revela a preocupação de Anchieta com a exaltação da religiosidade. No texto 2, o autor exalta, ainda, a beleza natural do Brasil por meio

- do emprego de primeira pessoa para narrar a história de pássaros e bosques brasileiros, comparando-os aos de Portugal.
- da adoção de procedimentos típicos do discurso argumentativo para defender a beleza dos pássaros e bosques de Portugal.
- da descrição de elementos que valorizam o aspecto natural dos bosques brasileiros, a diversidade e a beleza dos pássaros do Brasil.
- do uso de indicações cênicas do gênero dramático para colocar em evidência a frescura dos bosques brasileiros e a beleza dos rouxinóis.
- do uso tanto de características da narração quanto do discurso argumentativo para convencer o leitor da superioridade de Portugal em relação ao Brasil.

38. (IME – 2009)

Entre a lembrança e a realidade: registros de viagem.

NEVES, Auricléa Oliveira das. Entre a lembrança e a realidade: registros de viagem. Amazonas: Universidade do Estado do Amazonas, 2008.

As viagens têm um profundo significado na história da humanidade. Inicialmente, no período da coleta, as migrações se faziam pela necessidade de buscar alimentos, posteriormente elas foram realizadas para conquistar espaços mais apropriados para o bem estar da comunidade. Outros objetivos também suscitaram o deslocamento do homem: a



posse de espaços territoriais, a exploração de riquezas, o conhecimento de novas terras, o estudo de locais específicos, ou simplesmente a viagem como forma de lazer.

(...)

No plano ficcional, vários autores no Ocidente, a partir de Homero, com a Odisseia, se dedicaram a usar as viagens como tema. Na literatura de língua portuguesa, os registros iniciais são oriundos dos relatos orais de marinheiros, apontamentos náuticos, diários de bordo, escritos de pilotos que, presumidamente, serviram de fonte para Gomes Eanes de Zurara, primeiro cronista conhecido das viagens oceânicas portuguesas.

Na história literária da América e do Brasil, os primeiros registros advêm dos escritos de viajantes: o Diário de Cristóvão Colombo e a Carta de Pero Vaz de Caminha.

A revelação de novos espaços, paisagens, floras, faunas, costumes e religiões, as aventuras e peripécias de viagens mais fabulosas que dos romances de cavalaria e as dos poemas da Antiguidade, inspiraram [...] uma vasta literatura descritiva e narrativa, que assumiu várias formas desde os grandes tratados históricos ou geográficos em grossos volumes até às curtas reportagens em folhetos de cordel. (Saraiva & Lopes, 1982, p.294)

Em cada época, as jornadas se realizaram de formas e condições variadas, seus viajantes apresentaram objetivos diversos como conquista, exploração, reconhecimento, administração, catequese, aventura ou lazer. Durante o Iluminismo, com a mudança de mentalidade de muitos dirigentes, as relações entre os governos da Europa e suas colônias da América assumem novos significados, assim, as viagens passaram a ter o caráter científico. O empreendedor dessas jornadas tem a preocupação com a observação, a descrição e a classificação de tudo que há nas terras conquistadas no século XVI para que os governos possam inventariar a fortuna natural de suas colônias e obter controle sobre elas.

Considere o título do texto 1 destacado abaixo e as afirmativas a seguir.

Entre a lembrança e a realidade: registros de viagem.

I. De acordo com o texto, relatos orais não podem ser considerados registros de viagem.

II. A expressão “Entre a lembrança e a realidade” pode ser considerada como preocupação com a memória enquanto dado histórico de uma nação. Esta afirmativa pode ser comprovada com a seguinte afirmação da autora: “O empreendedor dessas jornadas tem a preocupação com a observação, a descrição e a classificação de tudo que há nas terras conquistadas nos século XVI para que os governos possam inventariar a fortuna natural de suas colônias e obter controle sobre elas”.

III. O objetivo primeiro das viagens, segundo a autora, foi: “serem realizadas para conquistar espaços mais apropriados para o bem estar da comunidade”.

Pode-se dizer que está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

(A) I

(B) II



- (C) III
- (D) I e II
- (E) II e III

39. (UERGS - 2009)

Leia com atenção os textos 1, 2 e 3, de Gregório de Matos Guerra.

TEXTO 1

“Pequei, Senhor, mas não por que hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque quanto mais tenho delinquido
Vos tem a perdoar mais empenhado”....

TEXTO 2

“Qual homem pode haver tão paciente
Que, vendo o triste estado da Bahia,
Não chore, não suspire e não lamente?”...

TEXTO 3

“Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos e boca, o sol e o dia.”....

Analise as afirmações que são feitas a respeito dos textos 1, 2 e 3, acima citados.

- I. O texto 1 retrata o lirismo amoroso do autor.
- II. Os textos 2 e 3 retratam, respectivamente, a poesia satírica e a poesia amorosa do autor.
- III. Os textos 1 e 3 retratam, respectivamente, a poesia amorosa e a poesia religiosa do autor.

Quais estão corretas?

- a) Somente I.
- b) Somente II.
- d) Somente III.
- d) Somente I e III.
- e) I, II e III.

40. (CEFET - 2009)

Sobre a literatura dos jesuítas, pode-se afirmar que:



- a) visava catequizar.
- b) é rica de informação.
- c) não tinha, propriamente, grande valor literário.
- d) seus maiores expoentes são o Padre Anchieta e o Padre Vieira.
- e) tinha intenção pedagógica e moral.
- f) a obra de Anchieta é a mais importante.
- g) Nóbrega escreveu “De Beata Virgine”.

Estão corretas somente as afirmativas:

- a) a, b, c, d, e
- b) a, b, d, e, f
- c) b, c, d, e, f
- d) a, b, c, e, f
- e) b, c, e, f, g



4.2 - GABARITO

1. E	15. B	29. B
2. B	16. E	30. E
3. C	17. C	31. D
4. D	18. A	32. E
5. E	19. E	33. B
6. E	20. A	34. C
7. D	21. E	35. C
8. E	22. B	36. D
9. E	23. B	37. C
10. A	24. A	38. B
11. B	25. C	39. B
12. B	26. B	40. D
13. A	27. E	
14. B	28. C	



5.3 - QUESTÕES COMENTADAS

1. (ITA – 2018)

O texto abaixo é uma das liras que integram *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.

1. Em uma frondosa
Roseira se abria
Um negro botão!
Marília adorada
O pé lhe torcia
Com a branca mão.

3. Apenas lhe morde,
Marília, gritando,
Co dedo fugiu.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudiu.

5. Se tu por tão pouco
O pranto desatas,
Ah! dá-me atenção:
E como daquele,
Que feres e matas,
Não tens compaixão?

2. Nas folhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondeu.
Tocou-lhe Marília,
Na mão descuidada
A fera mordeu.

4. Mal viu a rotura,
E o sangue espargido,
Que a Deusa mostrou,
Risonho beijando
O dedo ofendido,
Assim lhe falou:

(GONZAGA, Tomás Antônio.
*Marília de Dirceu & Cartas
Chilenas*. 10. ed. São Paulo:
Ática, 2011.)

Neste poema,

I. há o relato de um episódio vivido por Marília: após ser ferida por uma abelha, ela é socorrida pelo Amor.

II. o Amor é personificado em uma deidade que dirige a Marília uma pequena censura amorosa.

III. a censura que o Amor faz a Marília é um artifício por meio do qual o sujeito lírico, indiretamente, dirige a ela uma queixa amorosa.

IV. o propósito maior do poema surge, no final, no lamento que o sujeito lírico dirige à amada, que parece fazê-lo sofrer.

Estão corretas:

a) I, II e III apenas.

b) I, II e IV apenas.

c) I e III apenas.

d) II, III e IV apenas.

e) todas.

Comentários: A afirmação do item I. se comprova pelas estrofes 2 e 3, em que o autor diz que a abelha enraivecida mordeu a mão de Marília (estrofe 2) e o Amor, que brincava no bosque, foi socorrê-la (estrofe 3).

A afirmação do item II. se confirma pelo fato que o Amor realiza ações no poema: ajudar Marília, beijar seu dedo, por exemplo.



A afirmação do item III. se confirma pela pergunta na estrofe 5: Como daquele que feres e matas não tens compaixão?”. Esse “ferir” e “matar” é metafórico: como ela não lhe dá o amor que deseja, ela o está ferindo.

A afirmação do item IV. se confirma, pois o livro “Marília de Dirceu” trata, em diversos poemas, do desejo de amor do poeta, que clama que Marília corresponda a seus sentimentos.

Gabarito: E

2. (ITA – 2018)

O poema abaixo dialoga com as liras de Marília de Dirceu.

Haikai tirado de uma falsa lira de Gonzaga

Quis gravar “Amor”

No tronco de um velho freixo:

“Marília” escrevi.

(BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.)

Dentre as marcas mais visíveis de intertextualidade, encontram-se as seguintes, EXCETO

- a) o título do poema menciona o autor de Marília de Dirceu.
- b) ambos os textos pertencem à mesma forma poética.
- c) no poema, Marília é, assim como em Gonzaga, o objeto amoroso.
- d) tal como nos textos árcades, no de Bandeira, a natureza é o cenário do amor.
- e) este poema de Bandeira possui, como os de Gonzaga, teor sentimental.

Comentários: A alternativa B é a única incorreta, pois o poema de Bandeira é um Haikai: estrutura poética de três versos, e “Marília de Dirceu” é um conjunto de liras, como está dito na pergunta do enunciado.

A alternativa A está correta, pois o autor de Marília de Dirceu é Tomás Antônio Gonzaga.

A alternativa C está correta, pois a palavra “amor” pode ser substituída por “Marília”, o que significa que ela representa este sentimento para o poeta.

A alternativa D está correta, pois o local em que Bandeira escolhe demonstrar seu amor é o tronco de uma árvore.

A alternativa E está correta, pois o tema do poema é o amor que sente por Marília.

Gabarito: B

3. (UFPR - 2018)

Sobre o Sermão de Santo Antônio aos peixes (século XVII), do Padre Antônio Vieira, assinale a alternativa correta.

- a) Trata-se de um texto barroco, o que se nota pelo reaproveitamento intertextual que faz de um texto clássico, isto é, do sermão que três séculos antes o próprio Santo Antônio havia pregado.

- b) O sermão é dirigido aos outros pregadores, indicando o que devem fazer para ser o sal da terra, ou seja, para que sejam eficazes em sua ação.
- c) Na segunda metade do sermão, ao apontar os defeitos dos peixes, o Padre Antônio Vieira relaciona esses defeitos aos problemas das sociedades humanas.
- d) Os peixes voadores são louvados no sermão, já que superam suas limitações de peixe para se levantarem o quanto possível na direção do céu, aproximando-se de Deus.
- e) Vieira se refere a peixes mencionados por santos, pela Bíblia e por autores clássicos, mas não a peixes da costa brasileira, o que denota seu desinteresse por temas locais.

Comentários: A alternativa C é a correta, pois Vieira enumera espécies diferentes de peixes e suas características, comparando-as com comportamentos louváveis ou reprováveis nos homens.

A alternativa A está incorreta, pois a intertextualidade não é uma característica do movimento Barroco.

A alternativa B está incorreta, pois o sermão é destinado aos homens, com o intuito de convertê-los. O sermão dirigido a outros pregadores é o Sermão da sexagésima.

A alternativa D está incorreta, pois Vieira acredita que peixes tentarem voar é um ato de arrogância diante dos desígnios de Deus.

A alternativa E está incorreta, pois Vieira cita peixes brasileiros. O autor possui interesse nas fauna e flora brasileiras, elemento recorrente em seus sermões.

Gabarito: C

4. (INSPER - 2017)

Texto 1

Os teus olhos espalham luz divina,
a quem a luz do sol em vão se atreve;
papoila ou rosa delicada e fina
te cobre as faces, que são cor da neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
teu lindo corpo bálsamo vapora.
Ah! não, não fez o céu, gentil pastora,
para a glória de amor igual tesouro!
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

(Tomás Antônio Gonzaga, Obras Completas)

Texto 2

Jerônimo levantou-se, quase que maquinalmente, e, seguido por Piedade, aproximou-se da grande roda que se formara em torno dos dois mulatos. Aí, de queixo grudado às costas das mãos contra uma cerca de jardim, permaneceu, sem tugar nem mugir, entregue de corpo e alma àquela cantiga sedutora e voluptuosa que o enleava e tolhia, como à robusta gameleira brava o cipó flexível, carinhoso e traiçoeiro.

E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua cama de prata, a cujo



refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher.

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*, 1991)

Analisando-se os textos, conclui-se corretamente que a descrição da mulher destaca

a) um ponto de vista objetivo, no Texto 1, expressão do Simbolismo, relacionando-se os atributos físicos e morais femininos; e um ponto de vista subjetivo, no Texto 2, expressão do Romantismo, ressaltando-se a graça feminina.

b) uma perspectiva erotizante em ambos, expressão do Romantismo, ressaltando-se os atributos físicos femininos e a forma como os homens são seduzidos por ela, sobretudo por ser-lhes inacessível.

c) a sensualidade em ambos os textos, expressão do Realismo, com forte apelo ao aspecto instintivo por meio do qual ela cria uma relação de sedução e dominação do homem amado.

d) sua idealização, expressão do Arcadismo, numa relação entre a beleza física e a natureza, no Texto 1; e sua sensualidade, expressão da prosa naturalista, enfatizando-se os instintos femininos, no Texto 2.

e) sua inacessibilidade, no Texto 1, expressão do Barroco, marcado por uma concepção divinizada da figura feminina; e sua idealização, no Texto 2, expressão do Parnasianismo, na qual se ressaltam os atributos morais femininos.

Comentários: Essa questão poderia ser resolvida pela identificação dos períodos literários aos quais os autores pertencem: Tomás Antônio Gonzaga é autor do Arcadismo e Aluísio Azevedo é autor Naturalista. Portanto, a alternativa correta é a D.

A alternativa A está incorreta, pois Tomás Antônio Gonzaga não pertence ao Simbolismo, nem Aluísio Azevedo ao Romantismo. Além disso, no texto dois não há a idealização da graça feminina, mas sim seu aspecto instintivo.

A alternativa B está incorreta, pois Tomás Antônio Gonzaga não pertence ao Romantismo e nem Aluísio Azevedo. Além disso, o caráter erótico descrito não está presente no primeiro texto.

A alternativa C está incorreta, pois Tomás Antônio Gonzaga não pertence ao Realismo e nem Aluísio Azevedo. Além disso, o aspecto instintivo da sensualidade é uma característica do texto 2 apenas.

A alternativa E está incorreta, pois Tomás Antônio Gonzaga não pertence ao Barroco, nem Aluísio Azevedo ao Parnasianismo. Além disso, o texto 2 ressalta atributos físicos, não morais.

Gabarito: D

5. (FUVEST – 2017)



Fachada da igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto.



Perspectiva da nave da mesma igreja.

II / São Francisco de Assis*

*Senhor, não mereço isto.
Não creio em vós para vos amar.
Trouxestes-me a São Francisco
e me fazeis vosso escravo.*

*Não entrarei, senhor, no templo,
seu frontispício me basta.
Vossas flores e querubins
são matéria de muito amar.*

*Dai-me, senhor, a só beleza
destes ornatos. E não a alma.
Presente-se dor de homem,
paralela à das cinco chagas.*

*Mas entro e, senhor, me perco
na rósea nave triunfal.
Por que tanto baixar o céu?
por que esta nova cilada?*

Senhor, os púlpitos mudos



*entretanto me sorriem.
Mais que vossa igreja, esta
sabe a voz de me embalar.*

Perdão, senhor, por não amar-vos.

Carlos Drummond de Andrade

*O texto faz parte do conjunto de poemas “Estampas de Vila Rica”, que integra a edição crítica de **Claro enigma**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Analise as seguintes afirmações relativas à arquitetura das igrejas sob a estética do Barroco:

- I. Unem-se, no edifício, diferentes artes, para assaltar de uma vez os sentidos, de modo que o público não possa escapar.
- II. O arquiteto procurava surpreender o observador, suscitando nele uma reação forte de maravilhamento.
- III. A arquitetura e a ornamentação dos templos deviam encenar, entre outras coisas, a preeminência da Igreja.

A experiência que se expressa no poema de Drummond registra, em boa medida, as reações do eu lírico ao que se encontra registrado em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) I e III, apenas.
- e) I, II e III.

Comentários: A afirmação I. se confirma na estrofe “Mas entro e, senhor, me perco na rósea nave triunfal.”. O poeta reluta em entrar na igreja e diz que não ama a Deus, mas foi feito “escravo” diante da visão da Igreja de São Francisco.

A afirmação II. está correta, pois o poeta se vê numa dificuldade de continuar em sua posição afirmando “não amar a Deus” diante da beleza do templo.

A afirmação III. está correta, pois a grandiosidade das igrejas era uma maneira de demonstrar todo o poder da Igreja Católica (nota: “preeminência” significa superioridade, grandeza, algo que é digno de louvor). Tanto o é, que o poeta se sente escravizado por aquele ambiente e, por fim, pede perdão a Deus pelos seus sentimentos em relação a ele.

Gabarito: E

6. (UNESP – 2017)

Leia o soneto XLVI, de Cláudio Manuel da Costa (1729-1789).

Não vês, Lise, brincar esse menino
Com aquela avezinha? Estende o braço,
Deixa-a fugir, mas apertando o laço,
A condena outra vez ao seu destino.

Nessa mesma figura, eu imagino,
Tens minha liberdade, pois ao passo
Que cuido que estou livre do embaraço,
Então me prende mais meu desatino.

Em um contínuo giro o pensamento
Tanto a precipitar-me se encaminha,
Que não vejo onde pare o meu tormento.

Mas fora menos mal esta ânsia minha,
Se me faltasse a mim o entendimento,
Como falta a razão a esta avezinha.

(Domicio Proença Filho (org.). A poesia dos inconfidentes, 1996.)

O tom predominante no soneto é de

- a) resignação.
- b) nostalgia.
- c) apatia.
- d) ingenuidade.
- e) inquietude.

Comentários: No arcadismo, o sentimento de inquietude pode aparecer na forma do poeta que não tem seu amor pela amada correspondido. Neste poema em especial, esse sentimento parece mais potencializado que o comum, principalmente nos versos “Que não vejo onde pare o meu tormento. / Mas fora menos mal esta ânsia minha”. Portanto, a alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois o poeta está tentando convencer a amada a terminar seu sofrimento, portanto, não está resignado com sua situação.

A alternativa B está incorreta, pois não há saudade do tempo passado nesse poema, mas sim uma referência a uma situação do presente (o amor e o menino com o passarinho).

A alternativa C está incorreta, pois o poeta está sofrendo por sua situação, portanto, não está apático.

A alternativa D está incorreta, pois o poeta demonstra esperteza e agudeza ao comparar uma situação externa aos seus sentimentos. Ingenuidade é uma característica que dificilmente poderia ser atribuída a um poeta barroco.

Gabarito: E

7. (ENEM/2017)





CARAVAGGIO, M. M. *Judite e Holoferne*.
Óleo sobre tela, 144 x 195 cm, Galeria Nacional de
Arte Antiga, Roma, 1958. Disponível em: www.wga.hu. Acesso em: 31 jul. 2012.

A exploração dos contrastes entre o claro e o escuro é própria da arte barroca, como é o caso da obra *Judite e Holoferne*. O tratamento de luminosidade empregado por Caravaggio nessa obra

- a) cria uma atmosfera de sonho e imaginação, por deixar algumas regiões do quadro na obscuridade.
- b) oculta os corpos na penumbra, eliminando do quadro qualquer traço de sensualidade.
- c) produz um envolvimento místico e distanciado da experiência cotidiana.
- d) enfatiza o drama e o conflito, conjugando realismo e artificialidade.
- e) recorta as figuras contra o fundo escuro, negando a profundidade.

Comentários: A alternativa D é a correta, pois descreve características do movimento Barroco expressas na imagem: o conflito entre opostos conjugado e situações dramáticas/extremas.

A alternativa A está incorreta, pois os artistas barrocos não trabalham com a ideia de sonho, mas sim de conflito.

A alternativa B está incorreta, pois a sensualidade é acentuada pela atmosfera, que deixa os corpos definidos.

A alternativa C está incorreta, pois não há um ambiente místico envolvido, mas sim a realidade, com traços grotescos e violentos (vide expressões nos rostos).

A alternativa E está incorreta, pois a presença de luz e sombra cria perspectiva, independente do fundo dessa imagem.

Gabarito: D

8. (UFPR - 2017)

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores

dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

(Antônio Vieira, *Sermão de Santo Antônio*, em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000033.pdf>>.)

O excerto acima é o início do “Sermão de Santo Antônio aos Peixes” escrito por Antônio Vieira, que se imortalizou pela coerência lógica de seus textos, além de suas qualidades literárias.

O texto trabalha fundamentalmente com duas metáforas: o sal e a terra, que representam, respectivamente, os pregadores (aqueles que deveriam propagar a palavra de Cristo) e os ouvintes (aqueles que deveriam ser convertidos). O tema central do texto é a reflexão sobre as possíveis causas da ineficiência dos pregadores. Para tanto, o autor levanta algumas hipóteses. Tendo isso em vista, considere as seguintes afirmativas:

1. Os pregadores não pregam o que deveriam pregar.
2. Os ouvintes se recusam a aceitar o que os pregadores pregam.
3. Os pregadores não agem de acordo com os valores que pregam.
4. Os ouvintes agem como os pregadores em vez de agir de acordo com o que eles pregam.
5. Os pregadores promovem a si mesmos na pregação ao invés de promover as palavras de Cristo.

Constituem hipóteses levantadas pelo autor do texto:

- a) 1 e 3 apenas.
- b) 3 e 5 apenas.
- c) 1, 2 e 4 apenas.
- d) 2, 4 e 5 apenas.
- e) 1, 2, 3, 4 e 5.

Comentários:

A hipótese 1 se confirma pelo trecho “Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina”.

A hipótese 2 se confirma pelo trecho “ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber”.

A hipótese 3 se confirma pelo trecho “. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra”.

A hipótese 4 se confirma pelo trecho “ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem”.

A hipótese 5 se confirma pelo trecho “Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo”.

Gabarito: E

9. (ENEM - 2016)

Soneto VII

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado:
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

COSTA, C. M. Poemas.

Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 7 jul. 2012

No soneto de Cláudio Manuel da Costa, a contemplação da paisagem permite ao eu lírico uma reflexão em que transparece uma

- a) angústia provocada pela sensação de solidão.
- b) resignação diante das mudanças do meio ambiente.
- c) dúvida existencial em face do espaço desconhecido.
- d) intenção de recriar o passado por meio da paisagem.
- e) empatia entre os sofrimentos do eu e a agonia da terra.

Comentários: Fica claro o sentimento de empatia desenvolvido no poema na última estrofe em que diz que a região que vê já não é a mesma: nela estão presentes os males do próprio poeta. Portanto, a alternativa correta é a E.

A alternativa A está incorreta, pois o que causa angústia não é a solidão, mas sim o fim do local idílico que conhecia.

A alternativa B está incorreta, pois o poeta não está resignado, pelo contrário, está revoltado com o que vê.

A alternativa C está incorreta, pois não há dúvida, mas sim revolta diante do espaço que já não é mais o mesmo.



A alternativa D está incorreta, pois o poeta não quer recriar o passado. Ele está apenas se lembrando e comparando com a situação atual.

Gabarito: E

10. (FGV - 2016)

Texto para as questões 10 e 11:

[4]

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
que viva de guardar alheio gado,
de tosco trato, de expressões grosseiro,
dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal⁽¹⁾ e nele assisto⁽²⁾;
dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
das brancas ovelhinhas tiro o leite,
e mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
graças à minha estrela!

(...)

[5]

Tu não verás, Marília, cem cativos
tirarem o cascalho e a rica terra,
ou dos cercos dos rios caudalosos,
ou da minada serra.

Não verás separar ao hábil negro

Glossário:

(1) casal: pequena propriedade rural.

(2) assisto: resido, moro.

(3) bateia: utensílio empregado no garimpo; espécie de gamela.

(4) altos volumes: referência a processos judiciais, pois o poeta era magistrado.

do pesado esmeril a grossa areia,
e já brilharem os granetes de oiro
no fundo da bateia⁽³⁾.

(...)

Não verás enrolar negros pacotes
das secas folhas do cheiroso fumo;
nem espremer entre as dentadas rodas
da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
altos volumes⁽⁴⁾ de enredados feitos;
ver-me-ás folhear os grandes livros,
e decidir os pleitos.

Enquanto revolver os meus consultos,
tu me farás gostosa companhia,
lendo os fastos da sábia, mestra História,
e os cantos da poesia.

Tomás A. Gonzaga, **Marília e Dirceu**.

Nesses excertos, Dirceu apresenta a Marília alguns dos argumentos com que pretende convencê-la a desposá-lo, bem como lhe sugere uma imagem de sua vida conjugal futura.

Considerando-se o teor dos argumentos e das imagens aí presentes, pode-se concluir corretamente que

- a relação amorosa proposta pelo poeta passa pelo crivo da racionalidade e do cálculo.
- as preocupações pecuniárias do eu lírico revelam que ele visa antes ao dote que à dama.
- o poeta trata de seduzir a dama interesseira, expondo-lhe o rol de seus bens.



- d) o poeta acena à amada com um futuro conjugal aventureiro e movimentado.
- e) as imagens idílicas que o eu lírico emprega remetem, de modo cifrado, a interesses eróticos inconfessáveis.

Comentários: O poeta, principalmente na primeira metade da lira, diz à amada que possui terras e casa. Isso é importante para o contexto da época, pois deixa claro que ele não precisaria da ajuda financeira da amada ou sua família após o casamento. Na segunda estrofe, deixa claro que ela nunca terá contato com o trabalho braçal das fazendas e poderá passar seus dias lendo e o acompanhando nas atividades intelectuais. Assim, expondo esses elementos, ele quer mostrar à amada os motivos práticos, racionais, que o tornam uma boa escolha para o casamento.

A alternativa B está incorreta, pois o dote de Marília não é importante, já que ele é dono de terras.

A alternativa C está incorreta, pois Marília não tem seu interesse colocado em nenhum momento. A ideia do poeta é expor as questões práticas do casamento entre os dois.

A alternativa D está incorreta, pois o que Dirceu projeta é um futuro equilibrado, em que ambos podem passar seus dias dedicados às atividades intelectuais.

A alternativa E está incorreta, pois a descrição do espaço tem mais a ver com a exploração da ideia da vida no campo e suas virtudes do que com algum traço erótico.

Gabarito: A

11. (FGV - 2016)

O excerto contém versos que atestam, de modo enfático, que, no Brasil, o Arcadismo, também chamado de Neoclassicismo,

- a) desenvolveu-se em meio rural, ao contrário do caráter citadino que tinha no Velho Mundo.
- b) procurou situar na realidade local os temas e formas de sua matriz europeia.
- c) tornou-se nacionalista, abandonando o internacionalismo que é inerente a sua filiação classicista.
- d) repudiou, em nome do maravilhoso cristão, as referências à mitologia pagã, greco-latina.
- e) imiscuiu-se na política, o que lhe prejudicou a integridade estética.

Comentários: O poema faz relação ao contexto brasileiro ao mencionar os escravos, as plantações e organização econômica da época. Assim, o Arcadismo no Brasil transpõe traços da literatura árcade europeia para a realidade brasileira.

A alternativa A está incorreta, pois o Arcadismo se desenvolve junto com a constituição das cidades, principalmente as de Minas Gerais.

A alternativa C está incorreta, pois os preceitos que regem o Arcadismo brasileiro são os mesmos que o europeu, principalmente os temas latinos.

A alternativa D está incorreta, pois o misticismo – religioso ou pagão – não é tema dos versos transcritos.

A alternativa E está incorreta, pois o Arcadismo no Brasil apresenta ambos os aspectos (político e estético), sem prejuízo um do outro.

Gabarito: B

12. (UNIFESP - 2016)



*(Pedro Américo. Tiradentes esquartejado, 1893.
Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora.)*

A conhecida pintura de Pedro Américo (1840-1905) remete a um fato histórico relacionado à seguinte escola literária brasileira:

- a) Barroco.
- b) Arcadismo.
- c) Naturalismo.
- d) Realismo.
- e) Romantismo.

Comentários: Esta questão é de algum modo interdisciplinar. Pelo nome da obra de arte (“Tiradentes esquartejado”), sabe-se que o episódio se refere à Inconfidência Mineira, já que Tiradentes foi um dos participantes da insurgência. O Arcadismo é o movimento literário contemporâneo à Inconfidência e que dedica parte de sua produção ao assunto. Portanto, a alternativa correta é B

A alternativa A está incorreta, pois este movimento literário pertence à um período anterior à Inconfidência Mineira.

A alternativa C está incorreta, pois este movimento literário pertence à um período posterior à Inconfidência Mineira.

A alternativa D está incorreta, pois este movimento literário pertence à um período posterior à Inconfidência Mineira.

A alternativa E está incorreta, pois este movimento literário pertence à um período posterior à Inconfidência Mineira.

Gabarito: B

13. (UNESP – 2016)



Os autores deste movimento pregavam a simplicidade, quer nos temas de suas composições, quer como sistema de vida: aplaudindo os que, na Antiguidade e na Renascença, fugiam ao burburinho citadino para se isolar nas vilas, pregavam a “áurea mediocridade”, a dourada mediania existencial, transcorrida sem sobressaltos, sem paixões ou desejos. Regressar à Natureza, fundir-se nela, contemplar-lhe a quietude permanente, buscar as verdades que lhe são imanentes – em suma, perseguir a naturalidade como filosofia de vida. (Massaud Moisés. Dicionário de termos literários, 2004. Adaptado.)

O comentário do crítico Massaud Moisés refere-se ao seguinte movimento literário:

- a) Arcadismo.
- b) Simbolismo.
- c) Romantismo.
- d) Barroco.
- e) Naturalismo

Comentários: Por citar a valorização da simplicidade, a referência à Antiguidade e à “áurea mediocridade” (*aurea mediocritas*), fica claro que o movimento literário a que ele se refere é o Arcadismo.

A alternativa B está incorreta, pois o Simbolismo não pregava a simplicidade, já que utilizava linguagem elaborada.

A alternativa C está incorreta, pois o Romantismo não se inspira na Antiguidade Clássica.

A alternativa D está incorreta, pois o Barroco não valoriza a simplicidade.

A alternativa E está incorreta, pois o Naturalismo não se referencia na Antiguidade.

Gabarito: A

14. (UERN- 2015)

Acerca da linguagem utilizada nos versos a seguir de Gregório de Matos, um dos principais nomes do Barroco, é correto afirmar que:

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

(Gregório de Matos. *Poemas escolhidos (seleção, introdução e notas José Miguel Wisnik)*. São Paulo: Cultrix, 1981. Fragmento.)

- a) mostra-se predominantemente denotativa, evitando o uso de analogias.
- b) caracteriza-se pelo emprego de figuras de linguagem, classificando o trecho como cultista.
- c) é uma linguagem coloquial, buscando uma maior aproximação entre o eu lírico e o interlocutor.



d) por meio da antítese – Depois da Luz se segue a noite escura – depreende-se que o eu lírico anula-se diante da passagem do tempo.

Comentários: Gregório de Matos é um dos autores mais expoentes do cultismo barroco. O uso de analogias como a do trecho é muito característico dessa tendência. Portanto, a alternativa B é a correta.

A alternativa A é incorreta, pois a linguagem é mais conotativa do que denotativa, usando a analogia “dia e noite” para representar “alegrias e tristezas”.

A alternativa C é incorreta, pois o Barroco se caracteriza pelo uso de linguagem rebuscada.

A alternativa D é incorreta, pois o autor não se anula diante da passagem do tempo, pelo contrário, ela a sente e sofre por ela.

Gabarito: B

15. (UFAM- 2015)

Leia o poema “Buscando a Cristo”, de Gregório de Matos:

A vós, correndo vou, Braços sagrados,
Nessa Cruz sacrossanta descobertos;
Que, para receber-me, estais abertos
E, por não castigar-me, estais cravados.

A vós, divinos Olhos, eclipsados,
De tanto sangue e lágrimas cobertos,
Pois, para perdoar-me, estais despertos
E, por não condenar-me, estais fechados.

A Vós, pregados Pés por não deixar-me;
A Vós, Sangue vertido para ungir-me;
A Vós, Cabeça baixa por chamar-me;

A Vós, Lado patente, quero unir-me;
A Vós, Cravos preciosos, quero atar-me;
Para ficar unido, atado e firme.

Assinale a alternativa **INCORRETA**:

- a) O último verso exemplifica o desejo de união espiritual com Cristo, ou seja, da manifestação do desejo humano de ligar-se a Deus.
- b) O poema apresenta, de acordo com o estilo barroco, situações ambivalentes, o que se observa em relação aos braços e aos pés de Cristo.
- c) O sangue vertido adquire sentido simbólico, pois é através dele que o pecador será salvo.
- d) O texto é feito basicamente de metonímias, o que permite ao eu lírico não mencionar o nome de Cristo, deixando implícita, no entanto, a sua presença.



e) O soneto é feito em versos decassílabos heroicos, com o seguinte esquema de rimas: ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Comentários: Não há ambivalência expressa no corpo de Cristo, mas sim no que ele significa dependendo da situação (ex.: abertos para perdoar, pregados à cruz por não castigar). Portanto, a única com incorreções é a alternativa B.

A alternativa A não possui erros, pois no último verso o poeta usa três palavras que expressam ligação: unido, atado e firme.

A alternativa C não possui erros, pois o sangue derramado é metonímia para a morte de Cristo, através da qual os pecados da humanidade foram perdoados.

A alternativa D não possui erros, pois através de metonímias referindo-se a elementos bastante conhecidos da mitologia cristã é possível compreender que o poeta se refere a Cristo.

A alternativa E não possui erros, pois de fato os versos possuem 10 sílabas cada e o esquema de sílabas está correto. (Ne/ssa/ Cruz/ as/cro/ssan/ta /des/co/ber/tos)

Gabarito: B

16. (UNIFESP - 2014)

Leia o soneto de Cláudio Manuel da Costa.

*Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.*

*Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!*

*Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.*

*Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!*

(Obras, 1996.)

No soneto, o eu lírico expressa-se de forma

- a) eufórica, reconhecendo a necessidade de mudança.
- b) contida, descortinando as impressões auspiciosas do cenário.
- c) introspectiva, valendo-se da idealização da natureza.
- d) racional, mostrando-se indiferente às mudanças.
- e) reflexiva, explorando ambiguidades existenciais.



Comentários: O autor está pensando no passado, comparando-o com o presente. Há uma diferença entre como o poeta se recordava do local que está e como este se encontra atualmente. Por isso, a alternativa correta é a E.

A alternativa A está incorreta, pois o poeta não queria que nenhuma mudança tivesse ocorrido. Ele gostaria que o local tivesse mantido sua integridade.

A alternativa B está incorreta, pois as impressões do autor sobre o local são ruins, não auspiciosas (boas).

A alternativa C está incorreta, pois a natureza já não é idealizada neste poema: ela foi destruída.

A alternativa D está incorreta, pois as mudanças afetam o poeta profundamente.

Gabarito: E

17. (ENEM - 2014)

Quando Deus redimiu da tirania
Da mão do Faraó endurecido
O Povo Hebreu amado, e esclarecido,
Páscoa ficou da redenção o dia.

Páscoa de flores, dia de alegria
Àquele povo foi tão afligido
O dia, em que por Deus foi redimido;
Ergo sois vós, Senhor, Deus da Bahia.

Pois mandado pela alta Majestade
Nos remiu de tão triste cativo,
Nos livrou de tão vil calamidade.

Quem pode ser senão um verdadeiro
Deus, que veio estirpar desta cidade
O Faraó do povo brasileiro.

*DAMASCENO, D. (Org.). Melhores poemas: Gregório de Matos.
São Paulo: Globo, 2006.*

Com uma elaboração de linguagem e uma visão de mundo que apresentam princípios barrocos, o soneto de Gregório de Matos apresenta temática expressa por

- a) visão cética sobre as relações sociais.
- b) preocupação com a identidade brasileira.
- c) crítica velada à forma de governo vigente.
- d) reflexão sobre os dogmas do cristianismo.
- e) questionamento das práticas pagãs na Bahia.

Comentários: Gregório de Matos critica o governo vigente a partir de uma comparação bíblica: o governador está para o faraó, assim como o povo brasileiro está para os hebreus. Por isso, clama a Deus que os livre do mal que o governante representa. A alternativa correta, portanto, é a C.



A alternativa A está incorreta, pois o ceticismo quanto às relações sociais não é tema neste poema.

A alternativa B está incorreta, pois a preocupação não é com a identidade brasileira, mas sim com o governante local.

A alternativa D está incorreta, pois a questão da religião não aparece no poema senão para dar suporte à metáfora com a história bíblica.

A alternativa E está incorreta, pois não há qualquer referência às praticas pagãs no poema.

Gabarito: C

18. (ENEM - 2014)

Sermão da Sexagésima

Nunca na Igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? Não há um homem que em um sermão entre em si e se resolva, não há um moço que se arrependa, não há um velho que se desengane. Que é isto? Assim como Deus não é hoje menos onipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa; se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, por que não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta, tão grande e tão importante dúvida, será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós; a mim, para aprender a pregar; a vós, que aprendais a ouvir.

VIEIRA, A. *Sermões Escolhidos*, v. 2. São Paulo: Edameris, 1965.

No *Sermão da sexagésima*, padre Antônio Vieira questiona a eficácia das pregações. Para tanto, apresenta como estratégia discursiva sucessivas interrogações, as quais têm por objetivo principal

- a) provocar a necessidade e o interesse dos fiéis sobre o conteúdo que será abordado no sermão.
- b) conduzir o interlocutor à sua própria reflexão sobre os temas abordados nas pregações.
- c) apresentar questionamentos para os quais a Igreja não possui respostas.
- d) inserir argumentos à tese defendida pelo pregador sobre a eficácia das pregações.
- e) questionar a importância das pregações feitas pela Igreja durante os sermões.

Comentários: Utilizar interrogações (ex.: “Que é isso?”) é uma maneira de prender o interesse do ouvinte, pois o incita a sentir que participa daquela situação. Por isso, a alternativa correta é A.

A alternativa B está incorreta, pois o pregador quer que o ouvinte compreenda aquilo que já foi estipulado pelo próprio religioso, ou seja, que o acompanhe no seu raciocínio até a conclusão esperada.

A alternativa C está incorreta, pois os sermões se dedicam a converter fieis, não expor questionamentos da religião.



A alternativa D está incorreta, pois os argumentos são apresentados de diversas maneiras, não apenas pelos questionamentos.

A alternativa E está incorreta, pois não há questionamento acerca da importância dos sermões. As perguntas são apenas um recurso para prender a atenção do ouvinte.

Gabarito: A

19. (UEPA - 2014)

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

(Gregório de Matos Guerra)

Assinale a alternativa que contém uma característica da comunicação poética, típica do estilo Barroco, existente no quarteto acima.

- a) Reflexão sobre o caráter humano da divindade.
- b) Associação da natureza com a permanência da realidade espiritual.
- c) Presença da irreverência satírica do poeta com base no paradoxo.
- d) Utilização do pleonasmo para reforçar a superioridade do cristianismo sobre o protestantismo.
- e) Uso de ideias contrastantes com base no recurso da antítese.

Comentários: Há uma antítese na ideia de “luz e noite” e “tristezas a alegria”. Isso expressa os contrastes típicos do Barroco, portanto, a alternativa correta é a E.

A alternativa A está incorreta, pois caráter humano da divindade não é uma característica Barroca.

A alternativa B está incorreta, pois a relação com a natureza é uma questão do Arcadismo, não Barroco.

A alternativa C está incorreta, pois não há, nesse trecho, irreverência satírica.

A alternativa D está incorreta, pois não há referência religiosa no trecho apresentado.

Gabarito: E

20. (UFPR - 2013)

Considere o soneto a seguir, de Gregório de Matos:

Descreve com galharda propriedade o labirinto confuso de suas desconfianças

Ó caos confuso, labirinto horrendo,
Onde não topo luz, nem fio achando;
Lugar de glória, aonde estou penando;
Casa da morte, aonde estou vivendo!

Oh voz sem distinção, Babel* tremendo;
Pesada fantasia, sono brando;
Onde o mesmo que toco, estou sonhando;
Onde o próprio que escuto, não o entendo;

Sempre és certeza, nunca desengano;
E a ambas pretensões com igualdade,
No bem te não penetro, nem no dano.

És ciúme martírio da vontade;
Verdadeiro tormento para engano;
E cega presunção para verdade.

*Babel: bíblico, torre inacabada por castigo divino; quando de sua construção os homens viram seus idiomas se confundirem, gerando o desentendimento que os obrigou a se dispersarem. Por extensão, desentendimento, confusão.

(MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos. Seleção e organização: José Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 219.*)

O soneto transcrito apresenta características recorrentes da poesia de Gregório de Matos e do período literário em que ele o escreveu, o Barroco. Acerca desse soneto, é correto afirmar:

- a) O poema descreve um labirinto e, de modo semelhante à imagem descrita, utiliza uma linguagem em que a ideia central só se apresenta no fim do texto.
- b) O poema se apropria de duas imagens, Babel e labirinto, com a intenção de tematizar um sentimento conturbado: a presunção.
- c) O poema se estrutura como um soneto típico, em que a ideia central está apresentada no primeiro quarteto.
- d) As figuras de linguagem utilizadas associam ideias contrárias, o que se contrapõe às imagens do labirinto e de Babel.
- e) O poema apresenta nos quartetos duas imagens concretas, dissociadas das abstrações apresentadas nos tercetos.

Comentários: O tema do soneto é o **ciúme**. É esse sentimento que provoca uma sensação de confusão, como se o poeta estivesse perdido num labirinto. A palavra ciúme, porém, só aparece no último terceto. Antes disso, o poeta apresenta metáforas e analogias sobre o sentimento. Por isso, a alternativa correta é A.

A alternativa B está incorreta, pois o tema do poema é ciúme, não presunção.

A alternativa C está incorreta, pois a ideia central do poema está apresentada no fim do texto, no último terceto.

A alternativa D está incorreta, pois as figuras de linguagem são semelhantes às ideias de labirinto e de Babel.



A alternativa E está incorreta, pois nos quartetos estão presentes diversas metáforas, ou seja, há imagens abstratas.

Gabarito: A

21. (FGV - 2013)

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Por que vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês ninfa cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias
Nas porções do riquíssimo tesouro
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

Cláudio Manuel da Costa, Obras.

Considere as seguintes informações sobre o texto:

Nesse poema, manifestam-se as fusões entre

- I. o reconhecimento da matriz marcadamente europeia do imaginário arcádico e a tentativa de sua transplantação para o Novo Mundo;
- II. o propósito nativista de louvar a própria terra e a percepção do caráter coisificado de sua condição colonial;
- III. configurações formais de ordem cultista e a utilização de elementos composicionais já mais típicos da poesia neoclássica.

Está correto o que se afirma em

- a) I, somente.
- b) I e II, somente.
- c) I e III, somente.
- d) II e III, somente.
- e) I, II e III.

Comentários:



A afirmação I. está correta, pois o Arcadismo brasileiro tenta transpor as ideias europeias para a realidade e paisagens brasileiras. Neste poema, o poeta louva o rio de sua terra, em contraste com o rio europeu.

A afirmação II. está correta, pois há um louvor aos aspectos naturais brasileiros, encarados pelos colonizadores como uma “coisa a ser possuída”.

A afirmação III. está correta, pois há uso de figuras de linguagem – principalmente metáforas – do modo que o cultismo usava. Por outro lado, há elementos típicos neoclássicos, como as imagens bucólicas e o louvor à natureza.

Gabarito: E

22. (UERN - 2013)

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia:

Enquanto com gentil descortesia
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança voadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trota a toda ligeireza,
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh, não aguardes, que a madura idade
Te converta em flor, essa beleza
Em terra, em cinza, em pó, em sobra, em nada.

*(Matos, Gregório de. Obra poética.
Vol. I. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1990. p. 507.)*

Acerca das característica(s) barroca(s) presente(s) no texto de Gregório de Matos, destaca(m)-se.

- I. Uso de linguagem vulgar e tratamento impiedoso às pessoas de sua época.
- II. Uso das figuras de linguagem antítese e paradoxo, evidenciando a oposição de ideias.
- III. Desenvolvimento do tema clássico “locus amoenus” (lugar tranquilo, agradável, onde se encontram os amantes).

Pode(m) ser apontada(s) como característica(s) barroca(s) presente(s) no texto de Gregório de Matos apenas

- a) I.

- b) II.
- c) III.
- d) II e III.

Comentários:

O item I. está incorreto, pois não há, nesse poema, linguagem vulgar.

O item II. está correto, pois há antíteses em diversos momentos do poema, como por exemplo “flor e cinza”, “aurora e dia”.

O item III. está incorreto, pois aqui o tema desenvolvido é o *carpe diem*, a brevidade da vida.

Gabarito: B

23. (UNESP - 2012)

Considere o poema de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810) para as questões 18 e 19.

18

*Não vês aquele velho respeitável,
que à muleta encostado,
apenas mal se move e mal se arrasta?
Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo,
o tempo arrebatado,
que o mesmo bronze gasta!*

*Enrugaram-se as faces e perderam
seus olhos a viveza:
voltou-se o seu cabelo em branca neve;
já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo,
nem tem uma beleza
das belezas que teve.*

*Assim também serei, minha Marília,
daqui a poucos anos,
que o ímpio tempo para todos corre.
Os dentes cairão e os meus cabelos.
Ah! sentirei os danos,
que evita só quem morre.*

*Mas sempre passarei uma velhice
muito menos penosa.
Não trarei a muleta carregada,
descansarei o já vergado corpo
na tua mão piedosa,
na tua mão nevada.*

*As frias tardes, em que negra nuvem
os chuveiros não lance,
irei contigo ao prado florescente:
aqui me buscarás um sítio ameno,
onde os membros descanse,
e ao brando sol me aquente.*

*Apenas me sentar, então, movendo
os olhos por aquela
vistosa parte, que ficar fronteira,
apontando direi: — Ali falamos,
ali, ó minha bela,
te vi a vez primeira.*

*Verterão os meus olhos duas fontes,
nascidas de alegria;
farão teus olhos ternos outro tanto;
então darei, Marília, frios beijos
na mão formosa e pia,
que me limpar o pranto.*

*Assim irá, Marília, docemente
meu corpo suportando
do tempo desumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marília
quem, sentida, chorando
meus baços olhos cerra.*



A leitura atenta deste poema do livro *Marília de Dirceu* revela que o eu lírico

- a) sente total desânimo perante a existência e os sentimentos.
- b) aceita com resignação a velhice e a morte amenizadas pelo amor.
- c) está em crise existencial e não acredita na durabilidade do amor.
- d) protesta ao Criador pela precariedade da existência humana.
- e) não aceita de nenhum modo o envelhecimento e prefere morrer ainda jovem.

Comentários: A morte é o fim inescapável do homem. Por isso, deve-se viver e aproveitar cada um dos dias. O modo como o poeta encara que os dias devem ser aproveitados é com amor. Por isso, a alternativa correta é a B.

A alternativa A está incorreta, pois o poeta não sente desânimo pelos sentimentos. Ele vê no amor a possibilidade de amenizar o fim inevitável da morte.

A alternativa C está incorreta, pois o poeta não está em crise e vê no amor o melhor jeito de aproveitar a vida.

A alternativa D está incorreta, pois o diálogo do poema é com a mulher amada, não com Deus.

A alternativa E está incorreta, pois ele não se aflige com a ideia de velhice, já que estará ao lado da mulher que ama.

Gabarito: B

24. (UNESP - 2012)

No conteúdo da quinta estrofe do poema encontramos uma das características mais marcantes do Arcadismo:

- a) paisagem bucólica.
- b) pessimismo irônico.
- c) conflito dos elementos naturais.
- d) filosofia moral.
- e) desencanto com o amor.

Comentários: Na quinta estrofe o poeta fala sobre o “prado florescente” e cita “sítio ameno”, tradução do tema árcade *locus amoenus*. Portanto, a característica do Arcadismo que se encontra aqui é a paisagem bucólica, alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois o pessimismo irônico não é um tema árcade.

A alternativa C está incorreta, pois o conflito dos elementos naturais não é um tema árcade.

A alternativa D está incorreta, pois a filosofia moral não é um tema árcade.

A alternativa E está incorreta, pois o desencanto com o amor não é um tema árcade.

Gabarito: A



25. (UFPR - 2012)

Considerando a poesia de Gregório de Matos e o momento literário em que sua obra se insere, avalie as seguintes afirmativas:

1. Apresentando a luta do homem no embate entre a carne e o espírito, a terra e o céu, o presente e a eternidade, os poemas religiosos do autor correspondem à sensibilidade da época e encontram paralelo na obra de um seu contemporâneo, Padre Antônio Vieira.
2. Os poemas erótico-irônicos são um exemplo da versatilidade do poeta, mas não são representativos da melhor poesia do autor, por não apresentarem a mesma sofisticação e riqueza de recursos poéticos que os poemas líricos ou religiosos apresentam.
3. Como bom exemplo da poesia barroca, a poesia do autor incrementa e exagera alguns recursos poéticos, deixando sua linguagem mais rebuscada e enredada pelo uso de figuras de linguagem raras e de resultados tortuosos.
4. A presença do elemento mulato nessa poesia resgata para a literatura uma dimensão social problemática da sociedade baiana da época: num país de escravos, o mestiço é um ser em conflito, vítima e algoz em uma sociedade violentamente desigual.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 1, 3 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.
- e) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.

Comentários:

A afirmativa 1. está correta, pois o embate entre opostos é uma das essências do movimento Barroco.

A afirmativa 2. está incorreta, pois independente do gênero (lírico ou satírico) mantém-se o rebuscamento e sofisticação da construção poética.

A afirmativa 3. está correta, pois a linguagem rebuscada é uma característica do período.

A afirmativa 4. está correta, pois para a sociedade da época, muito estratificada, as pessoas negras de pele clara sofriam um conflito por não se identificar realmente com nenhuma das etnias.

Gabarito: C

26. (UEL - 2011)

Triste Bahia! Oh quão dessemelhante
Estás, e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!

(MATOS, Gregório de. *Poesias selecionadas*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1998. p. 141.)

A partir da leitura do texto, considere as afirmativas a seguir.

- I. O poema faz parte da produção de Gregório de Matos caracterizada pelo cunho satírico, visto que ridiculariza vícios e imperfeições e assume um tom de censura.
- II. As figuras do desconsolado poeta, da triste Bahia e do sagaz Brichote são imagens poéticas utilizadas para expressar a existência de um triângulo amoroso.
- III. O poema apresenta a degradação da Bahia e do eu-lírico, em virtude do sistema de trocas imposto à Colônia, o qual privilegiava os comerciantes estrangeiros.
- IV. Os versos “Que em tua larga barra tem entrado” e “Deste em dar tanto açúcar excelente” conferem ao poema um tom erótico, pois, simbolicamente, sugerem a ideia de solicitação ao prazer.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e III são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

Comentários:

A afirmativa I está correta, pois ridiculariza os comportamentos reprováveis dos negociantes e dos colonizadores.

A afirmativa II está incorreta, pois não há tema amoroso nesse poema, mas sim caráter satírico quanto à sociedade baiana.

A afirmativa III está correta, pois a grande crítica do poema está no sistema de negociação, que degrada os homens e a Bahia.



A afirmativa IV está incorreta, pois não há tom erótico no poema, mas sim satírico.

Gabarito: B

27. (FGV - 2010)

Vila Rica

O ouro fulvo* do ocaso as velhas casas cobre;
Sangram, em laivos* de ouro, as minas, que ambição
Na torturada entranha abriu da terra nobre:
E cada cicatriz brilha como um brasão.

O ângelus plange ao longe em doloroso dobre,
O último ouro de sol morre na cerração.
E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,
O crepúsculo cai como uma extrema-unção.

Agora, para além do cerro, o céu parece
Feito de um ouro ancião, que o tempo enegreceu...
A neblina, roçando o chão, cicia, em prece,

Como uma procissão espectral que se move...
Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...
Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

Olavo Bilac

***Glossário:**

“fulvo”: de cor alaranjada.

“laivos”: marcas; manchas; desenhos estreitos e coloridos nas pedras; restos ou vestígios.

No penúltimo verso, há uma referência ao pseudônimo árcade de um poeta ligado à cidade descrita no poema. Trata-se do autor da obra **Marília de Dirceu**, cujo nome é

- a) Gonçalves Dias.
- b) Silva Alvarenga.
- c) Basílio da Gama.
- d) Cláudio Manuel da Costa.
- e) Tomás Antônio Gonzaga.

Comentário: Esta é uma questão puramente de verificação de conteúdo, sem interpretação. A resposta é Alternativa E, Tomás Antônio Gonzaga.

Somente a Alternativa A apresenta um escritor de outro movimento literário: Gonçalves Dias, escritor romântico.

Gabarito: E

28. (IBMEC - 2010)



Marília de Dirceu

Enquanto pasta, alegre, o manso
gado,
minha bela Marília, nos sentemos
À sombra deste cedro levantado.
Um pouco meditemos
Na regular beleza,
Que em tudo quanto vive nos
descobre
A sábia Natureza.

Atende como aquela vaca preta
O novilhinho seu dos mais separa,
E o lambe, enquanto chupa a lisa
teta.
Atende mais, ó cara,
Como a ruiva cadela
Suporta que lhe morda o filho o
corpo,
E salte em cima dela.

Repara, como cheia de ternura
Entre as asas ao filho essa ave
aquece,
Como aquela esgravata a terra dura,
E os seus assim sustenta;
Como se encoleriza,
E salta sem receio a todo o vulto,

Que junto deles pisa.

Que gosto não terá a esposa amante,
Quando der ao filhinho o peito
brando,
E refletir então no seu semblante!
Quando, Marília, quando
Disser consigo: "É esta
"De teu querido pai a mesma barba,
"A mesma boca, e testa."

Que gosto não terá a mãe, que toca,
Quando o tem nos seus braços, c'o
dedinho
Nas faces graciosas, e na boca
Do inocente filhinho!
Quando, Marília bela,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecê-la!

Que prazer não terão os pais ao
verem
Com as mães um dos filhos
abraçados;
Jogar outros luta, outros correrem
Nos cordeiros montados!
Que estado de ventura!
Que até naquilo, que de peso serve,
Inspira Amor, doçura.

(GONZAGA, Tomás Antônio. Marília de Dirceu.

In: Proença Filho, Domicio. Org. A poesia dos inconfindentes.

Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996, p. 605.)

É correto afirmar sobre esses versos

- O cenário bucólico e pastoril, típico dos poemas árcades, contrasta com a seleção de palavras de baixo calão como “vaca”, “teta” e “cadela”.
- Inspirado nos clássicos greco-latinos e renascentistas, o poeta recorre a uma linguagem rebuscada e extravagante para valorizar a técnica barroca.
- Embora tenha a estrutura de um diálogo, os versos devem ser interpretados como um monólogo no qual o poeta reflete sobre a sabedoria da natureza, tomada como modelo de equilíbrio.
- O eu-lírico expressa seu ufanismo, pois idealiza a pátria e sua amada, Marília, de forma a antecipar os ideais do Romantismo.

e) O poeta envolve sua amada numa atmosfera onírica para enfatizar a transfiguração do amor.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois essas palavras não estão aqui com valor pejorativo. Elas apenas representam os termos “puros”, sem eufemismos.

A alternativa B está incorreta, pois a linguagem não é rebuscada, nem pertence ao Barroco.

A alternativa D está incorreta, pois não há sentimento ufanista, tão somente de valorização da natureza.

A alternativa E está incorreta, pois não há atmosfera onírica, ou seja, de sonho, no poema. Ele apenas projeta o futuro com a amada.

Gabarito: C

Texto para questões 29, 30 e 31.

Lira 83

Que diversas que são, Marília, as horas,
que passo na masmorra imunda e feia,
dessas horas felizes, já passadas
na tua pátria aldeia!

Então eu me ajuntava com Glauceste;
e à sombra de alto cedro na campina
eu versos te compunha, e ele os
compunha
à sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva;
de exceder um ao outro qualquer trata;
o eco agora diz: Marília terna;
e logo: Eulina ingrata.

Deixam os mesmos sátiros as grutas:
um para nós ligeiro move os passos,
ouve-nos de mais perto, e faz a flauta
cos pés em mil pedaços.

— Dirceu — clama um pastor — ah! bem
merece

da cândida Marília a formosura.
E aonde — clama o outro — quer Eulina
achar maior ventura?

Nenhum pastor cuidava do rebanho,
enquanto em nós durava esta porfia;
e ela, ó minha amada, só findava
depois de acabar-se o dia.

À noite te escrevia na cabana
os versos, que de tarde havia feito;
mal tos dava e os lia, os guardavas
no casto e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
banhados com as lágrimas do gosto,
jurava não cantar mais outras graças
que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento;
eu agora, Marília, não as canto;
mas inda vale mais que os doces versos
a voz do triste pranto.

(GONZAGA, T. A. *Marília de Dirceu & Cartas Chilenas*.
São Paulo: Ática, 1997. p. 126-127.)

29. (UEL - 2010)

Com base no poema de Tomás Antônio Gonzaga, considere as afirmativas a seguir:



- I. Na primeira estrofe do poema, o eu-lírico coloca lado a lado sua situação de prisioneiro político no presente da elaboração do poema e sua situação de estrangeiro no passado vivido em ambiente urbano.
- II. Na quinta estrofe do poema, há o registro da “porfia”, ou seja, da disputa obstinada efetivada por meio de palavras, de dois pastores: Dirceu (Tomás Antônio Gonzaga) e Glauceste (Cláudio Manuel da Costa).
- III. Nas estrofes de números 7 e 8, depara-se o leitor com ambiente distinto daquele compartilhado com Glauceste, pois agora o ambiente é fechado e restrito ao convívio com a mulher amada.
- IV. Na última estrofe do poema, o eu-lírico afirma continuar cantando as graças de outros rostos, embora só consiga sentir o ambiente fétido e repugnante da prisão.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- b) Somente as afirmativas II e III são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.

Comentários:

A afirmativa I. está incorreta, pois o poeta não relembra de tempos vividos no ambiente urbano, mas sim bucólico.

A afirmativa II. está correta, pois há nos versos as expressões “clama um pastor” e “clama o outro”, deixando implícito que se trata dos dois poetas conversando. Além disso, há a referência anterior a Glauceste, o pseudônimo de Claudio Manuel da Costa.

A afirmativa III. está correta, pois descreve o tempo em que o poeta vivia com sua amada.

A afirmativa IV. está incorreta, pois o que se afirma é o oposto: que o poeta continua fiel à amada, sem cantar outros rostos, como lhe prometeu.

Gabarito: B

30. (UEL - 2010)

O ideal horaciano da “áurea mediocridade”, tão cultivado pelos poetas árcades, faz-se presente pelo registro

- a) de uma existência em contato com seres míticos, como é o caso dos sátiros.
- b) de uma vida raciocinante expressa por meio de linguagem elaborada metaforicamente.
- c) da aceitação obstinada dos reveses da vida impostos pela política.
- d) do prazer suscitado pelas situações difíceis a serem disciplinadamente encaradas.



e) de uma vida tranquila e amorosa em contato com a natureza sempre amena.

Comentários: Este ideal se faz presente nesse poema na valorização da vida tranquila com a amada que vivia antes da prisão. É seu tempo no campo que é colocado como ideal. Por isso, a alternativa correta é E.

A alternativa A está incorreta, pois a referência a seres míticos não tem a ver com o ideal de equilíbrio.

A alternativa B está incorreta, pois este ideal prega a valorização da simplicidade.

A alternativa C está incorreta, pois este ideal não tem a ver com a aceitação obstinada de nenhum tipo de mal, mas sim de equilíbrio no cotidiano.

A alternativa D está incorreta, pois este ideal valoriza o equilíbrio, não os extremos, como seriam as situações difíceis.

Gabarito: E

31. (UEL PR/2010)

Assinale a alternativa que enumera corretamente as características do Arcadismo brasileiro presentes no poema de Tomás Antônio Gonzaga.

a) A presença do ambiente rústico; a transmissão da palavra poética ao autor; a celebração da vida familiar; a engenhosa elaboração pictórica do poema de maneira a dominarem as figuras de linguagem.

b) A presença do ambiente nacional; a supressão da palavra poética; a celebração da vida familiar; a construção pictórica do poema de maneira a dominarem as figuras de linguagem.

c) A presença do ambiente urbano; a transmissão da palavra poética ao autor; a celebração da vida rústica; a elaboração predominantemente hiperbólica do poema.

d) A presença de ambiente bucólico; a delegação da palavra poética a um pastor; a celebração da vida simples; a clareza, a lógica e a simplicidade na construção do poema.

e) A presença do ambiente nacional; a delegação da palavra poética a um pastor; a celebração da vida em sociedade; a construção racional do poema enfatizando o decoro e a discrição.

Comentários: A alternativa D é a única que apresenta apenas ideais árcades: bucolismo, o pastor como personagem, a exaltação da simplicidade, a clareza na linguagem.

A alternativa A está incorreta, pois o arcadismo conta com simplicidade na linguagem, não elaboração engenhosa.

A alternativa B está incorreta, pois não há predomínio das figuras de linguagem.

A alternativa C está incorreta, pois não há a presença do ambiente urbano, mas sim bucólico.

A alternativa E está incorreta, pois não há celebração da vida em sociedade, mas sim do isolamento.

Gabarito: D

32. (UFSM RS/2010)



Aportando na costa brasileira, Pero Vaz de Caminha depara-se com uma realidade paradisíaca, mas a descreve objetivamente, quase como antropólogo. No século seguinte, qual será a perspectiva de Gregório de Matos sobre a mesma terra?

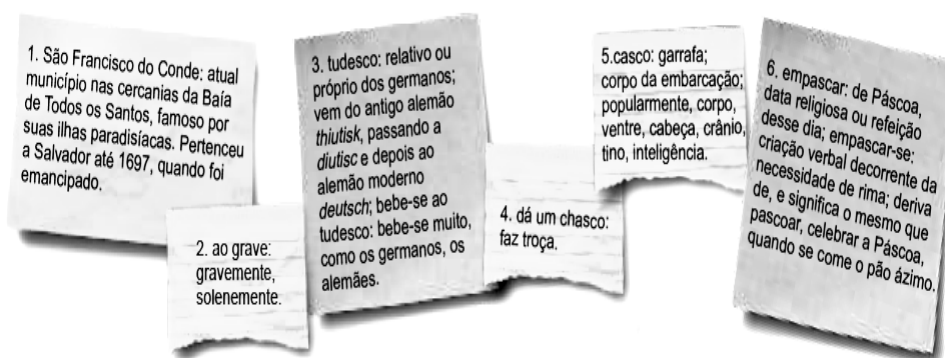
SONETO

*Há cousa como estar em São Francisco¹
donde vamos ao pasto tomar fresco?
Passam as negras, fala-se burlesco,
fretam-se todas, todas caem no visco.*

*O peixe roda aqui, ferve o marisco,
come-se ao grave², bebe-se ao tudesco,³
vêm barcos da cidade com refresco,
há já tanto biscoito como cisco.*

*Chega o Faísca, fala, e dá um chasco⁴,
começa ao dia, acaba ao lusco-fusco,
não cansa o paladar, rompe-se o casco⁵.*

*Joga-se em casa em sendo o dia brusco;
vem-se chegando a Páscoa, e se eu me empasco⁶,
os lombos do tatu é o pão que busco.*



Considere as afirmativas:

- I. Ao poeta não impressiona, como a Pero Vaz de Caminha, a inocência tropical da mulher autóctone, mas a sensualidade buliçosa da africana; a ele não apraz a pureza das águas infindas que chamaram a atenção do escrivão, e sim a bebida (alcoólica) em abundância, além da mesa farta.
- II. A viagem do poeta a São Francisco parece coincidir com a data da chegada de Cabral à "Terra de Vera Cruz", isto é, por ocasião da Páscoa.

III. O poema testemunha a licenciosidade que reinava na Colônia e que motivou a produção satírica de Gregório de Matos.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e III.
- e) I, II e III.

Comentários: Esta questão envolvia o conhecimento de expoentes de duas escolas literárias diferentes: Quinhentismo e Arcadismo.

A afirmativa I. está correta, pois enquanto Caminha descreveu as terras recém-descobertas como um lugar calmo e de povo ameno, Gregório descreve um cenário mais grotesco e miserável do Brasil, com bebidas e confusões.

A afirmativa II. está correta, pois há na última estrofe uma referência ao que o poeta fará quando chegar a Páscoa.

A afirmativa III. está correta, pois há referências à libertinagem das colônias na primeira estrofe, ao mostrar como o poeta via o comportamento das mulheres negras, relacionando-o a palavras como “burlesco”.

Gabarito: E

33. (UFSCar - 2009)

Lira III

Tu não verás, Marília, cem cativos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao hábil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens matos,
Queimar as capoeiras inda novas;
Servir de adubo à terra a fértil cinza,
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo;

Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-ás folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Enquanto revolver os meus Consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os fastos da sábia, mestra História,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bela;
Eu, vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma beleza,



Marília, não lhes invejes a ventura,
Que tens quem leve à mais remota idade

A tua formosura.

(Tomás Antônio Gonzaga, Marília de Dirceu.)

Dentre os temas presentes na poesia de Gonzaga, destaca-se, nesse texto, a

- a) idealização da natureza pastoril grega.
- b) antecipação da felicidade conjugal.
- c) influência do poema Camões, de Garret.
- d) presença do medievalismo europeu.
- e) dominação de Portugal sobre o Brasil-Colônia.

Comentários: Nesse poema, Dirceu pinta um quadro de como será o futuro de Marília após se casar com ele e como ela será feliz. Por isso, a antecipação da felicidade conjugal é o tema desse poema, portanto, alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois não há referência à cultura clássica nesse poema.

A alternativa C está incorreta, pois Garret é um autor posterior a Gonzaga.

A alternativa D está incorreta, pois não há referência medieval.

A alternativa E está incorreta, pois o conflito da dominação colonial não aparece nesse poema.

Gabarito: B

34. (ENEM - 2009)

Lisongeia outra vez impaciente a retenção de sua mesma desgraça...

Gregório de Matos

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo claramente
Na vossa ardente vista o sol ardente,
E na rosada face a Aurora fria:

Enquanto pois produz, enquanto cria
Essa esfera gentil, mina excelente
No cabelo o metal mais reluzente,
E na boca a mais fina pedraria:

Gozai, gozai da flor da formosura,
Antes que o frio da madura idade
Tronco deixe despido, o que é verdura.

Que passado o Zenith da mocidade,
Sem a noite encontrar da sepultura,
É cada dia ocaso de beldade.



O Barroco é um movimento complexo, considerado como a arte dos contrastes. O poema de Gregório de Matos, que revela características do Barroco brasileiro, é uma espécie de livre-tradução de um poema de Luís de Góngora, importante poeta espanhol do século XVII.

Fruto de sua época, o poema de Gregório de Matos destaca

- a) a regular alternância temática entre versos pares e ímpares.
- b) o contraste entre a beleza física da mulher e a religiosidade do poeta.
- c) o pesar pela transitoriedade da juventude e a certeza da morte ou da velhice.
- d) o uso de antíteses para distinguir o que é terreno e o que é espiritual na mulher.
- e) a concepção de amor que se transforma em tormento da alma e do corpo do eu lírico.

Comentários: O grande tema desse poema é a transitoriedade da vida. Nos versos “Gozai, gozai da flor da formosura, / Antes que o frio da madura idade / Tronco deixe despido” isso fica claro. Portanto, a alternativa correta é a C.

A alternativa A está incorreta, pois não há essa regularidade nos temas.

A alternativa B está incorreta, pois não há esse contraste. O contraste no poema é entre a juventude e a velhice.

A alternativa D está incorreta, pois as antíteses são para reforçar as dualidades acerca da efemeridade da vida, não acerca da mulher.

A alternativa E está incorreta, pois o tormento está na efemeridade da vida, não o amor.

Gabarito: C

Considere os versos de Gregório de Matos para as questões 35 e 36

Neste mundo é mais rico, o que mais rapa:
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa:
Com sua língua ao nobre o vil decepa:
O Velhaco maior sempre tem capa.

35. (UNIFESP - 2009)

Nos versos, o eu lírico deixa evidente que

- a) uma pessoa se torna desprezível pela ação do nobre.
- b) o honesto é quem mais aparenta ser desonesto.
- c) geralmente a riqueza decorre de ações ilícitas.



- d) as injúrias, em geral, eliminam as injustiças.
- e) o vil e o rico são vítimas de severas injustiças.

Comentários: Para Gregório de Matos, os homens mais ricos só o são porque são desonestos. “Rapa”, aqui, significa “roubar”. Portanto, a alternativa C é a correta.

A alternativa A está incorreta, pois a oração que consta com esses termos, na ordem direta, seria “O vil decepa ao nobre com sua língua”, ou seja, o vil destrói o nobre pelas palavras.

A alternativa B está incorreta, pois o correto é o oposto: quem mais aparenta limpo, mais sujo é (Carepa significa caspa).

A alternativa D está incorreta, pois não há no poema informação que comprove que falar mal dos poderosos diminua as injustiças.

A alternativa E está incorreta, pois o rico comete as injustiças, não é vítima delas.

Gabarito: C

36. (UNIFESP - 2009)

Levando em consideração que, em sua produção literária, Gregório de Matos dedicou-se também à sátira irreverente, pode-se afirmar que os versos se marcam

- a) pelo sentimentalismo, fruto da sintonia do eu lírico com a sociedade.
- b) pela indiferença, decorrente da omissão do eu lírico com a sociedade.
- c) pelo negativismo, pois o eu lírico condena a sociedade pelo viés da religião.
- d) pela indignação, advinda de um ideal moralizante expresso pelo eu lírico.
- e) pela ironia, já que o eu lírico supõe que todas as pessoas são desonestas.

Comentários: Nesta questão, o aluno precisava conhecer a poesia de Gregório de Matos com maior detalhamento, pois não havia texto de apoio. A poesia satírica de Gregório de Matos é marcada pela indignação contra os colonizadores e os poderosos das cidades brasileiras na época. Portanto, a alternativa correta é a D.

A alternativa A está incorreta, pois na poesia satírica não há sentimentalismo nem sintonia com a sociedade.

A alternativa B está incorreta, pois o poeta não fica indiferente, pelo contrário, fica indignado com a situação.

A alternativa C está incorreta, pois Gregório condena através do **poder**. Os detentores do poder, independente de onde ele venha, são criticados.

A alternativa E está incorreta, pois nem todas as pessoas são desonestas para ele, apenas os poderosos.

Gabarito: D

37. (ENEM - 2009)

Texto 1



José de Anchieta fazia parte da Companhia de Jesus, veio ao Brasil aos 19 anos para catequizar a população das primeiras cidades brasileiras e, como instrumento de trabalho, escreveu manuais, poemas e peças teatrais.

Texto 2

Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosque e não se vê em todo ano árvore nem erva seca. Os arvoredos se vão às nuvens de admirável altura e grossura e variedade de espécies. Muitos dão bons frutos e o que lhes dá graça é que há neles muitos passarinhos de grande formosura e variedades e em seu canto não dão vantagem aos rouxinóis, pintassilgos, colorinos e canários de Portugal e fazem uma harmonia quando um homem vai por este caminho, que é para louvar o Senhor, e os bosques são tão frescos que os lindos e artificiais de Portugal ficam muito abaixo.

ANCHIETA, José de. Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta. Rio de Janeiro: S.J., 1933, 430-31 p.

A leitura dos textos revela a preocupação de Anchieta com a exaltação da religiosidade. No texto 2, o autor exalta, ainda, a beleza natural do Brasil por meio

- a) do emprego de primeira pessoa para narrar a história de pássaros e bosques brasileiros, comparando-os aos de Portugal.
- b) da adoção de procedimentos típicos do discurso argumentativo para defender a beleza dos pássaros e bosques de Portugal.
- c) da descrição de elementos que valorizam o aspecto natural dos bosques brasileiros, a diversidade e a beleza dos pássaros do Brasil.
- d) do uso de indicações cênicas do gênero dramático para colocar em evidência a frescura dos bosques brasileiros e a beleza dos rouxinóis.
- e) do uso tanto de características da narração quanto do discurso argumentativo para convencer o leitor da superioridade de Portugal em relação ao Brasil.

Comentários: O texto faz parte de escritos informativos de Anchieta, cujo foco era relatar o que via e vivia no Brasil. Neste trecho, ele fala sobre as belezas da fauna e flora brasileiras. Portanto, a alternativa correta é C.

A alternativa A está incorreta, pois o texto está em terceira pessoa, não primeira.

A alternativa B está incorreta, pois o texto compara os bosques naturais do Brasil aos artificiais de Portugal e defende que os brasileiros são superiores.

A alternativa D está incorreta, pois não há marcas do texto dramático nesse trecho.

A alternativa E está incorreta, pois para Anchieta, os bosques do Brasil são superiores aos de Portugal.

Gabarito: C

38. (IME – 2009)

Entre a lembrança e a realidade: registros de viagem.



NEVES, Auricléa Oliveira das. Entre a lembrança e a realidade: registros de viagem. Amazonas: Universidade do Estado do Amazonas, 2008.

As viagens têm um profundo significado na história da humanidade. Inicialmente, no período da coleta, as migrações se faziam pela necessidade de buscar alimentos, posteriormente elas foram realizadas para conquistar espaços mais apropriados para o bem estar da comunidade. Outros objetivos também suscitaram o deslocamento do homem: a posse de espaços territoriais, a exploração de riquezas, o conhecimento de novas terras, o estudo de locais específicos, ou simplesmente a viagem como forma de lazer.

(...)

No plano ficcional, vários autores no Ocidente, a partir de Homero, com a Odisseia, se dedicaram a usar as viagens como tema. Na literatura de língua portuguesa, os registros iniciais são oriundos dos relatos orais de marinheiros, apontamentos náuticos, diários de bordo, escritos de pilotos que, presumidamente, serviram de fonte para Gomes Eanes de Zurara, primeiro cronista conhecido das viagens oceânicas portuguesas.

Na história literária da América e do Brasil, os primeiros registros advêm dos escritos de viajantes: o Diário de Cristóvão Colombo e a Carta de Pero Vaz de Caminha.

A revelação de novos espaços, paisagens, floras, faunas, costumes e religiões, as aventuras e peripécias de viagens mais fabulosas que dos romances de cavalaria e as dos poemas da Antiguidade, inspiraram [...] uma vasta literatura descritiva e narrativa, que assumiu várias formas desde os grandes tratados históricos ou geográficos em grossos volumes até às curtas reportagens em folhetos de cordel. (Saraiva & Lopes, 1982, p.294)

Em cada época, as jornadas se realizaram de formas e condições variadas, seus viajantes apresentaram objetivos diversos como conquista, exploração, reconhecimento, administração, catequese, aventura ou lazer. Durante o Iluminismo, com a mudança de mentalidade de muitos dirigentes, as relações entre os governos da Europa e suas colônias da América assumem novos significados, assim, as viagens passaram a ter o caráter científico. O empreendedor dessas jornadas tem a preocupação com a observação, a descrição e a classificação de tudo que há nas terras conquistadas no século XVI para que os governos possam inventariar a fortuna natural de suas colônias e obter controle sobre elas.

Considere o título do texto 1 destacado abaixo e as afirmativas a seguir.

Entre a lembrança e a realidade: registros de viagem.

I. De acordo com o texto, relatos orais não podem ser considerados registros de viagem.

II. A expressão “Entre a lembrança e a realidade” pode ser considerada como preocupação com a memória enquanto dado histórico de uma nação. Esta afirmativa pode ser comprovada com a seguinte afirmação da autora: “O empreendedor dessas jornadas tem a preocupação com a observação, a descrição e a classificação de tudo que há nas terras conquistadas no século XVI para que os governos possam inventariar a fortuna natural de suas colônias e obter controle sobre elas”.



III. O objetivo primeiro das viagens, segundo a autora, foi: “serem realizadas para conquistar espaços mais apropriados para o bem estar da comunidade”.

Pode-se dizer que está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

- (A) I
- (B) II
- (C) III
- (D) I e II
- (E) II e III

Comentários:

A afirmativa I. está incorreta, pois segundo a autora, muitos registros de viagem na literatura portuguesa nasceram de relatos orais dos marinheiros que desconheciam a escrita.

A afirmativa II. está correta, pois a preocupação da autora é que relatos baseados em memórias não sejam fidedignos, pois só se escolhe lembrar e anotar aquilo que era conveniente pra época.

A afirmativa III. está incorreta, pois a autora afirma que o primeiro objetivo dos deslocamentos foi a busca de recursos para a subsistência, como comida.

Gabarito: B

39. (UERGS - 2009)

Leia com atenção os textos 1, 2 e 3, de Gregório de Matos Guerra.

TEXTO 1

“Pequei, Senhor, mas não por que hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque quanto mais tenho delinquido
Vos tem a perdoar mais empenhado”

TEXTO 2

“Qual homem pode haver tão paciente
Que, vendo o triste estado da Bahia,
Não chore, não suspire e não lamente?” ...

TEXTO 3

“Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos e boca, o sol e o dia.”

Analise as afirmações que são feitas a respeito dos textos 1, 2 e 3, acima citados.

- I. O texto 1 retrata o lirismo amoroso do autor.



- II. Os textos 2 e 3 retratam, respectivamente, a poesia satírica e a poesia amorosa do autor.
- III. Os textos 1 e 3 retratam, respectivamente, a poesia amorosa e a poesia religiosa do autor.

Quais estão corretas?

- a) Somente I.
- b) Somente II.
- d) Somente III.
- d) Somente I e III.
- e) I, II e III.

Comentários:

A afirmação I. está incorreta, pois o texto 1 se refere à poesia sacra (religiosa).

A afirmação II. está correta, pois o texto 2 se refere à poesia satírica e o texto 3 se refere à poesia lírica (amorosa).

A afirmação III. está incorreta, pois o texto 1 se refere à poesia sacra (religiosa) e o texto 3 se refere à poesia lírica (amorosa), ou seja, está invertida a indicação da afirmação.

Gabarito: B

40. (CEFET - 2009)

Sobre a literatura dos jesuítas, pode-se afirmar que:

- a) visava catequizar.
- b) é rica de informação.
- c) não tinha, propriamente, grande valor literário.
- d) seus maiores expoentes são o Padre Anchieta e o Padre Vieira.
- e) tinha intenção pedagógica e moral.
- f) a obra de Anchieta é a mais importante.
- g) Nóbrega escreveu “De Beata Virgine”.

Estão corretas somente as afirmativas:

- a) a, b, c, d, e
- b) a, b, d, e, f
- c) b, c, d, e, f
- d) a, b, c, e, f
- e) b, c, e, f, g



Comentários:

A afirmação A está correta, pois o objetivo dos jesuítas era espalhar o catolicismo através da catequização.

A afirmação B está correta, pois há muitos textos relatando as condições da colônia e a fauna e flora brasileiras.

A afirmação C está correta, pois seu valor é mais documental que literário.

A afirmação D está incorreta, pois Padre Antônio Vieira, apesar de jesuíta, não produz **literatura jesuíta**. Por conta das características de seu texto, ele se enquadra no movimento Barroco.

A afirmação E está correta, pois sua literatura tinha a intenção de ensinar os preceitos do catolicismo.

A afirmação F está correta, pois José de Anchieta é o autor de literatura jesuíta mais importante.

A afirmação G está incorreta, pois “De Beata Virgine” foi escrito por Anchieta.

Gabarito: D

6 – REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 2017.

BOSI, Alfredo. Reflexões sobre a arte. São Paulo: Editora Ática, 1986.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

PASCOALIN & SPADOTO. Gramática: teoria e exercícios. São Paulo, FTD, 1996.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu sei que esse assunto cai pouco na prova do ITA, mas esse assunto é muito importante!

Posteriormente na literatura brasileira, muitos autores irão tomar a produção do Brasil Colônia como referência para suas obras, dentre eles movimentos importantes como o Romantismo e o Modernismo. Portanto, **se você compreender bem esse material agora, você se sentirá mais pronto nas aulas dos próximos movimentos literários.**

Na próxima aula, veremos um movimento muito importante: o Romantismo.

Até lá, pratique bastante com os exercícios desta aula, para chegar sem dúvidas na próxima aula! Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Prof.ª Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil



Versão	Data	Modificações
1	29/11/2019	Primeira versão do texto.

